# FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.913 SEGUNDA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 2022 R$ 5,00


## Busca de nióbio na Amazônia cresce no governo Bolsonaro

Autorização de pesquisa para exploração de metal promovido pelo presidente mais do que dobra na região

As autorizações concedidas para a prospecção de nióbio na Amazônia mais do que dobraram no governo do maior divulgador do metal no Brasil, Jair Bolsonaro.

A Agência Nacional de Mineração concedeu, no triênio sob Bolsonaro, 64 autorizações para pesquisa sobre o metal na região amazônica, ante 25 no período de 2016 a 2018.

Houve pesquisa em nove assentamentos de reforma agrária e franjas de reservas ambientais e indígenas.

Desde a campanha, Bolsonaro cita o nióbio, que tem várias aplicações industriais e comerciais para reforçar ligas metálicas e torná-las mais leves, como justificativa para exploração em áreas de conservação.

A legislação para mudar o veto atual a isso não avançou no Congresso, apesar de o governo ter tentado. O discurso oficial ignora o fato de que o Brasil já é dono de 88% das reservas do metal no mundo, concentradas em Minas Gerais.

As jazidas atuais, dizem especialistas, são suficientes para suprir o mercado nas próximas décadas.

Autorizações para outros minérios, como tântalo, bauxita e manganês, se mantiveram estáveis nos anos de Bolsonaro.

O Incra diz não haver óbice à pesquisa em áreas de assentamento. O ICMBio afirmou não ter registro de exploração em reserva ambiental, e a Funai não respondeu sobre ações em terras indígenas. Ambiente B1

Lanchas no Cantão do Indaiá, na praia de Bertioga, litoral norte de SP Eduardo Anizelli/Folhapress

### Alta dos juros torna Tesouro Direto atraente

O novo aumento da taxa básica de juros, levando o índice aos dois dígitos, reafirma a atratividade de investimentos de renda fixa. O Tesouro Direto é um dos mais procurados, com boa rentabilidade e baixo risco, embora demande planejamento de mais longo prazo. Folhainvest A11

### Aras usa casos para tenta reduzir fama de governista

Alinhado ao Planalto, o procurador-geral da República, Augusto Aras, tenta minimizar a pecha com casos promovidos pelo Ministério Público contra aliados de Bolsonaro acusados de racismo e homofobia. Ele continua atendendo a pedidos do entorno presidencial. Política A4

ENTREVISTA DA 2ª

**Vilma Reis**

### Xenofobia no Brasil é indissociável do racismo

Comentando o assassinato do congolês Moïse Kabagambe no Rio, a socióloga Vilma Reis diz que o Brasil trata imigrantes negros com repulsa, enquanto é receptivo a brancos. "Um país que se vangloria tanto de ser aberto, o Brasil tem tido uma postura racista", indissociável da xenofobia, diz. A10

**Folha Verão B5**
Distanciamento social estimula os passeios de lancha no litoral paulista

**Esporte B6**
Preços altos coíbem invasão palmeirense para acompanhar time no Mundial

**Ilustrada C1**
Música da animação 'Encanto' surpreende e ganha as paradas com ajuda das redes

### Política de preço da Petrobras divide presidenciáveis

Mercado A14

### Washington envia tropas, mas nega guerra com Rússia

Mundo A9

**Celso R. de Barros**

*Luta antivacina é álibi bolsonarista*

Bolsonaro e seus aliados também são anti-vaxxer por temerem a cadeia. Se deixar de mentir que vacinas matam, ele terá de admitir que matou muita gente por não tê-las comprado a tempo. Política A6

**EDITORIAIS A2**

*Realismo partidário*
Sobre federações de legendas e governabilidade.

*Tortura ignorada*
Acerca de medidas contra maus-tratos nos presídios.

**ATMOSFERA**

São Paulo hoje

Fonte: www.climatempo.com.br

Eduardo Knapp/Folhapress

## ÁREA EM SP ESPERA UMA DÉCADA PARA VIRAR O PARQUE DOS BÚFALOS

Vista de área verde no Jardim Apurá (zona sul de SP), com condomínio ao fundo; após dez anos, prefeitura diz que fará ali o Parque dos Búfalos Cotidiano B5

ISSN 1414-5723 9 771414 572025 33913

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

**PUBLISHER** Luiz Frias
**DIRETOR DE REDAÇÃO** Sérgio Dávila
**SUPERINTENDENTES** Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
**CONSELHO EDITORIAL** Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
**DIRETOR DE OPINIÃO** Gustavo Patu
**DIRETORIA-EXECUTIVA** Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)* e Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*

João Montanaro

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Realismo partidário

### Federação mantém vetor de aglutinação de siglas e deve ajudar a governabilidade do país

Cresça ou desapareça. Eis o sentido da reforma política aprovada em 2017, que proibiu coligações para eleições legislativas e fixou cláusulas de desempenho para os partidos acessarem a propaganda no rádio e na TV e os fundos públicos, sem os quais tendem a virar pó.

Foi vencida em setembro de 2021 a última batalha no Congresso contra quem tentava aniquilar parte das mudanças —o veto a coligações estreia em eleições nacionais no pleito de outubro. Restou dessa rodada de deliberações legislativas, no entanto, a inovação que faculta às siglas a formação das chamadas federações partidárias.

Esse tipo de associação produz todos os efeitos práticos de uma fusão entre duas ou mais agremiações, com a diferença de que tem quatro anos de validade. Depois desse prazo, os partidos podem voltar a atomizar-se caso desejem.

A não ser que o Supremo Tribunal Federal acate uma ação do PTB contra o dispositivo, o que parece pouco provável, cada federação a partir de outubro estará obrigada a disputar as eleições para os cargos de Legislativo e Executivo, e em todo o território nacional, como se fosse um partido apenas.

Nas Assembleias estaduais e no Congresso Nacional, a federação também se obriga a atuar como uma única agremiação, sob liderança comum, durante a legislatura.

Para siglas ameaçadas pela cláusula de desempenho —que no ano que vem punirá as que não obtiverem 2% dos votos nacionais para a Câmara ou não elegerem 11 deputados federais, com mínima distribuição regional—, a federação passa a ser um recurso de sobrevivência.

Se respeitadas, as regras são engenhosas o suficiente para não deixarem de estimular a redução na prática do número absurdo de partidos nas casas legislativas, anomalia brasileira que impõe um ônus não trivial à governabilidade.

Uma série de negociações para a formação de federações, atravessando todo o espectro ideológico, está em curso. O Tribunal Superior Eleitoral determinou que 1º de março próximo é o limite para receber os pedidos de associações partidárias para o pleito de 2022.

A dificuldade nas costuras regionais para a consecução dessas federações evidencia que o novo sistema impõe um custo relevante para a lógica oligárquica e cartorial que tem prevalecido até aqui. Por outro lado, para algumas legendas será arcar com essa conta ou flertar com o risco de sumir do mapa.

Esse vetor de aglutinação partidária, se for confirmado, vai ajudar quem for eleito presidente da República a implementar com menos dissipação de energia o seu programa de governo, desde que o mandatário queira e saiba distribuir poder para formar a sua aliança de apoios no Congresso Nacional.

## Tortura ignorada

### Providências para conter maus-tratos e condições subumanas nas prisões estão longe do necessário

No início deste mês, o Conselho Nacional de Justiça apresentou relatório às Nações Unidas sobre providências tomadas para frear a tortura contra pessoas presas no país.

Entre as medidas, o CNJ citou as audiências de custódia, nas quais o detento é apresentado a um juiz em até 24 horas, como a principal ferramenta para verificar eventuais maus-tratos. Em que pese o louvável diálogo entre as instituições, a efetividade real das audiências ainda está aquém do desejado.

Menos de 1% delas resultaram em que o acusado respondesse ao processo em liberdade sem cumprir medidas cautelares, apontam dados coletados entre abril e dezembro de 2018 em 13 cidades.

Em 96% dos casos acompanhados por uma pesquisa de 2019 do próprio CNJ e do Instituto de Defesa do Direito de Defesa, havia agentes de segurança na sala da audiência e uso indiscriminado de algemas, o que inibe os relatos.

Ainda assim, houve 56 mil denúncias de tortura apresentadas nos últimos seis anos, das quais apenas 5% foram investigadas.

É a terceira vez que o Subcomitê da ONU de Prevenção à Tortura visita o Brasil; as anteriores foram em 2011 e em 2015. Desta vez, o principal objeto de preocupação foi o desmantelamento, pelo governo Jair Bolsonaro, do órgão de prevenção estabelecido por lei em 2013 para conter práticas degradantes, mas notoriamente recorrentes nas prisões brasileiras.

Em 2019, Bolsonaro extinguiu os cargos do colegiado, medida revertida pela Justiça em seguida, e retirou o apoio administrativo a cargo do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Diante de relatório que afirmou, em 2019, haver um "calabouço da tortura" nos presídios do Pará, com detentos vivendo em meio a esgoto, o então diretor do Departamento Penitenciário Nacional disse que os presos se automutilavam.

Impunidade, ao que parece, é a regra. A título de exemplo, dados da Pastoral Carcerária Nacional apontam que em Goiás as denúncias de tortura tiveram alta de 126% em 2021 em relação ao ano anterior.

Além de tornar mais efetivos os mecanismos de controle e punição, cumpre enfrentar a superlotação nas unidades prisionais —o que demanda mudanças mais amplas nas políticas de segurança.

Como há muito defende esta **Folha**, deve-se reduzir o encarceramento por crimes de menor poder lesivo e repensar, sem tabus, as leis que criminalizam as drogas.

## Máquina reprodutora de racismo

**Lygia Maria**

A luta contra o racismo no Brasil deve passar, de forma inevitável, pela discussão da política de drogas. Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), 64% dos encarcerados no país são negros e 30% foram condenados por crimes relacionados às drogas. Estudo da Defensoria Pública do Rio de Janeiro mostra que, de cada 10 presos em flagrante por crimes ligados às drogas, 8 são negros. Já pesquisa em São Paulo revelou que, no caso da maconha, 71% dos negros foram condenados com apreensão média de apenas 145 gramas; já entre brancos, 64% detinham, em média, 1,5 kg.

Esses dados revelam o problema da legislação, que não delimita a quantidade de droga que diferencia usuário de traficante. Resultado? Juízes proferem sentenças baseando-se em elementos ditos "contextuais" (local de residência, renda, escolaridade etc.). Exemplo: um universitário branco preso em Ipanema com 500 g de cocaína é tratado como usuário e liberado; um jovem negro semianalfabeto preso com um cigarro de maconha na Rocinha é tratado como traficante e preso. O Judiciário torna-se, assim, uma máquina reprodutora de preconceito social e racismo.

Já passou da hora de a sociedade brasileira debater, abertamente e sem moralismos, a legalização das drogas —ou, no mínimo, a descriminalização. O mundo civilizado já está travando esse debate, buscando conhecer as origens e as consequências bárbaras do proibicionismo. Quando um negro pobre e um branco rico são flagrados com quantidades similares de droga, mas apenas o negro é tratado como traficante e encarcerado, revela-se como a proibição pouco ou nada tem a ver com questões de saúde.

Há décadas gastamos somas vultuosas de dinheiro público em uma política inócua —o consumo de drogas não diminui—, que cria violência urbana e reproduz preconceitos. Ou seja, estamos errando há muito tempo, e, como diz o ditado, persistir no erro só revela nossa burrice.

## Repito: vidas negras importam?

**Ana Cristina Rosa**

Há um recrudescimento da violência racial no Brasil. Nos últimos anos, o país cultivou, ampliou e amadureceu um ambiente favorável ao ódio e ao racismo a ponto de criar condições propícias para que um homem negro seja abatido a pauladas num quiosque à beira-mar e outro seja alvejado com três tiros ao mexer na mochila para pegar as próprias chaves.

Somado à relativização da dor, do preconceito e do racismo estrutural, o elevado grau de violência faz com que corpos negros, há séculos violados em território nacional, sejam alvos da sociopatia dos incapazes de enxergar num preto um ser humano pleno em direitos, digno de confiança e de credibilidade, merecedor de respeito e de oportunidade, tão capaz quanto qualquer pessoa.

A violência racial faz parte do dia a dia dos negros que vivem no Brasil, sejam imigrantes, sejam brasileiros natos. Eventualmente emergem situações de maior impacto, como os brutais e covardes assassinatos de Moïse Kabagambe, espancado até a morte, e Durval Teófilo Filho, alvejado pelo vizinho às portas de casa.

No último sábado, atos em protestos contra o assassinato de Moïse ocorreram Brasil afora e no exterior. Como diz Douglas Belchior, professor de história e fundador da Uneafro Brasil, "a mobilização é fundamental como contraponto de defesa da vida em oposição à lógica da morte". É uma maneira de demonstrar que há um segmento do país que não naturaliza a violência, mesmo diante de um quadro que parece imutável considerando a incidência de episódios de barbárie.

É trágico de dizer, mas é praticamente certo que novos casos brutais e covardes ocorrerão, senão hoje nos próximos dias, nas próximas semanas. Mortes de pessoas negras, tanto pelas forças oficiais quanto por milícias ou por civis, tornaram-se comuns por estas terras. Há uma ambiência pró-violência promovida a partir do Estado.

Refaço hoje uma pergunta que fiz outrora: vidas negras importam?

## Umbigos e axilas

**Ruy Castro**

Há dias, morreu nos EUA uma atriz americana de nome francês, Yvette Mimieux, de quem o New York Times fez um simpático necrológio. Era uma lourinha tipo ingênua. Teve carreira relâmpago no cinema e seu principal papel foi o da garota que Rod Taylor encontra ao chegar ao ano 800.000 (isso mesmo) no filme "A Máquina do Tempo" (1960), de George Pal. Yvette tinha 18 anos e prometia muito, mas os estúdios logo a trocaram por Tuesday Weld, Sue ("Lolita") Lyon e Jane Fonda, mais chegadas às ousadias da época.

Pois acabo de saber pelo NYT que Yvette Mimieux foi, pouco depois, a primeira atriz a mostrar o umbigo numa série de TV. E, se Yvette topou mostrar seu umbigo, não era tão ingênua assim. Não que umbigos fossem inéditos na vida real —as praias do Rio já viviam cheias deles. Para as famílias americanas é que eles ainda deviam ser tabu.

Hollywood, à sua maneira, sempre tentou driblar esses tabus. Em 1934, quando Clark Gable tirou a camisa em "Aconteceu Naquela Noite", de Frank Capra, houve um frisson na plateia ao descobrir que ele não usava camiseta por baixo. Mas levaria 26 anos para que uma grande estrela americana aparecesse "nua" na tela (embora não se visse nada): Janet Leigh, na cena do chuveiro em "Psicose" (1960), de Hitchcock. E outros cinco para Hollywood mostrar nitidamente um par de seios. Foi em "O Homem do Prego" (1965), de Sidney Lumet, e, mesmo assim, era uma figurante sem crédito.

No resto do mundo era bem diferente. Brigitte Bardot em "E Deus... Criou a Mulher", de Roger Vadim, em 1956, e Norma Bengell em "Os Cafajestes", de Ruy Guerra, em 1962, já tinham mostrado tudo —e o mundo vibrou.

Mas uma façanha ninguém tira de Hollywood. Nenhum ator exibiu axilas tão obscenamente depiladas quanto Jeffrey Hunter, no papel de Jesus Cristo em "O Rei dos Reis" (1961), de Nicholas Ray. A cena da cruz exigia.

## A política do desembarque

**Marcus André Melo**

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Paulo Guedes ameaça expor os nomes dos padrinhos dos ocupantes de cargos no governo, o que foi entendido como retaliação a movimentos de desembarque do governo por partidos e parlamentares. Esses movimentos são um fato estilizado do funcionamento das democracias, mas entre nós há singularidades. A principal delas: a abdicação do presidente quanto a seu papel de coordenador político do governo.

Bolsonaro pato manco já era esperado, como discuti neste espaço em 7/12/2020. Sua ascensão foi produto de circunstâncias extraordinárias e, ao fim e ao cabo, o nosso arranjo institucional acabaria impondo-se. Trata-se de um presidente hiperminoritário, sem partido e contando com apoio modesto na opinião pública para seu unilateralismo; e, mais importante, enfrentando controles constitucionais imperfeitos, mas robustos.

Tendo sido produto de uma maioria negativa, que se forjou pela rejeição da opção rival, sob colossal polarização, não era difícil prever que uma minoria cacofônica não lhe garantiria sustentação extraparlamentar e que as lideranças desses setores evanesceriam.

É certo que um cataclismo sanitário com impactos sistêmicos jogou luz sobre o líder acidental, magnificando sua inépcia. O fator que permitiu a sobrevivência do Executivo, a partir de abril de 2021, foi a formação de uma base parlamentar e escudo legislativo, o que lhe garantiu a presidência das duas casas legislativas.

Mas esse movimento contribuiu para erodir seu apelo, a negação de sua persona e suas bandeiras fortes. A política da autenticidade —que era o seu trunfo— não sobreviveu quando o líder abraçou o que antes renegava. Há incompatibilidade de dinâmica entre o que é bom para sobreviver politicamente e para ganhar eleições. O novo personagem matou a persona política. Mas os fatores decisivos foram o recrudescimento e a resiliência da pandemia e seu impacto sobre o nível de preços e desemprego, além da política fiscal temerária, que levaram à reversão dos ganhos políticos obtidos com programas emergenciais.

A falta de competitividade eleitoral do presidente gera incentivos à defecção no seio da base de governo. O equilíbrio é instável e o efeito manada é iminente. O apoio do bloco parlamentar existiu enquanto a popularidade de Bolsonaro claudicava, mas o limiar já chegou.

Se Bolsonaro é mais um personagem carcomido da velha política, as roupas do ditador-em-chefe já não lhe cabem. E a narrativa de ameaça totalitária se enfraquece.

A maior ameaça, no entanto, já se materializou: é sua incompetência em liderar o país na crise sanitária e em cumprir o papel que a Constituição lhe reserva de ator central do sistema político.

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## *Olavo de Carvalho morreu; mas e o olavismo?*

Pandemia evidenciou discurso que já circulava de modo subterrâneo na direita

***Gabriel Trigueiro***
Doutor em história pelo Programa de História Comparada da UFRJ e especialista em pensamento liberal e conservador

Como alguém disse uma vez, Olavo de Carvalho criou o maior esquema de pirâmide da política brasileira: o olavismo. A promessa era fazer parte de um clube exclusivista pautado pela "alta cultura ocidental" e esse tipo de baboseira que gente impressionável e filistina gosta de encher a boca. Mas a retórica era a de quem vende aquele chá de emagrecimento, de resultados questionáveis e eficácia científica duvidosa. É como sempre repete o youtuber Casimiro Miguel: "Todo dia um otário e um malandro acordam e saem de casa. Em algum momento do dia, eles se cruzam". Olavo era o malandro. Seus seguidores, os otários.

Olavo jamais foi um pensador original. Sempre foi um vulgarizador de autores conservadores e tradicionalistas gringos. Dá para decompor o pensamento dele em três pontos principais: o antielitismo, o anti-intelectualismo e o anticientificismo. Nesse sentido, é didático ler "Christopher Lasch, a nova elite e as velhas massas", um texto escrito por Olavo que está no livro "O imbecil Coletivo", publicado em 1996. Nesse ensaio, Olavo detalha o argumento de Lasch a respeito daquilo que ele havia definido como "as novas elites".

Segundo o autor norte-americano, a tal da nova elite era distinta da burguesia porque não detinha os meios de produção, mas a informação. E, como o próprio Olavo definia a interpretação de Lasch sobre essa nova elite, "ela não se contenta em ter poder sobre a riqueza material e a força de trabalho das pessoas, mas quer moldar sua mente, seus valores, sua vida e o sentido de sua vida; não quer só possuir o mundo, mas reinventá-lo à sua imagem e semelhança (...)".

Daí a importância fundamental da crítica à imprensa e à academia, e mesmo ao discurso científico, no pensamento de Olavo de Carvalho. Como um adepto de Lasch, ele interpretava imprensa e academia como essa nova elite, uma espécie de mandarinato intelectual, que havia crescido em descompasso com o resto da sociedade brasileira e que, não obstante, tentava pautá-la e dominá-la.

No mesmo artigo Olavo menciona "The Managerial Revolution", livro publicado em 1938 por James Burnham, figura histórica do movimento conservador dos EUA, no qual há a tese de que o maior perigo à liberdade é a existência de uma classe não eletiva de tecnocratas na burocracia federal —classe essa que operaria sem qualquer tipo de controle externo, do Congresso ou de qualquer outra instância representativa, e que deteria poder excessivo em suas mãos.

**[...]**

**O bolsonarismo é a continuação do olavismo por outros meios. A implosão das instituições do Estado brasileiro se deve menos ao thatcherismo tropical de Paulo Guedes e mais à aplicação das lições de Burnham à política pública cotidiana. Como diria outro conservador norte-americano: "As ideias têm consequências"**

O bolsonarismo é a continuação do olavismo por outros meios. A implosão das instituições do Estado brasileiro se deve menos ao thatcherismo tropical de Paulo Guedes e mais à aplicação das lições de Burnham à política pública cotidiana. Como diria outro conservador norte-americano: "As ideias têm consequências".

Em edição mais recente de "O Jardim das Aflições", livro de Olavo publicado em 1995, há uma entrevista na qual ele admite que, assim que foi morar na Virgínia (EUA), tomou conhecimento de todo um ecossistema conservador articulado pela direita cristã daquele país: rádios, jornais locais, sites etc. O olavismo cresceu aqui como uma adaptação desse exotismo ideológico.

A pandemia só evidenciou um repertório discursivo que já circulava de modo subterrâneo na direita brasileira. O desafio à autoridade científica da OMS e da Anvisa não é nada além de uma apropriação de Christopher Lasch e James Burnham elevada à enésima potência e aplicada ao caso nacional. Se o intelectual e o especialista representam a "cultura adversária" e a elite inimiga, logo eles precisam ser combatidos. Não há espaço para conciliação. O olavismo é a política como MMA [artes marciais mistas].

Olavo de Carvalho criou um movimento milenarista e contracultural que não irá acabar com a sua morte. Alunos, mídias com viés conservador, influenciadores digitais de direita etc. —todos esses levarão a sua obra adiante. Se academia e imprensa ignorarem esse negócio, como fizeram anteriormente, aliás, corremos o risco de só acordarmos quando for tarde demais.

## *ICMS sobre combustíveis pode ter solução fácil*

Saída para evitar a perda dos estados é limitar reajuste à variação do IPCA

***Darcy Francisco Carvalho dos Santos e Júlio Francisco Gregory Brunet***
Economista e bacharel em ciências contábeis com curso de especialização em comércio internacional e integração econômica, foi contemplado em três oportunidade pelo Prêmio do Tesouro Nacional

Engenheiro, economista e mestre em economia, foi contemplado em três oportunidades pelo Prêmio do Tesouro Nacional e uma vez pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)

Há um modo simples de evitar a perda dos estados sem sobrecarregar os contribuintes com reajustes acima da inflação: limitar o reajuste do ICMS dos combustíveis à variação do IPCA, que é o índice oficial de inflação e dos planos de ajuste fiscal dos entes federativos.

O ICMS é o principal tributo brasileiro, responsável por 70% da receita corrente dos estados e boa parte da receita dos municípios. Os combustíveis, com uma participação entre 15% e 20% da arrecadação total, são alvo de alíquotas especiais em função de seu peso e inelasticidade.

A principal causa do aumento do preço dos combustíveis está na alta do preço do petróleo, que, junto com a taxa de câmbio, originou uma variação de 91,6% (12 meses, até novembro de 2021). Nos últimos três anos, a variação de preço e dólar foi de 82%. Com o IPCA de 19,3%, no período, houve um crescimento real de 52,5%, o que corresponde a uma variação média de 15% ao ano. Apesar de as despesas de União, estados e municípios ocorrerem em reais, elas têm nos combustíveis uma fonte indexada ao dólar, o que não faz nenhum sentido.

O projeto aprovado na Câmara dos Deputados em outubro de 2021 transforma em valor fixo por litro o ICMS: a inflação logo ali adiante o defasará, penalizando estados e municípios. E os governadores, através do Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária), congelaram temporariamente o preço-pauta dos combustíveis (produto sujeito à substituição tributária).

A nosso ver, seria mais simples a substituição da redação do § 4º do art. 8º da lei complementar nº 87, de 13 de setembro de 1996, abaixo transcrito:

**[...]**

**A principal causa do aumento do preço dos combustíveis está na alta do preço do petróleo, que, junto com a taxa de câmbio, originou uma variação de 91,6% (12 meses, até novembro de 2021). (...) Apesar de as despesas de União, estados e municípios ocorrerem em reais, elas têm nos combustíveis uma fonte indexada ao dólar, o que não faz nenhum sentido**

- § 4º: A margem a que se refere a alínea c do inciso II do caput será estabelecida com base em preços usualmente praticados no mercado considerado, obtidos por levantamento, ainda que por amostragem ou através de informações e outros elementos fornecidos por entidades representativas dos respectivos setores, adotando-se a média ponderada dos preços coletados, devendo os critérios para sua fixação ser previstos em lei.

O artigo acima passaria a ter a seguinte redação (com a inclusão do novo trecho entre aspas):

- § 4º A margem a que se refere a alínea c do inciso II do caput será estabelecida com base em preços usualmente praticados no mercado considerado, obtidos por levantamento, ainda que por amostragem ou através de informações e outros elementos fornecidos por entidades representativas dos respectivos setores, adotando-se a média ponderada dos preços coletados, "limitada [a média ponderada] à variação do IPCA, ou de outro índice que venha a substituí-lo, no período considerado", devendo os critérios para sua fixação ser previstos em lei.

Procedendo assim, os estados não deixarão de receber a variação da inflação nessa parte de sua receita, e os consumidores estarão livres desse sobrepreço.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Ilustração de Iotti sobre o desmatamento no governo Bolsonaro

**Desmatamento**

Bolsonaro promoveu expressivo aumento de 56,6% no desmatamento da Amazônia entre 2019 e 2021 em relação ao período de 2016 a 2018 ("Desmatamento sob Bolsonaro chegou a nível alarmante, aponta Ipam", Ambiente, 4/2). Tudo graças a seu incentivo e apoio a madeireiros, garimpeiros e grileiros, através da atuação do seu Ministério do Desmata-Ambiente.
**Bárbara Maisonnave Arisi**
(Amsterdã, Holanda )

**Escolhas**

Gastos prioritários com defesa e armas são próprios do fascismo e das ditaduras. Gastos maiores com educação e saúde são próprios da civilização e das democracias. Um país que prioriza a educação e as crianças não vai precisar gastar com armas e com defesa. Jair Bolsonaro nunca escondeu de ninguém a sua escolha ("Defesa assegura investimento maior que obras, Educação e Saúde", Mercado, 5/2). Pobre Brasil.
**Therezinha Lima e Oliveira**
(São José dos Campos, SP)

*

Parabéns a Muniz Sodré pela coluna "Semear e colher" (Opinião, 6/2). Péssima foi a semeadura e péssima deverá ser a colheita, infelizmente. Acho que nem Teresa Cristina, com seus venenos, poderá inibir o nascimento e o crescimento do mal plantado.
**Luiz Fernando Schmidt**
(Goiânia, GO)

**Saúde**

Parabéns a Carlota Aquino e ao sempre brilhante Gonzalo Vecina Neto pelo artigo "Os tempos da saúde", Tendências / Debates, 6/2). Enquanto não tivermos ações efetivas das agências reguladoras nos planos de saúde estaremos sujeitos aos caprichos das operadoras e sobrecarregando o SUS. Vale lembrar que as operadoras acabam oferecendo um plano de doença, não um plano de saúde, pois não há nenhum serviço de prevenção ao segurado.
**José Otávio Pinto e Silva**
(São Paulo, SP)

**O mais inteligente**

O homem mais inteligente do século 20 não foi John von Neumann, Max Planck, Niels Bohr, Albert Einstein ou algum outro gigante das ciências exatas (Hélio Schwartsman, Opinião, 6/2). Foi alguém mais discreto e que não causou nenhuma destruição de cidades com suas teorias. Contudo suas poesias causam até hoje uma "fissão" no espírito. Esse homem foi Fernando Pessoa.
**Leonardo de Atayde Pereira**
(São Paulo, SP)

**PT**

Volta e meia os inimigos do PT vêm cobrar autocrítica do partido, como leitores fizeram neste domingo (6/2) nesta seção. Um deles diz que "autocrítica não está no DNA do PT". Que autocrítica fizeram os que ajudaram a eleger Jair Bolsonaro —por ação ou omissão— para barrar o PT em 2018? O que elegeu o genocida foi o antipetismo porra-louca.
**Eduardo Guimarães**
(São Paulo, SP)

Tenho visto muitas manifestações de apoio à volta de Lula. Não esqueçam de levar em consideração que 57 milhões o rejeitaram em 2018. O candidato era um poste, mas tinha o aval de Lula. Aval que serviu a Dilma. Por que o rejeitaram? Basicamente pela corrupção desenfreada. Ninguém se esqueceu e não se sabe ainda se mudaram de ideia, apesar das bolsonaradas. Não há nada definido. Lula não anda pelas ruas porque tem medo. Os demais candidatos, por ora sem chances, só atrapalham, à exceção de Moro, a quem Lula e Bolsonaro têm verdadeiro pavor.
**Paulo Henrique Coimbra de Oliveira**
(São Paulo, SP)

**Vacina**

Excelente comentário ("A farsa da imunidade natural", Ciência, 6/2)! Claro e sucinto. Infelizmente, o maior cego é aquele que não quer ver. Que pena que ainda existam tantos que não queiram ver no Brasil.
**Alvaro Gaspar Pinto**
(Arraial d'Ajuda, BA)

**Futebol**

Meia página sobre a final da Copa Africana e nenhuma linha sobre a rodada do Campeonato Paulista na edição de domingo do caderno Esporte?
**Antonio Carlos Lourenço** (Santos, SP)

**Olavo de Carvalho**

É inacreditável que a **Folha** dê duas páginas para uma senhora acadêmica escrever sobre o Olavo de Carvalho ("Olavo acima de todos", Ilustrada Ilustríssima, 6/2). Tal idiota não merece de nenhum brasileiro mais do que um mísero peido. E olha lá...
**Mario Prata** (Florianópolis, SC)

# ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

**MERCADO** (5.FEV., PÁG. A24) O fechamento do hotel Maksoud Plaza ocorreu em 7 de dezembro, não em 7 de setembro, como publicado erroneamente no texto "Entenda a briga pelo prédio e pelo nome do Maksoud Plaza, que fechou em dezembro". O prédio foi arrematado em 2011 por R$ 70 milhões (valor da época, sem correção), não R$ 142 milhões.

**MUNDO** (6.FEV., PÁG. A14) Em parte das edições, a cidade Madri foi localizada incorretamente no mapa que acompanhava a reportagem "Menino preso em poço no Marrocos por cinco dias morre antes de resgate". Abaixo, a localização correta da capital da Espanha.

# política

## PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

### Bate e volta

A declaração do presidente do PSB, Carlos Siqueira, à Folha, de que uma federação com o PT teria dificuldade de ser aprovada pelo diretório nacional do partido nos termos atuais da negociação provocou reações na própria legenda e entre petistas. Ao apontar empecilhos à aliança, o dirigente desagradou deputados e lideranças pessebistas. Ao Painel, o governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), diz que a maioria da sigla apoia a união do PSB com o PT, contrariando a fala de Siqueira.

**NO LÁPIS** "Apoio a federação e o governador Flávio Dino (Maranhão) também. Há uma maioria de diretórios estaduais a favor, em torno de 17", afirma Paulo Câmara.

**ANTES SÓ** O senador Humberto Costa (PT-PE) diz que a fala de Siqueira desagrega as siglas que debatem a união, o que inclui PC do B e PV. "Se o PSB considera que não é possível [a federação], o PT pode disputar as eleições com uma federação menor."

**MENOS É MAIS** O programa de governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deve repetir o foco na necessidade de gerar empregos, como ocorreu em sua primeira vitória para a Presidência, em 2002. Mas, diferentemente daquela ocasião, não deverá haver uma meta numérica para isso.

**TEU PASSADO...** Na eleição de 20 anos atrás, o plano falava em criar 10 milhões de postos de trabalho. O partido era criticado por adversários sempre que o ritmo de geração de empregos era mais lento do que o desejado. Petistas afirmam agora que não repetirão o que avaliam ter sido um tiro no pé.

**MAIS UM** Dirigentes do novo União Brasil dizem que o presidente da futura legenda, Luciano Bivar, cogita lançar sua pré-candidatura presidencial para dar mais cacife ao partido na negociação de aliança com Sergio Moro (Podemos).

**TEATRO** O gesto serviria para que Bivar, no momento das convenções partidárias, em julho e agosto, abrisse mão do projeto para conseguir o que realmente almeja: a vaga de vice na chapa do ex-juiz.

**ESCADA** O número de atendimentos de casos de violência contra a mulher pelo Cravi (Centro de Referência e Apoio à Vítima), do estado de São Paulo, deu um salto nos últimos três anos.

**VEZES TRÊS** Em 2019, foram 2.476 ocorrências registradas nas unidades do programa, gerenciado pela Secretaria de Justiça e Cidadania. Em 2021, o número pulou para 7.185, quase o triplo. Os casos incluem violência doméstica e atendimento a familiares de vítimas de crimes contra a vida.

**MOTIVOS** A alta coincidiu com o período da pandemia, em que houve diversos relatos de aumento da violência doméstica em ambiente de isolamento social. O secretário de Justiça e Cidadania, Fernando José da Costa, atribui o crescimento dos atendimentos à maior divulgação do serviço.

**CONEXÃO** A investigação da Polícia Federal sobre o esquema de lavagem de dinheiro por trás do megatraficante Luiz Carlos da Rocha, o Cabeça Branca, descobriu a relação de pessoas envolvidas no narcotráfico com alvos de apurações sobre garimpo ilegal e crime com criptoativos. A informação está no relatório da PF que embasou as operações Fluxo Capital e Caixa Fria, deflagradas na quinta (3).

**LAÇO** Como mostrou o Painel, um dos alvos é Clóvis Miller Júnior, cujas empresas e pessoas ligadas direta e indiretamente movimentaram R$ 4 bilhões. Fernando Trevisan, outro investigado, mantém sociedade com um empresário preso pela PF em apuração sobre garimpo em Mato Grosso.

com Guilherme Seto, Fabio Serapião e Julia Chaib

## Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital Ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| DO 1º AO 3º MÊS | R$ 1,90 | R$ 1,90 |
| DO 4º AO 12º MÊS | R$ 9,90 | R$ 9,90 |
| A PARTIR DO 13º MÊS | R$ 29,90 | R$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa | | Assinatura semestral* |
|---|---|---|---|
| | seg. a sáb. | dom. | Todos os dias |
| MG, PR, RJ, SP | R$ 5 | R$ 7 | R$ 827,90 |
| DF, SC | R$ 5,50 | R$ 8 | R$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 6 | R$ 8,50 | R$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE | R$ 9,25 | R$ 11 | R$ 1.420,90 |
| Outros estados | R$ 10 | R$ 11,50 | R$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
366.088 exemplares (dezembro de 2021)

O procurador-geral da República, Augusto Aras, em seu gabinete Pedro Ladeira - 18.ago.2021/Folhapress

# Aras usa casos de racismo e homofobia para se livrar de pecha de bolsonarista

PGR atua de maneira alinhada ao Executivo na maioria das situações, mas faz ofensiva contra bolsonaristas em outros casos

**Matheus Teixeira**

**BRASÍLIA** O procurador-geral da República, Augusto Aras, tem usado casos de racismo e homofobia cometidos por aliados de Jair Bolsonaro (PL) para tentar se distanciar da pecha de aliado do presidente.

Omissa em relação às ofensivas de Bolsonaro contra as instituições e inerte em relação a indícios de irregularidades no governo, a PGR já pediu abertura de inquéritos contra três pessoas próximas do Palácio do Planalto: o ex-ministro Abraham Weintraub por racismo contra a China, a deputada Bia Kicis (PSL-DF) por preconceito racial e, agora, o alvo foi o ministro da Educação, Milton Ribeiro, por homofobia em entrevista concedida 16 meses atrás.

Nos bastidores da Procuradoria, o movimento de Aras é visto como uma forma de se afastar da fama de bolsonarista e também como uma estratégia para afirmar que manteve a linha histórica de atuação do órgão na defesa dos direitos humanos.

A maioria das denúncias é assinada pelo vice-procurador-geral da República, Humberto Jacques de Medeiros, que sempre foi muito respeitado na instituição. Após assumir o cargo de número 2 de Aras, entretanto, passou a sofrer duras críticas internas.

Na mesma semana em que denunciou Ribeiro, Aras mandou sinais em direção ao Planalto. Na última quarta-feira (2), pediu que o STF (Supremo Tribunal Federal) intime os senadores Omar Aziz (PSD-AM) e Renan Calheiros (MDB-AL) para que esclareçam um suposto vazamento de dados sigilosos da CPI da Covid.

O pedido foi feito pelo vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), filho do presidente. Aras não atendeu à solicitação para que fosse aberto um inquérito contra ambos.

Nas redes sociais, a família presidencial comemorou a iniciativa do procurador-geral. O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), por exemplo, publicou no Twitter uma notícia sobre o fato e escreveu que o ato dos parlamentares configura "crime" e que a "PGR está seguindo as leis" relativas ao contraditório e ampla defesa.

Além das críticas internas na PGR, a atuação de Aras em relação a Bolsonaro tem causado incômodo no STF. Diversos ministros já criticaram ações de Aras em decisões judiciais e o ministro Alexandre de Moraes, inclusive, já driblou a Procuradoria para levar em frente investigações contra aliados do presidente.

Isso ocorreu, por exemplo, quando a PGR pediu o arquivamento do inquérito dos atos antidemocráticos. O magistrado aceitou o pedido, mas determinou a abertura de outra apuração muito similar.

Moraes também passou por cima da Procuradoria para investigar membros do governo, o que em tese deveria ser iniciativa do órgão, como ocorreu em relação ao ex-ministro Ricardo Salles.

Já a ministra Rosa Weber, uma das mais discretas do tribunal, já afirmou que Aras não pode ser um "espectador das ações dos Poderes da República" ao rejeitar pedido para que irregularidades surgidas na CPI só fossem analisadas pela PGR ao final da comissão.

A ministra Cármen Lúcia, por sua vez, iniciou uma ofensiva contra a estratégia do procurador-geral de abrir apurações preliminares contra integrantes do Executivo que são pouco transparentes, não contam com a participação do Supremo e costumam ter poucos avanços significativos.

Em outubro do ano passado, ela afirmou que a PGR não está "fora de supervisão" e mandou detalhar as medidas que adotaria em relação a um pedido para Bolsonaro ser investigado por falas golpistas em manifestações ocorridas no feriado de 7 de Setembro do ano passado.

Enquanto o Supremo aperta o cerco e Aras não dá respostas consideradas convincentes pelos ministros sobre as ofensivas de Bolsonaro contra as instituições e sobre suspeitas irregularidades do governo, a PGR atua de maneira dura contra casos de racismo e homofobia.

Na denúncia contra o ministro da Educação, Medeiros faz duras críticas a Ribeiro. A ação da Procuradoria pegou o governo de surpresa, mas o presidente evitou reclamar publicamente.

O pedido de investigação foi motivado por uma entrevista de Ribeiro concedida ao jornal O Estado de S. Paulo em setembro de 2020. Mais de 16 meses depois, a PGR decidiu pedir a abertura de inquérito.

O ministro disse que homossexualidade não seria normal e atribuiu sua ocorrência a "famílias desajustadas".

Na peça assinada por Medeiros, a Procuradoria destaca de maneira crítica os termos usados pelo chefe da pasta da Educação do governo federal. Cabe ao Supremo decidir agora se abre ou não uma ação penal.

Ao STF o braço direito de Aras na PGR disse que o ministro "avilta integrantes desse grupo e seus familiares" e diz que ele desqualificou um grupo humano, "depreciando-o com relação a outros grupos em razão de orientação sexual".

Em 2020, a PGR denunciou o então ministro da Educação, Abraham Weintraub, por suposto crime de racismo contra chineses. Um dos mais radicais integrantes da Esplanada à época, Weintraub liderava um movimento contra o país asiático no início da pandemia da Covid-19.

Neste caso, porém, a PGR agiu de maneira mais ágil e não levou mais de um ano para apresentar denúncia ao Supremo. Na ocasião, Weintraub havia insinuado em uma rede social que a China poderia se beneficiar da crise desencadeada pelo coronavírus.

Ele usou o personagem Cebolinha, da Turma da Mônica, que troca a letra "r" pela "l", para fazer referência ao sotaque chinês e dar a entender que a doença que havia surgido recentemente atenderia a interesses do país, que teve o primeiro foco da pandemia.

Na época, a China reagiu por meio do embaixador no Brasil, Yang Wanming, que chamou o ministro de racista e, depois, Weintraub apagou a postagem no Twitter.

O ministro Celso de Mello chegou a determinar a instauração do inquérito. No entanto, como ele deixou a pasta e, consequentemente perdeu o foro especial perante a corte, o inquérito foi remetido à primeira instância.

Já a investigação contra Bia Kicis ainda está aberta. Ela é uma das deputadas mais próximas de Bolsonaro e tornou-se alvo de inquérito por causa de uma postagem em que os ex-ministros Sergio Moro e Luiz Henrique Mandetta foram retratados com "blackface", prática considerada racista.

Na publicação, a parlamentar contestava o anúncio feito pelo Magazine Luiza de um trainee destinado exclusivamente a pessoas negras.

"Desempregado, blogueiro Sergio Moro faz mudança no visual para tentar emprego no Magazine Luiza", dizia a publicação. "Sem emprego e cansado de errar o pico, Mandetta mudou de cor e manda currículo para Magazine Luiza", afirmava ainda.

**+ ENTENDA OS CASOS QUE MOTIVARAM PEDIDO DE ABERTURA DE INQUÉRITO**

**Milton Ribeiro**
Denunciado por homofobia, o ministro da Educação disse em entrevista que homossexualidade não seria normal e atribuiu sua ocorrência a "famílias desajustadas"

**Abraham Weintraub**
O ex-ministro da Educação foi denunciado por suposto crime de racismo. Na ocasião, havia insinuado em uma rede social que a China poderia se beneficiar da crise desencadeada pelo coronavírus

**Bia Kicis**
A deputada bolsonarista tornou-se alvo de inquérito por causa de uma postagem em que os ex-ministros Sergio Moro e Luiz Henrique Mandetta foram retratados com "blackface", prática considerada racista

# Justiça rejeita denúncia contra Temer e mais sete

Processo apurava irregularidades em contrato nas obras da usina Angra 3

O ex-presidente Michel Temer durante entrevista em seu escritório em São Paulo
Eduardo Knapp - 11.abr.2019/Folhapress

SÃO PAULO | UOL A Justiça Federal em Brasília rejeitou a denúncia contra o ex-presidente Michel Temer (MDB), o ex-ministro de Minas e Energia Moreira Franco e mais seis pessoas pelos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro.

O processo foi aberto a partir da Operação Radioatividade, fase da Lava Jato, e apurava irregularidades em contratos nas obras da usina nuclear Angra 3. A decisão data de sexta-feira (4).

Para o juiz Marcus Vinícius Reis Bastos, da 12ª Vara Federal do Distrito Federal, não há justa causa para dar continuidade à denúncia, que considerou "genérica" e "desprovida de elementos mínimos que lhe deem verossimilhança".

Bastos também afirmou que a acusação contém quatro relatórios policiais extensos, que não provam efetivamente nada sobre fatos apresentados na denúncia.

"Ao narrar as supostas corrupções passiva e ativa imputadas a todos os réus, a denúncia, ampla e genérica, não é capaz de delimitar os contornos do fato típico", diz.

Ainda segundo a decisão, os relatórios remetendo a inúmeras investigações e investigados são citados "sem nada efetivamente provarem quanto aos fatos específicos narrados na presente denúncia, tudo a revelar a ausência de justa causa para a instauração da instância penal".

Além do ex-presidente e do ex-ministro, a decisão também beneficia o ex-presidente da Eletronuclear Othon Luiz Pinheiro da Silva; o amigo pessoal de Temer João Baptista Lima Filho, conhecido como coronel Lima; um dos sócios da empreiteira Engevix José Antunes Sobrinho; e os empresários Carlos Alberto Costa, Maria Rita Fratezi e Rodrigo Castro Alves Neves.

Em 2019, o juiz federal Marcelo Bretas aceitou a mesma denúncia, e Temer chegou a ser preso em março daquele ano.

Ao detalhar a operação na época da prisão do ex-presidente, o Ministério Público Federal afirmou que chegava a R$ 1,8 bilhão o montante de propinas solicitadas, pagas ou desviadas pelo grupo de Temer, que teria agido durante 40 anos.

A defesa recorreu, e o caso chegou ao STF (Supremo Tribunal Federal), onde o ministro Alexandre de Moraes considerou que Bretas não tinha competência para julgar o caso e o enviou para a 12ª Vara Federal do Distrito Federal.

A defesa de Temer elogiou a decisão e disse que ela comprova que o ex-presidente "foi vítima de violações a seus direitos, inclusive a liberdade, quando o feito tramitava perante Juízo incompetente no Rio de Janeiro, sem que houvesse nenhum fundamento, mínimo que fosse, para tanto".

Em comunicado, diz ainda que as acusações "nunca passaram de delírio apoiado apenas em contraditórias e inverossímeis palavras de delator".

"A rejeição da denúncia resgata a verdade e põe fim à inescrupulosa tentativa de submeter Michel Temer a uma ação penal sem justa causa, e proposta por denúncia inepta, cuja extensão não é capaz de suprir sua indigente narrativa", continua o advogado Eduardo Pizarro Carnelós, que defendeu Temer.

# Twitter bloqueia perfil de Eduardo Bolsonaro, admite erro e libera conta

SÃO PAULO O Twitter bloqueou temporariamente o perfil do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) neste domingo (6). Após o filho do presidente criticar a medida, a empresa afirmou que houve um erro e liberou a conta.

Questionado, o Twitter afirmou que uma publicação foi identificada erroneamente pelos sistemas como violação das regras da rede, mas que o problema foi identificado e a conta, liberada.

O tuíte que causou o bloqueio não foi especificado. A medida ocorreu, porém, após Eduardo compartilhar um vídeo sexista, com montagem que relaciona a participação de mulheres na obra ao acidente que abriu uma cratera na marginal Tietê, em São Paulo.

"'Procuro sempre contratar mulheres', mas por qual motivo? Homem é pior engenheiro? Quando a meritocracia dá espaço para uma ideologia sem comprovação científica, o resultado não costuma ser o melhor. Escolha sempre o melhor profissional, independente da sua cor, sexo, etnia e etc.", escreveu o parlamentar.

A empresa espanhola Acciona, responsável pela construção da linha 6-laranja do metrô, repudiou o vídeo.

Neste domingo, o parlamentar ainda citou a devolução de uma medida provisória que dificultava que perfis fossem bloqueados ou apagados das redes sociais.

"A MP da liberdade na internet que previa multa para a rede social que bloqueasse perfil ou deletasse post não criminoso foi devolvida sem análise pelo presidente do Senado."

A relação do parlamentar com a rede social é marcada por polêmicas e tensões. No ano passado, o Twitter marcou uma postagem do deputado como enganosa.

"Lockdown é o oposto de distanciamento social. No lockdown as pessoas são condenadas a ficarem confinadas em casa, aumentando a proliferação do vírus", dizia a publicação do parlamentar.

O texto do filho do presidente Jair Bolsonaro, disse a plataforma, violava as regras ao veicular "informações enganosas e potencialmente prejudiciais relacionadas à Covid-19".

Em junho do ano passado, ele reclamou que perdeu mais de 15 mil seguidores, "sem qualquer explicação", e disse que o governo precisa urgentemente colocar em vigor a nova regra.

"Isso não é interferência na área privada. Quando um empregador usa mão de obra escrava, que é também uma violação as liberdades, e é punido por isso, ninguém vê aí uma interferência na atividade privada", escreveu Eduardo, no Instagram.

O Twitter disse que apenas suspendeu contas com "comportamentos suspeitos" para que estes usuários confirmem dados como senha ou número do celular.

# Bolsonaro será um candidato antivacina?

## Discurso anti-vaxxer dos bolsonaristas não é só ideologia

**Celso Rocha de Barros**
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

A oposição de Bolsonaro à vacinação foi um fracasso político. A população foi se vacinar assim que teve a oportunidade. Continua indo, feliz da vida. Pesquisa recente do Datafolha mostrou que a maioria dos brasileiros acha que Bolsonaro "mais atrapalha do que ajuda" na vacinação de crianças.

Segundo o podcast "Papo de Política" da última semana, esse fato não passou despercebido em Brasília. Lideranças do centrão estão pedindo que Bolsonaro deixe de se opor à vacinação se quiser ser reeleito.

Faria sentido, e não só por questão de popularidade. O ex-presidente americano Donald Trump, por exemplo, defende a vacinação por um motivo simples: são os eleitores republicanos que estão morrendo por se recusarem a se vacinar.

Mas não vai ser fácil. Bolsonaro provou, por palavras e atos, que é um dos principais anti-vaxxers do mundo. Mesmo para um político profissional no nível moral tão baixo, não é fácil mudar de posição tão rápido sobre uma questão de vida ou morte.

Bolsonaro recusou-se a comprar vacinas que teriam salvado uma proporção grande, que mal começou a ser calculada, dos brasileiros mortos na pandemia.

Quando, ainda na fase de testes da vacina, um voluntário se suicidou, Bolsonaro declarou "mais uma que Jair Bolsonaro ganha". Em suas lives semanais, celebrou notícias falsas sobre vacinas, inclusive a de que elas causariam Aids. Nas redes bolsonaristas, extremistas como Bia Kicis divulgam protestos antivacinas ao redor do mundo com entusiasmo.

O discurso anti-vaxxer de Bolsonaro tem uma função. A cada notícia, falsa ou verdadeira, de efeito adverso das vacinas, os bolsonaristas veem uma chance de minimizar o crime de não as terem comprado, causando o maior assassinato em massa da história republicana brasileira.

No começo de abril de 2021, uma análise do economista Tomas Conti mostrou que 80% das vacinas aplicadas no Brasil ainda eram a Coronavac de João Doria e do Butantan. Maio de 2021 foi o primeiro mês em que a Coronavac do Doria não foi a vacina mais aplicada no Brasil.

Está documentado, portanto, que Bolsonaro deixou o Brasil sem vacina quando chegou a segunda onda da Covid, que matou o dobro de brasileiros da primeira. Por causa dele, mais de dois terços das mortes por Covid no Brasil aconteceram quando já havia vacina.

Por isso, o discurso anti-vaxxer dos bolsonaristas não é só ideologia, não é só discurso para a campanha; os bolsonaristas temem ir para a cadeia se seu crime for julgado. Buscam desesperadamente argumentos anti-vaxxers que possam utilizar como atenuantes em um tribunal.

Quando os ministros Damares Alves e Marcelo Queiroga, depois de dois anos ignorando as UTIs lotadas e as famílias de luto, foram a Botucatu visitar uma jovem que sofreu parada cardíaca após ter sido vacinada, estavam comemorando a descoberta de um álibi.

"Vejam", diriam, "Nós não compramos vacinas porque elas matam crianças". Não funcionou. A jovem sobreviveu e os médicos constataram que não foi a vacina que causou sua parada cardíaca.

Por isso não é fácil para Bolsonaro deixar de ser o candidato anti-vaxxer. Se Bolsonaro deixar de mentir que vacinas matam, vai ter que admitir que matou muita gente por não as ter comprado quando teve a chance.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. **Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo, que morreu em janeiro Vivi Zanatta-6.out.2017/Folhapress

# Olavo deixa vácuo na direita, e ex-alunos divulgam suas ideias

## Morte alçou ideólogo bolsonarista a patamar celestial entre 'olavetes'

**Anna Virginia Balloussier**

SÃO PAULO Entre os seus, Olavo de Carvalho até que era um cara doce. Colocava metade de açúcar, metade de café nas xícaras que entornava durante o curso que dava de sua casa na Virgínia (EUA), "o único que pode ajudar você a praticar a filosofia em vez de apenas repetir o que outras pessoas, ilustres o quanto se queira, disseram a respeito dela".

Pouco edulcorada, contudo, era a oratória de "um dos maiores pensadores da história do nosso país", em palavras do presidente Jair Bolsonaro que tão bem condensam a mentoria intelectual que a chamada nova direita encontrou no homem que praguejava contra o marxismo cultural antes de virar modinha.

A morte de Olavo, no fim do mês passado, o alçou a um patamar celestial entre seus "olavetes", e a campanha para que ele seja canonizado provoca soluços de vida real nessa metáfora.

Por outro lado, deixou um vácuo ainda a ser preenchido no pensamento extremista. Não há herdeiros óbvios do espólio olavista. Muitos ex-alunos se ocupam de difundir as ideias de seu mestre, sem que apontem um substituto natural para ele.

Os pitacos do autor do best-seller "O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser um Idiota" ressoaram primeiro no coração do deputado Eduardo Bolsonaro e depois na presidência de seu pai.

A primeira equipe de Esplanada de Bolsonaro contou com dois discípulos de Olavo, Ricardo Vélez Rodríguez (Educação) e Ernesto Araújo (Relações Exteriores). Também pelo MEC passou Abraham Weintraub, que no fim de 2021 defendeu o ex-professor de fogo amigo.

Olavo acusou Bolsonaro de o usar como "poster boy" para se eleger, daí atrair para si a fúria de seguidores do presidente. "Professor Olavo traidor? Comunista? Precisa ser destruído? Vocês estão loucos?"

Os mosqueteiros do guru de Virgínia estão por toda parte. No Congresso tem Filipe Barros, Bia Kicis e Carlos Jordy. Também deputada, Carla Zambelli traça um "antes e depois" de Olavo. "Não há substituto para quem tenha um legado deste tamanho."

Das redes sociais vêm o foragido Allan dos Santos, do site Terça Livre, e o youtuber católico Bernardo Kuster.

A Brasil Paralelo, produtora audiovisual conservadora, divulgou na quarta (2) um "in memoriam" que beira a hagiografia. De quebra, resgata episódios curiosos da trajetória de Olavo —como sua temporada comunista, nos anos 1960, quando morou com os futuros petistas José Dirceu e Rui Falcão na Casa dos Estudantes.

O pelotão olavista no governo é encabeçado por Filipe Martins, o assessor de assuntos internacionais que, um ano atrás, reproduziu no Senado um gesto associado a supremacistas brancos —três dedos esticados que simbolizariam o "w" de "white" (branco), e um círculo feito com indicador e polegar, formando o "p" de "power" (poder). Poder branco.

Absolvido por um juiz, Martins sempre negou que a intenção tenha sido essa.

Outros pupilos que engrossam o Executivo federal: Carlos Nadalim, chefe da secretaria de Alfabetização, e André Porciuncula, encarregado de gerenciar recursos da Lei Rouanet.

Para Josias Teófilo, o cineasta que biografou Olavo em "O Jardim das Aflições", o professor não deu frutos apenas à direita.

"Todos esses intelectuais de esquerda que atuam publicamente estão usando Olavo como modelo. Ele fez algo que ninguém nunca fez: ser um intelectual totalmente sem intermediários. Não precisa de editora, de jornal. Já escreveu pra **Folha**, pro Globo. Dispensou isso tudo e mesmo assim foi relevante, entende?"

Teófilo acompanhou aulas presenciais de Olavo, em 2015. "Quase uma meditação", resume. "Ele não preparava as aulas e não deixava que a gente ficasse andando, tirando foto, porque isso o desconcentrava."

Mais alunos foram chegando, a maioria com participação virtual. Teófilo calcula que ao menos 20 mil passaram pelo COF (Curso Online de Filosofia).

Marco Feliciano foi um deles. Mais tarde, o deputado viajou aos EUA para conhecer o católico fervoroso que, em 2020, enfureceu pastores ao dizer que "tudo o que acontece de mau no Brasil" vem de "uma ou várias" instituições, inclusive igrejas evangélicas.

Na época, chegou a ser achincalhado —"AstrOlavo de Carvalho"— por seu gosto por astrologia, ofício pagão para esse segmento religioso.

Olavo mostrou seu arsenal de rifles e desarmou o aprendiz. Feliciano foi chamado de burro por Olavo e, anos depois, concordou com ele.

"Ele me atacou em vídeos, no episódio da Comissão de Direitos Humanos [o pastor entrou em atrito com ativistas após ser eleito presidente da comissão, em 2013]. Disse que eu era despreparado. Fui ouvir o que ele falava. Eu não conhecia a esquerda profundamente. Ele estava com toda razão."

"Olavo tem razão" é um mantra entre asseclas.

"Quando houver no Brasil uma direita organizada, com certeza Olavo será para ela um ícone, muito mais do que foi Paulo Freire para a esquerda. Não era perfeito, mas quem sabia separar 'as espinhas da carne do peixe' aprendia muito", afirma Feliciano.

Para Ronald Robson, doutorando em teoria e história literária na Unicamp convocado por Olavo a transformar seus ensinamentos em livros, o polemista será "uma figura tão central quanto foi Gilberto Freyre no século 20".

Só não vê sentido em comparar sua influência na direita com a do educador na esquerda. "Olavo jamais será institucionalizado como um Paulo Freire. Deus o livre dessa desonra póstuma."

Após problemas de saúde, Olavo trocou o cigarrinho de praxe por um cachimbo que, segundo o próprio, lhe deu um "sex appeal geriátrico". Ainda resta dissipar a fumaça que paira sobre o futuro do olavismo agora que seu prócer se foi.

Um dos temas mais caros a Olavo: uma suposta investida marxista para dominar a cultura ocidental e a corroer por dentro.

Também tinha problemas com o globalismo. Já escreveu que o livre comércio era usado para fulminar "soberanias nacionais e construir sobre suas ruínas um onipotente Leviatã universal".

"Quanto aos 'expoentes do olavismo', eles simplesmente não existem no debate público ainda", afirma Robson.

"As pessoas que estão se esforçando para levar a filosofia do Olavo adiante são ilustres desconhecidos, entre os quais me incluo. É bom que permaneçamos assim, sem nos distrair com a política do dia."

Olavo tinha seus prediletos, nem sempre habitués do mainstream bolsonarista.

O escritor e tradutor Pedro Sette-Câmara, aluno das antigas, "escreve coisas muito boas no Instagram", segundo Teófilo.

"Não admira que a direita tenha pouca expressão cultural, e, mesmo tendo elegido um presidente da República, não consiga eleger um presidente de grêmio de escola. Ela quer se fechar dentro da bolha blindada", afirma Sette-Câmara num post que intitulou "A 'Guerra Cultural' É Para Idiotas".

Stella Caymmi, neta de Dorival que organizava alguns de seus cursos, também era próxima.

O historiador Murilo Cleto, que pesquisa a nova direita, diz que até no seu método de ensino Olavo "era reacionário".

"Enquanto a educação formal vinha passando por uma série de transformações para tornar as aulas mais atraentes, tomando o professor mais como mediador do que dono do conhecimento, ele encarnava a figura do professor sabe-tudo, vivendo de monólogos autocentrados."

"Exagerava nos adjetivos, nos palavrões, nas teorias conspiratórias para ilustrar seu argumento", diz.

"Mas Olavo era muito hábil em mexer com o brio de estudantes por algum motivo ressentidos com a universidade e eventualmente mais propensos à radicalização."

Resta aos olavetes, agora, fazer o dever de casa.

Colaborou Fábio Zanini

# Ex-petistas incluem eleitor de Bolsonaro e produtor de pitaia

Baixas no partido, que juntam envolvidos no mensalão e no petrolão, alimentaram siglas de esquerda e de direita

**Ranier Bragon e Catia Seabra**

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO A lista de filiados ao PT que deixaram o partido nos últimos 20 anos inclui fundadores do PSOL, mas também políticos que migraram para a direita, entre eles alguns que admitem votar em Jair Bolsonaro (PL).

A dispersão foi motivada, principalmente, pela insatisfação da ala mais à esquerda com a política econômica da primeira gestão de Lula (2003-2006) e pelos escândalos do mensalão (2005) e petrolão (a partir de 2014), que abateram expoentes da sigla.

Em 2013 e 2014 André Vargas (PR) foi vice-presidente da Câmara, um dos cargos mais importantes da República. Forçado a se desfiliar às vésperas da campanha pela reeleição de Dilma Rousseff, hoje ganha a vida produzindo pitaias em um sítio em Ibiporã, cidade vizinha a Londrina.

Em 2014, em solenidade na Câmara, ele repetiu para fotógrafos, ao lado de Joaquim Barbosa, então presidente do Supremo Tribunal Federal, o mesmo gesto de punho cerrado feito por petistas condenados no mensalão quando foram presos. Barbosa relatou o processo no STF.

O então deputado acabou caindo em desgraça após a **Folha** revelar ligações com o doleiro Alberto Youssef. Teve o mandato cassado pela Câmara, foi condenado pelo então juiz Sergio Moro e preso.

"Eu fiquei 42 meses preso, na mesma cela do Vaccari [João Vaccari Neto, ex-tesoureiro do PT], e dizia que a Lava Jato mergulharia o Brasil em anos de escuridão. Não imaginava que seria tão intenso", afirmou à **Folha**. Ele se diz inocente.

Segundo o ex-deputado, sua relação com o cárcere não foi de abatimento. "Trabalhei todos os dias, li 236 livros, fiz todos os cursos oferecidos, cada dia era um dia a menos. Tem gente que briga com a cadeia, se revolta. Para esses, cada dia é um dia a mais, tudo depende da forma como você encara."

O ex-petista afirma que aguarda votação de habeas corpus no STF que pede a anulação de suas duas condenações e diz que continua militando por Lula e por candidatos do partido, tarefa que divide com o pomar.

"Estou iniciando a produção [de pitaias], faço venda direta e em supermercados de Londrina. Estou no segundo ano, é um pomar novo, neste ano devo colher oito toneladas."

A primeira cisão no PT após Lula chegar ao poder se deu em 2003 envolvendo os chamados "radicais do PT", que faziam críticas à política econômica de Antonio Palocci.

O estopim da crise aconteceu quando a senadora Heloísa Helena (AL) e os deputados Babá (PA), Luciana Genro (RS) e João Fontes (SE) se recusaram a apoiar a proposta de reforma da Previdência.

O PT expulsou os quatro, sendo Fontes de forma sumária por ter divulgado um vídeo com imagens de Lula em 1987 atacando propostas de mudança na Previdência.

Quase 20 anos depois, Fontes está filiado ao PSB e, embora critique Bolsonaro, diz que repetirá 2018 e votará nele em segundo turno contra Lula.

"No PT eu não voto. Eu e a Heloísa Helena, a gente não pode votar no PT. Eu andei, amigo, seis meses com colete à prova de bala [na época de sua expulsão]", disse à **Folha**.

O ex-vice-presidente da Câmara André Vargas, que hoje produz pitaias em um sítio em Ibiporã, no PR Arquivo pessoal

"Eu disse publicamente em 2018 que votaria com nariz tapado contra o PT. E eu tenho esse mesmo pensamento."

Fontes diz que, com seu conhecimento político e técnico (ele é advogado), tem a convicção de que o PT cometeu os crimes pelos quais foi acusado. E critica também Bolsonaro, apesar de ter participado em Aracaju do ato pró-governo no feriado de 7 de Setembro —ele diz que foi protestar contra a "ditadura da toga", não apoiar Bolsonaro.

Fontes afirma não ter um candidato de preferência, entre os atuais nomes.

Outro potencial eleitor de Bolsonaro é o ex-senador Delcídio do Amaral (MS). Hoje presidente estadual do PTB, Delcídio era filiado ao PSDB até 2001, quando migrou para o PT, onde foi líder de Dilma.

Foi afastado do PT em 2015, após ser preso sob acusação de tentativa de obstrução de Justiça. Deixou o partido em 2016, ocasião em que acertou delação no âmbito da Lava Jato e passou a fazer acusações contra próceres do petismo.

Filiou-se ao PTB a convite do bolsonarista Roberto Jefferson. Inocentado, concorrerá a uma vaga na Câmara por um estado que, em suas palavras, é bolsonarista.

Questionado sobre a hipótese de votar no presidente, afirma: "O apoio a Bolsonaro é a posição do PTB. E estamos alinhados", diz Delcídio, que divide a agenda política com produção de gado e atividade empresarial.

Completa a lista de ex-petistas que hoje estão em partidos mais à direita o ex-deputado Cândido Vaccarezza (SP), líder dos governos Lula e Dilma na Câmara. Depois de se desfiliar do PT em 2016, chegou a ser preso na Operação Lava Jato em 2017 e voltou a praticar a medicina ginecológica.

Médico concursado da Prefeitura de São Paulo, pretende se candidatar a deputado federal pelo Avante. Em um eventual segundo turno entre Lula e Bolsonaro, votará no petista, afirma.

"Eu não falo mal deles e eles não falam mal de mim", diz, ao se referir a petistas.

Entre os radicais expulsos em 2003, três participaram da fundação do PSOL, em 2004. Heloísa Helena, porém, deixou o partido e hoje é uma das porta-vozes da Rede. Ela não quis falar com a reportagem.

Babá transferiu seu domicílio eleitoral para o Rio. Não conseguiu se eleger vereador em 2020. Integrando um movimento minoritário dentro do PSOL, pretende se candidatar ao Senado em uma chapa que teria o deputado Glauber Braga para a Presidência. Ele admite hipótese de anular voto caso o PSOL se alie a Lula.

Deputada estadual, Luciana Genro trabalha internamente para reverter a tendência de apoio do PSOL a Lula ainda no primeiro turno. Ela rechaça a ideia de participação em um eventual governo petista. Mas admite votar no ex-presidente em um segundo turno.

De figuras centrais em escândalos, o ex-ministro Antonio Palocci, homem forte nos governos Lula e Dilma, é hoje talvez o nº 1 na lista de "personas non grata" no PT.

Preso na Lava Jato, ele se desfiliou do PT após negociar delação e dizer que Lula sucumbiu ao pior da política.

Palocci ficou livre em dezembro de usar tornozeleira eletrônica após o STJ anular sua condenação. No último dia 2 sua defesa pediu ao STF que seus bens também sejam desbloqueados, assim como o que ocorreu com Lula.

Um dos que deixaram o PT após o escândalo do mensalão, o ex-senador Cristovam Buarque (DF) é hoje voz dissidente em sua legenda, o Cidadania, ao defender o voto em Lula já no primeiro turno para derrotar o bolsonarismo.

"Ainda que continue achando que o PT, pelas falas de alguns dirigentes, não entendeu que a responsabilidade fiscal hoje é uma condição fundamental, acho que durante todo esse período não surgiu um partido com a força do PT e um líder com o carisma do Lula." Aos 78, diz que não pretende se candidatar.

O ex-petista Chico Alencar (PSOL-RJ) defende aliança contra o bolsonarismo com independência crítica. "Coligação não é fusão."

Hoje vereador, ele cogita concorrer a deputado federal. "Foi uma separação [do PT] definitiva. Mas não litigiosa. Como me disse um assentado do MST no norte fluminense, 'mudamos de enxada para continuar o plantio'."

> No PT eu não voto. Eu e a Heloísa Helena, a gente não pode votar no PT. Eu andei seis meses com colete à prova de bala [na época de sua expulsão do partido]
>
> **João Fontes**
> ex-deputado pelo PT

**O histórico de amor e ódio entre PT e alguns de seus expoentes**

**ANTONIO PALOCCI**
**Ministro da Fazenda do governo Lula e da Casa Civil do governo Dilma**
Alvo da Operação Lava Jato, negociou delação e se desfiliou do PT, do qual foi fundador. Preso e condenado, ficou livre em dezembro de usar tornozeleira eletrônica após o STJ anular sua condenação

**ANDRÉ VARGAS**
**Ex-vice-presidente da Câmara**
Após virem à tona ligações com o doleiro Alberto Youssef, ele se desfiliou do PT e acabou tendo o mandato cassado em 2014. Ficou preso de 2015 a 2018, quando obteve liberdade condicional

**SILVIO PEREIRA**
**Ex-secretário-geral do PT**
Deixou o partido no escândalo do mensalão, após a revelação de que aceitou uma Land Rover de uma fornecedora da Petrobras. Foi condenado 15 anos depois por corrupção passiva. Ele recorreu da decisão

**JOÃO SANTANA**
**Marqueteiro das campanhas de Lula em 2006 e de Dilma em 2010 e 2014**
Rompeu com o PT ao virar delator na Lava Jato. Hoje é marqueteiro da campanha de Ciro Gomes (PDT)

**DELCÍDIO DO AMARAL**
**Líder do governo Dilma no Senado (MS)**
Deixou o partido em 2016, ocasião em que acertou delação premiada no âmbito da Lava Jato. Pretende concorrer a deputado federal pelo PTB

**MARTA SUPLICY**
**Ex-prefeita de SP, ministra do Turismo no governo Lula e ministra da Cultura no governo Dilma**
Desfiliou-se do PT em 2015 e apoiou o impeachment de Dilma Rousseff. Passou por MDB e Solidariedade e, hoje, é secretária na Prefeitura de São Paulo. Recentemente, reatou relações com Lula

**CÂNDIDO VACCAREZZA**
**Líder do governo na Câmara nas gestões Lula e Dilma**
Desfiliou-se do PT em 2016, chegou a ser preso na Operação Lava Jato em 2017 e voltou a atender em seu consultório de ginecologia. Pretende se candidatar a deputado federal pelo Avante

**CRISTOVAM BUARQUE**
**Senador e ministro no governo Lula**
Deixou o PT em 2005, em meio ao escândalo do mensalão, e se filiou ao PDT. Depois, ingressou no Cidadania. Em 2018, não conseguiu se reeleger para o terceiro mandato no Senado

**HÉLIO BICUDO**
**Jurista, militante dos direitos humanos e um dos fundadores do PT (morto em 2018)**
Rompeu com a sigla após o escândalo do mensalão e, cerca de dez anos depois, foi um dos signatários do pedido que serviu de base para o impeachment de Dilma Rousseff (2016)

**IVAN VALENTE**
**Deputado federal (SP)**
Rompeu com o PT após críticas ao governo e ao escândalo do mensalão. Filiou-se ao PSOL e hoje é deputado federal

**CHICO ALENCAR**
**Deputado federal (RJ)**
Rompeu com o PT após críticas ao governo e ao escândalo do mensalão. Filiou-se ao PSOL e hoje é vereador no Rio

**HELOÍSA HELENA**
**Senadora (1999-2006)**
Foi expulsa do PT em 2003, por se opor à reforma da Previdência. Ajudou a fundar o PSOL em 2004 e, hoje, é uma das porta-vozes da Rede. Ocupa cargo comissionado no Senado. Pretende concorrer agora a deputada federal

**JOÃO FONTES**
**Deputado federal (SE)**
Expulso do partido em 2003, no grupo que se opunha à política econômica de Lula, disse ter votado em Bolsonaro no 2º turno de 2018 e se alinhou a pautas do bolsonarismo, como a defesa do voto impresso

**MARINA SILVA**
**Senadora e ministra na gestão Lula**
Desfiliou-se do PT em 2009 e disputou a Presidência nas três eleições seguintes. Ficou em terceiro em 2010, pelo PV, e 2014, pelo PSB, e em oitavo em 2018, pela Rede

**BABÁ**
**Deputado federal (RJ)**
Foi expulso do PT em 2003, por se manifestar de forma contrária ao governo Lula, em especial à reforma da Previdência. Fundador do PSOL. Não conseguiu se eleger vereador no Rio, em 2020

**LUCIANA GENRO**
**Deputada federal (RS)**
Foi expulsa do PT em 2003, por se manifestar de forma contrária ao governo Lula, em especial à reforma da Previdência. Ajudou a fundar o PSOL em 2004 e, hoje, é deputada estadual

# Ciro defende aliança com Paes e diz que Lula destrói a esquerda

**Italo Nogueira**

RIO DE JANEIRO O ex-ministro Ciro Gomes (PDT) afirmou neste domingo (6) ter paciência para transformar a aliança regional firmada com o prefeito do Rio, Eduardo Paes (PSD), num acordo nacional.

PDT e PSD fecharam uma aliança no estado cuja cabeça de chapa ainda será definida. A sigla de Paes, comandada por Gilberto Kassab, mantém publicamente a intenção de lançar um candidato à Presidência.

Ciro afirmou que a aliança no Rio independe de um acordo nacional, mas declarou ter paciência para manter as conversas.

"Sob o ponto de vista nacional, paciência, paciência, paciência. Hoje ele tem uma delicadeza que eu respeito muito. Ele pertence a um partido que tem [pré] candidato", disse, após reunião do secretariado comandada por Paes.

O pedetista afirmou que a forma de construção de sua candidatura difere da do ex-presidente Lula (PT), a quem acusou de prejudicar os partidos de esquerda.

"Não sou como o Lula. Lula está destruindo os partidos, o PSOL, PC do B, PSB porque para o Lula tem que ficar o PT sozinho. O único partido progressista que resiste a isso é o PDT."

"Derrotar Bolsonaro é questão gravíssima, urgente e imediata. O Lula está tentando que seja só essa, quando não é só essa. Mais grave do que essa é o que pretendemos colocar no lugar da terra arrasada que vai ficar. O Lula tem despolitizado o debate de uma forma muito perigosa."

O PSD tem como pré-candidato o presidente do Senado, Rogério Pacheco. As dúvidas do senador em abraçar a campanha iniciaram uma discussão sobre a troca do postulante da sigla. Há articulações para atrair o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), ou o ex-governador do Espírito Santo Paulo Hartung para o partido e assumir o posto.

Os dois partidos têm pré-candidatos ao governo fluminense: o ex-prefeito Rodrigo Neves (PDT) e o ex-presidente da OAB Felipe Santa Cruz (PSD). Ambos participaram do encontro neste domingo.

Ciro afirmou que o deputado federal Marcelo Freixo (PSB), pré-candidato ao governo com apoio do PT, "entrou no jogo do Lula".

Neves disse que a aliança busca unir "as duas melhores escolas de gestão do Rio". O discurso tem como objetivo ressaltar a falta de experiência de Freixo em cargos do Executivo.

"[Vamos unir a] tradição do PDT em Niterói de boas administrações, antes do meu governo e depois, e a boa escola de gestão do prefeito Eduardo Paes. Essa unidade é importante para ganhar a eleição e para fazer o diálogo para reconstruir o Rio. Nossos adversários não têm o que mostrar ou histórico de boa gestão. Freixo nem experiência tem", afirmou Neves.

O presidente do PDT, Carlos Lupi, disse que ainda há articulação para incluir novos partidos na aliança para ampliar a presença da chapa na Baixada Fluminense.

Paes não falou após a reunião. Em entrevista ao jornal Valor Econômico, afirmou que Lula está com "certo salto alto".

# mundo

# Brasileiros nascidos no Japão, em limbo de idiomas, mudam perfil migratório

Nova geração quer ficar no país asiático, mas sofre com falta de perspectiva por lacunas educacionais

Juliana Sayuri

TOYOHASHI (JAPÃO) Nacionalidade "brasileira", diz o documento de identificação de Marcela (nome fictício), 19, que trabalha numa fábrica de autopeças no Japão. Ela nasceu na cidade de Okazaki, na província de Aichi —mas, como é filha de brasileiros, aos olhos das autoridades nipônicas não é considerada cidadã japonesa.

Os pais de Marcela migraram nos anos 1990, na primeira onda de decasséguis, descendentes de japoneses que foram trabalhar —a princípio— temporariamente em fábricas do arquipélago.

A ideia era economizar dinheiro e um dia voltar. Para muitos imigrantes, porém, esse "um dia" nunca chegou. Eles ficaram, formaram famílias e tiveram filhos no país, uma geração que não quer ir embora para o Brasil. "Voltar para quê?", pergunta Marcela. "Ainda mais na pandemia."

Hoje há 206 mil brasileiros no Japão, segundo dados do Ministério da Justiça. Quase 60% têm visto de residência permanente, o que indica uma tendência de enraizamento.

Radicado há mais de 30 anos no país, o advogado paulista Etsuo Ishikawa presta consultoria para instituições voltadas a brasileiros. Já deu diversas orientações jurídicas a interessados em obter a cidadania japonesa —ocorre ao menos uma consulta por mês sobre o assunto. "Muitas vezes, são jovens que nasceram e cresceram no Japão e nunca pisaram no Brasil. São brasileiros só no papel", diz ele.

"Há uma geração de nikkeis [descendentes de japoneses] que estão no Japão para ficar, uma mudança ante os primeiros imigrantes. É importante pensar no futuro deles. Um futuro não muito distante."

Cerca de 43 mil dos brasileiros residentes no Japão são crianças e jovens de até 18 anos. Entre eles, 4.000 estão matriculados em colégios brasileiros, instituições particulares idealizadas para acolher filhos de imigrantes no fim da década de 1990. Até 2008, foram abertas mais de cem escolas brasileiras. Em 2010, o número caiu para 76, entre as quais apenas 47 eram homologadas pelo Ministério da Educação do Brasil, o que possibilita que os estudos realizados no Japão sejam validados no Brasil.

Atualmente, segundo dados da embaixada do Brasil em Tóquio, há 36 escolas homologadas, a maioria delas nas províncias de Aichi e Shizuoka. Elas cumprem um papel importante, diz o cônsul Aldemo Garcia, da representação brasileira em Hamamatsu: com horários diferentes, muitas vezes mais extensos que os das escolas japonesas, são uma alternativa para os pais que passam longas jornadas nas fábricas.

"O problema é que as escolas brasileiras têm, em média, só duas horas [de aula] de japonês por semana", afirma.

O domínio do idioma é considerado o maior entrave para a integração dos imigrantes à sociedade nipônica —e há quem viva até hoje num tipo de "bolha brasileira" no Japão.

Estudos indicam que crianças correm o risco de se sentirem "perdidas" nas idas e vindas entre Brasil-Japão, enfrentando dificuldades ao tentar desenvolver o português e o japonês ao mesmo tempo. É o que conta Giulia (nome fictício), 16: nascida no interior de São Paulo, ela viveu dos 3 aos 6 anos no Japão, foi ao Brasil e ficou até os 11, e voltou ao Japão. Hoje, frequenta uma escola brasileira de Aichi.

"Queria aprender japonês, mas até agora não consegui", diz a estudante paulista, que não vê a hora de começar a fazer "arubaito", o trabalho temporário que, no geral, não exige educação superior e muitas vezes dispensa a proficiência na língua japonesa.

Sem perspectiva de ingressar em uma universidade, investir em uma qualificação profissional ou empreender, há jovens brasileiros buscando vagas de operários, como fizeram seus pais. "Muitas vezes, o sonho dos pais não é o mesmo dos filhos", diz a pesquisadora Nilta Dias, do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade Sophia, em Tóquio. "Pais podem querer que filhos aproveitem a oportunidade que eles não tiveram para estudar e almejar um futuro melhor; já jovens podem preferir ganhar dinheiro na fábrica, pensando no presente imediato", destaca ela, que pesquisa o tema desde 1999.

Na década de 2000, conta Dias, era raríssimo ver alunos brasileiros na universidade. Hoje, pondera, é mais comum encontrar estudantes estrangeiros no campus —estima-se que cerca de 500 jovens brasileiros, egressos de colégios japoneses ou brasileiros, conseguiram chegar ao ensino superior.

"Sempre digo: cada caso é um caso. Sim, há jovens indo para fábricas; mas há muitos indo para universidades, intercâmbios, cursos técnicos. Que viraram enfermeiros, empreendedores e uma série de profissões. Que são modelos para motivar as novas gerações."

> Há uma geração de nikkeis [descendentes de japoneses] que estão no Japão para ficar, uma mudança ante os primeiros imigrantes. É importante pensar no futuro deles. Um futuro não muito distante
>
> **Etsuo Ishikawa**
> advogado paulista que presta consultoria a brasileiros no Japão

**206 mil**
é o número de brasileiros no Japão, segundo dados do Ministério da Justiça

**43 mil**
é a parcela de brasileiros no Japão com até 18 anos de idade

Consulados e ONGs de brasileiros vêm realizando eventos educacionais e culturais para conscientizar conterrâneos sobre a importância da educação, inclusive o mais básico para quem pretende ficar "para sempre" —ou ao menos por um bom tempo— no país asiático: a alfabetização na língua japonesa.

A ideia dessas iniciativas é fortalecer os laços com o Brasil e, ao mesmo tempo, a integração com o Japão. Natalia Oliveira Takahashi, 24, entende bem o que é viver entre os dois mundos. Ela nasceu em Nishio e, desde pequena, estudou em escola japonesa de manhã e em escola brasileira à tarde. É fluente nos dois idiomas. "Dos 7 aos 12, tive uma professora muito legal, que não ensinava só o português, mas contava como era a cultura além do Brasil que se via nas novelas e nas notícias", afirma ela, que até hoje visitou o país sul-americano apenas três vezes, de férias.

Natalia cursou política internacional na Universidade Sophia —foi uma das alunas de Dias. Graduou-se em 2020 e hoje trabalha na área de marketing, em Tóquio. "Tive sorte, meus pais sempre me incentivaram. Não só apoio financeiro, mas acolhimento, conselhos, tudo isso faz diferença para a nossa formação."

Ela se considera brasileira e japonesa ao mesmo tempo, mas, desde os tempos de universidade, no contato com outras culturas, diz que prefere se ver como uma "global citizen", ou seja, uma cidadã global. "Tenho essas duas culturas enraizadas, mas tento pensar que não sou só isso: faço parte do mundo."

Abdelhak Balhak/Reuters

**MORTE DE CRIANÇA NO MARROCOS COMOVE DO PAPA A MACRON**

A morte do menino Rayan Awram, de 5 anos de idade, causou comoção em todo o mundo após ele passar cinco dias preso em um poço no Marrocos e morrer antes de o resgate chegar, no sábado (5). O papa Francisco elogiou o povo marroquino por se unir para tentar resgatar o menino. "As pessoas se uniram para salvar Rayan, trabalharam juntas para salvar uma criança", disse na bênção semanal na Praça de São Pedro, no Vaticano. Já o presidente da França, Emmanuel Macron, escreveu em árabe, no Facebook, uma mensagem na qual se dirigia à família de Rayan e ao povo marroquino, dizendo compartilhar da dor deles. Clubes de futebol como Liverpool, Barcelona e Sevilla também enviaram condolências em suas contas árabes no Twitter. "A coragem de Rayan permanecerá em nossas memórias e continuará nos inspirando", escreveu Ismael Bennacer, meia argelino do Milan, com um desenho de um menino erguido ao céu por um balão.

## TODA MÍDIA | *Nelson de Sá*

nelson.sa@grupofolha.com.br

## À espera de Scholz, Biden mantém 'escalada retórica'

Após a porta-voz da Casa Branca prometer que não iria mais falar que a invasão da Ucrânia é "iminente", o conselheiro de Segurança Nacional surgiu na Fox News para falar que a invasão pode acontecer "a qualquer momento agora".

Na home page do New York Times, "Autoridades do governo Biden disseram que invasão poderia provocar uma crise de refugiados" na Europa.

Como a CNN admitiu uma semana antes, quando até a Ucrânia passou a resistir à "escalada retórica dos EUA", há "sinais claros" de que a estratégia visa "forçar aliados na Europa a tomar posições mais duras" contra a Rússia.

Um em especial, o alemão Olaf Scholz. Ele chega a Washington nesta segunda (7) sob fogo do mesmo NYT, que afirmou em reportagem, sem creditar a ninguém: "A paciência está acabando, e Scholz tem que trazer algo à mesa".

O Wall Street Journal, em seu destaque da visita, se concentrou no outro lado, buscando explicar por que ele não abandona o Nord Stream 2, principal exigência de Biden: "Assessores dizem que a cautela de Scholz não é motivada por preocupações com o gás. Eles dizem que o esforço dos EUA para trazer a Ucrânia para a esfera ocidental e fornecer armas está aumentando a instabilidade na Europa."

O chanceler já havia justificado, à rede ZDF: "Muitos cidadãos deste país temem que a situação possa realmente surgir, de uma guerra na Europa, e é tarefa comum garantir que isso não aconteça".

O WSJ ressalta que "os alemães, que há décadas são céticos sobre o uso —ou ameaça— de força militar para resolver crises, apoiam a abordagem cautelosa de Scholz: pesquisa recente mostrou que 73% concordam com a sua recusa em armar a Ucrânia".

**AGUENTA PRESSÃO** O jornal americano ouve, de uma economista próxima de Scholz, Philippa Sigl-Glöckner: "O chanceler aguenta pressão, é paciente e não se deixa influenciar com facilidade".

**CRISE DOS MÍSSEIS** Na manchete do South China Morning Post ao longo do final de semana, "China e Rússia conclamam EUA a abandonar plano de implantar mísseis na Ásia-Pacífico e na Europa". Para o jornal, mais do que o acordo sobre gás, foi o destaque da cúpula Xi Jinping-Vladimir Putin —e alinha os países em relação à anunciada estratégia americana de expansão de "mísseis de longo alcance" nas duas regiões.

**'TRAIÇÃO'**
Na Fox News, Tucker Carlson atacou a esquiadora Eileen Gu, 18, nascida na Califórnia e que compete pela China nos Jogos, por 'traição'; na China, outra californiana que compete por Pequim, a esquiadora Zhu Yi, 19, virou alvo dos 'netizens' no Sina Weibo após cair na apresentação, com questionamentos a seu 'patriotismo'; mas ela foi aplaudida ao final, no ginásio, e defendida na rede social por Hu Xijin, do Global Times

# O imbrochável vai a Moscou

Objetivo da visita de Bolsonaro a Putin é exaltar masculinidade tóxica

**Mathias Alencastro**
Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Uma característica inusitada do bolsonarismo é a preocupação constante em associar seu projeto doméstico a uma grande narrativa internacional. O fim da aliança com Trump e Netanyahu, pedra angular da diplomacia entre 2019 e 2021, obrigou aliados do presidente a irem atrás de alternativas.

Após trocar simpatias com Erdogan e se encontrar com os petromonarcas do Oriente Médio no final do ano passado, Jair Bolsonaro se prepara para completar a guinada oriental da sua política externa com a viagem à Rússia. Para Vladimir Putin, o momento não poderia ser mais oportuno.

Numa das maiores mobilizações de uma potência militar desde a Guerra do Golfo de 2003, o líder russo estacionou cerca de 130 mil tropas na fronteira ucraniana e iniciou um jogo de pressão com as potências ocidentais. O mês de fevereiro será decisivo, e Putin quer mostrar que a Rússia não está isolada.

No embalo do memorável encontro com Xi Jinping, apresentará a visita de Bolsonaro como manifestação de apoio dos países do Brics. Para desespero do Itamaraty, será quase impossível impedir a instrumentalização da agenda pelo Kremlin.

Esse enésimo constrangimento diplomático terá impacto limitado para o Brasil. As potências ocidentais parecem indiferentes às provocações de Bolsonaro, que consideram um caso perdido.

A aproximação com potências não ocidentais vai sempre esbarrar na antipatia à China, tornada irreversível pelo comportamento primitivo dos bolsonaristas.

Nesse contexto, é difícil que algum dirigente, a começar pelo ultrarrealista Putin, gaste seu capital político se comprometendo com o governo brasileiro a poucos meses das eleições. A nova fase da diplomacia bolsonarista promete ser igual à anterior: amadora, superficial e facilmente manipulável.

Sobram a Bolsonaro, apequenado e isolado, o vício e a vigarice. Desde as eleições de 2018, ele vem usando as relações internacionais para virilizar a sua imagem.

Sob esse ponto de vista, a agenda russa cumpre plenamente a sua função. Nos últimos 20 anos, Putin praticamente reinventou o uso da masculinidade como um instrumento de poder, pilotando tanques e desafiando ursos para resgatar a autoestima dos homens russos traumatizados pelo colapso da União Soviética. Ao se aproximar do rei da masculinidade tóxica, Bolsonaro reafirma a sua associação a Donald Trump, Mohammed bin Salman, Matteo Salvini e outras figuras admiradas pelo eleitor de extrema direita.

Mas essa operação cosmética pode sair pela culatra. Afinal, o contraste entre os dois exércitos é muito mais forte do que o paralelo entre Bolsonaro e Putin. De um lado estará o chefe de uma força que se notabilizou por alçar a posições de tomada de decisão sumidades como Eduardo Pazuello, desfilar com tanques fumegantes e gastar em filé mignon e picanha os recursos para enfrentar a crise sanitária.

Do outro, o líder de um país que consegue pensar em todos os tabuleiros militares do mundo com o PIB equivalente ao do Brasil. A viagem a Moscou vai deixar claro, outra vez, a insignificância do imbrochável.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

# EUA fazem jogo duplo, e Ucrânia afasta 'previsões apocalípticas'

Americanos negam querer guerra, mas vazam relatório sobre ação russa para tomar Kiev em menos de 48 h

**WASHINGTON | REUTERS E AFP** Dias após anunciar o envio de cerca de 3.000 soldados para a Europa, os EUA afirmaram neste domingo (6) que não pretendem iniciar uma guerra com a Rússia, que mobilizou 110 mil militares na fronteira com a Ucrânia e dá sinais, segundo o governo americano, de que uma invasão pode ocorrer em breve.

"O presidente deixa claro há meses que os EUA não estão enviando forças para iniciar uma guerra ou entrar em uma guerra contra a Rússia na Ucrânia", afirmou Jake Sullivan, conselheiro de segurança nacional do presidente Joe Biden, em entrevista à rede americana NBC neste domingo. O primeiro contingente de soldados americanos chegou à Polônia no sábado (5).

O governo ucraniano, por sua vez, por meio de Myhailo Podoliak, conselheiro-chefe do presidente Volodimir Zelenski, tem tentado reduzir as tensões e voltou a dizer que a possibilidade de resolver a crise com a Rússia por meio da diplomacia segue maior do que a chance de uma invasão.

No Twitter, o chanceler Dmitro Kuleba reforçou o coro e pediu que a população "não acredite em previsões apocalípticas". "Hoje, a Ucrânia tem um Exército forte, apoio internacional sem precedentes e a fé dos ucranianos em seu país. O inimigo deve ter medo de nós, não nós deles."

Para Jake Sullivan, entretanto, "uma escalada militar e uma invasão poderiam ocorrer a qualquer momento". "Acreditamos que os russos já colocaram em marcha capacidades para uma operação militar significativa", disse. Segundo o assessor do governo americano, entre as opções russas estão a anexação da região de Donbass, onde separatistas apoiados pela Rússia romperam com o controle do governo em 2014, ou mesmo uma invasão em larga escala. Ataques cibernéticos também estão sobre a mesa.

No fim de semana, a inteligência americana começou a vazar relatórios à imprensa sobre o que aconteceria se a Rússia optasse por um ataque de grandes proporções. A invasão, para a Casa Branca, poderia tomar a capital Kiev e derrubar Zelenski em até 48 horas, além de matar de 25 mil a 50 mil civis.

Entre as baixas também poderia haver entre 5.000 e 25 mil soldados ucranianos mortos e entre 3.000 e 10 mil soldados russos. A ação poderia desencadear uma avalanche de refugiados, de 1 milhão a 5 milhões de pessoas, principalmente para a Polônia, de acordo com a Casa Branca.

Funcionários da inteligência americana também disseram ao Congresso dos EUA que as forças russas têm crescido em ritmo constante e que Putin terá poder de fogo para uma invasão em grande escala, com cerca de 150 mil soldados, em poucas semanas.

Apesar de já ter reunido 110 mil tropas na fronteira, a Rússia nega planos de invadir o vizinho, mas diz que pode agir caso suas exigências de segurança não sejam atendidas, como o compromisso de que a Otan, a aliança militar ocidental, nunca admitirá a entrada da Ucrânia no clube e o recuo do grupo a seu tamanho antes da absorção de membros ex-comunistas —pontos inaceitáveis para os americanos.

Moscou, mesmo que negue a intenção de invadir a Ucrânia, segue mostrando os dentes, com manobras militares conjuntas com Belarus e o envio, de acordo com a inteligência americana, de batalhões para o norte de Kiev e para a região de Brest, próximo da fronteira com a Polônia.

Há duas semanas, 60 batalhões do Exército russo se posicionaram ao norte, a leste e a sul do país vizinho, particularmente na península da Crimeia, anexada pela Rússia depois de uma invasão em 2014.

Na última sexta-feira o número cresceu para 80 batalhões, e outros 14 estavam a caminho a partir de outras partes do país, também segundo autoridades americanas. Além disso, cerca de 1.500 soldados das forças especiais russas conhecidas como Spetsnaz foram enviados ao longo da fronteira com a Ucrânia há uma semana.

Telão na região central de Londres exibe retrato da rainha Elizabeth 2ª no 70º aniversário de seu reinado Tom Nicholson/Reuters

# Príncipe Charles homenageia 70 anos do reinado de Elizabeth 2ª e agradece apoio à esposa Camilla

**LONDRES | REUTERS E AFP** O príncipe Charles, do Reino Unido, homenageou neste domingo (6) o aniversário de 70 anos de reinado de sua mãe, Elizabeth 2ª, e agradeceu o apoio dela para que sua esposa, Camilla Parker-Bowles, receba o título de rainha consorte quando ele assumir o trono.

"A devoção da rainha ao bem-estar de todo o povo inspira ainda mais admiração com o passar dos anos", afirmou o filho em um comunicado. "O ano deste Jubileu de Platina sem precedentes traz uma oportunidade para todos nós nos unirmos na celebração da rainha", escreveu.

O premiê Boris Johnson, sob pressão para renunciar após a revelação de festas do governo durante os períodos mais severos de lockdown no país, também aproveitou para homenagear a rainha, que "em sete décadas de reinado mostrou um inspirador sentido de dever e uma devoção inabalável a esta nação".

Elizabeth 2ª comemorou 70 anos de reinado em cerimônia privada neste domingo, como tem sido tradição —ela costuma passar os aniversários de reinado na propriedade real de Sandringham, ao norte de Londres.

O dia 6 de fevereiro costuma ser agridoce para Elizabeth, porque, além de sua ascensão ao trono, aos 25 anos de idade, em 1952, é também a data da morte de seu pai, o rei George 6º, a quem era muito apegada, vítima de um câncer de pulmão. Este ano é também o primeiro em que celebrará seu aniversário de reinado sem o marido, o príncipe Philip, morto em abril de 2021 aos 99 anos.

Antes de viajar a Sandringham, a rainha relembrou, no Castelo de Windsor, objetos e mensagens recebidos em jubileus anteriores. Entre eles, um cartão feito com tampas de garrafa e uma "receita para uma rainha perfeita", escrita por uma criança, com sugestões de itens como "500 ml de sangue real", "um pouco de joias" e "uma pitada de lealdade". "É muito divertido", disse ela, de acordo com o Palácio de Buckingham.

No sábado (5), a rainha manifestou publicamente apoio a Camilla, mulher de Charles. "É o meu desejo sincero que, quando chegar a hora, Camilla seja conhecida como rainha consorte", escreveu ela.

> "A devoção da rainha ao bem-estar de todo o povo inspira ainda mais admiração com o passar dos anos [...] [Esta é] uma oportunidade para nos unirmos na celebração da rainha
>
> **Príncipe Charles**
> em comunicado

Charles respondeu neste domingo. "Estamos profundamente conscientes da honra representada pelo desejo de minha mãe. À medida que buscamos juntos servir e apoiar Sua Majestade e as pessoas de nossas comunidades, minha querida esposa tem sido meu apoio constante."

Em 2005, quando Charles e Camilla se casaram, um comunicado da família real afirmava que a intenção do príncipe era que ela mantivesse o título de princesa consorte.

À época, o anúncio foi visto como um reconhecimento da sensibilidade do tema, já que o título de rainha estava destinado a Diana, primeira mulher de Charles, de quem se divorciou em 1996, um episódio envolto em boatos de traição mútua. Charles, por exemplo, ganhava notoriedade pela "amizade" com Camilla.

A morte de Diana, no ano seguinte, chocou o Reino Unido, e a imagem de Camilla como uma espécie de pária sob os olhos da população permaneceu durante muito tempo. Uma entrevista de Diana à BBC, na qual dizia que o casamento dela, "com três pessoas", estava "um pouco lotado", reforçou essa percepção.

Agora, com a indicação de Elizabeth para fazer com que Camilla seja, oficialmente, considerada rainha, a duquesa de Cornwall parece não ser mais vista como uma amante real, mas uma figura central na família.

Na véspera da comemoração do Jubileu de Prata, celebrado neste domingo, Elizabeth fez uma recepção em sua residência de Sandringham, uma rara aparição desde sua breve hospitalização em outubro.

"A rainha ofereceu uma recepção para os membros da comunidade local e grupos de voluntários em Sandringham na véspera do dia de sua ascensão ao trono", anunciou o Palácio de Buckingham em uma nota. "Em 6 de fevereiro, a rainha será a primeira monarca britânica a celebrar um Jubileu de Platina."

Nas fotos, sorrindo, vestida com roupas de cor azul e um colar de pérolas, a rainha cortou um bolo preparado para a ocasião por uma moradora local, que levava o emblema do Jubileu de Platina.

Entre os convidados estava a ex-cozinheira Angela Wood, que contribuiu para a criação do "Coronation chicken" ou "Frango Rainha Elizabeth", agora um clássico da gastronomia britânica: frango frio envolvido por um molho de curry cremoso, que foi servido no banquete da coroação de Elizabeth 2ª, em 1953.

entrevista da 2ª

# Vilma Reis

# Brasil tem repulsa de imigrantes negros, mas é receptivo a europeus

Para socióloga, assassinatos do congolês Moïse e de Durval, morto por um militar, no Rio, expõem racismo 'em carne viva' no país

COTIDIANO

Victoria Damasceno

SÃO PAULO A postura do Brasil em relação aos imigrantes negros é de repulsa, enquanto o sentimento dirigido aos europeus e americanos brancos que chegam ao país é de receptividade, diz a socióloga Vilma Reis, 52.

A afirmação foi feita enquanto ela refletia sobre o assassinato do congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, 24, espancado até a morte em um quiosque na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro.

"Um país que se vangloria tanto de ser aberto e comunicativo, o Brasil tem tido uma postura racista, criminalizadora e repulsiva com os imigrantes pobres. E pela história que está colocada para nós, são os nossos irmãos africanos: angolanos, congoleses e nigerianos", diz Reis à Folha.

Moïse foi morto no último dia 24. Câmeras de segurança mostram o congolês imobilizado e levando pauladas com um pedaço de madeira.

Segundo a família, ele era funcionário do quiosque Tropicália e teria ido até o local cobrar diárias atrasadas. A Justiça determinou a prisão temporária de três dos envolvidos no crime: Fábio Pirineus da Silva, Aleson Cristiano de Oliveira Fonseca e Brendon Alexander Luz da Silva.

Os suspeitos afirmaram que foram intervir para proteger um colega, funcionário do Tropicália. Um deles justificou a agressividade que levou ao homicídio à raiva que estava sentido pelo fato, segundo disse, de a vítima estar incomodando clientes e trabalhadores da orla há dois dias.

Pouco mais de duas semanas depois, Durval Teófilo Filho, um homem negro de 38 anos, foi morto a tiros pelo sargento da Marinha Aurélio Alves Bezerra, seu vizinho, após ser supostamente confundido com um ladrão.

À polícia, o militar disse que atirou porque viu o vizinho mexendo na mochila e pensou que seria assaltado. O autor do crime prestou socorro, levando a vítima ao Hospital Estadual Alberto Torres, mas Filho não resistiu.

As mortes mobilizaram protestos em diversas cidades do país neste sábado (5).

Reis fala que a conexão entre os dois assassinatos é o racismo, dado pela cor da pele e pelas características físicas das vítimas. "O racismo no Brasil não é um racismo de origem, é um racismo de marca. E nós, a população [negra], nós carregamos as marcas em nosso corpo."

Militante do movimento negro e feminista negra, foi a socióloga foi ouvidora-geral da Defensoria Pública da Bahia por dois mandatos e chegou a ser pré-candidata do PT à Prefeitura de Salvador em 2020. Acredita que o partido, se chegar à presidência da República mais uma vez, terá como prioridade a política carcerária —ponto chave para o combate ao racismo no país.

Rafael Martin/Folhapress

**Vilma Reis, 52**
Nascida em Salvador, é socióloga, mestre em ciências sociais e doutoranda em Estudos Étnicos Africanos da UFBA (Universidade Federal da Bahia). Foi ouvidora-geral da Defensoria Pública da Bahia até 2019, mobilizadora da Marcha das Mulheres Negras desde 2015. Filiada ao PT desde 2007, foi pré-candidata à Prefeitura de Salvador em 2020 pelo partido

*

**Por que nós podemos associar o assassinato do Moïse ao racismo?** É muito importante a gente pensar uma primeira questão: como o Brasil trata as relações que a sociedade brasileira desenvolve com os imigrantes brancos, ricos, europeus e norte-americanos, e a relação que historicamente o Brasil tem desenvolvido com os africanos e mais recentemente com os latino-americanos, indígenas, pobres, haitianos e outros.

Tem sido uma relação de rechaço, de repulsa. Um país que se vangloria tanto de ser aberto e comunicativo, o Brasil tem tido uma postura racista, criminalizadora e repulsiva com os imigrantes pobres. E pela história que está colocada para nós, são os nossos irmãos africanos: angolanos, congoleses e nigerianos.

**Então você concorda com a tese de que a receptividade dos brasileiros é direcionada para imigrantes brancos?** Sim, porque é um comportamento das elites econômicas e políticas do país, e isso se reflete na população de forma absurda, principalmente nos segmentos médios da sociedade.

A classe média tem um olhar voltado para: "Ah, temos que visitar a Europa central", os países do norte ocidental. Sempre que se pensa em um intercâmbio, se pensa na Austrália, na Nova Zelândia, nos Estados Unidos, na Inglaterra.

Tem tantos países no mundo que falam inglês como a Nigéria, mas esse não é o lugar. Isso treina todo o país para uma xenofobia em relação aos imigrantes empobrecidos, quando nós deveríamos ter uma postura de solidariedade e ajuda humanitária de forma permanente.

**Podemos então dizer que a xenofobia no Brasil é indissociável do racismo?** Ela é indissociável do racismo. Como nós conseguimos conectar o caso Moïse com o assassinato do Durval, morto por um militar da Marinha? Eu penso que a linha que junta Moïse e Durval é muito próxima, é muito real.

O Brasil é um país em que o racismo está em carne viva. Como nos dizia Oracy Nogueira, o racismo no Brasil não é um racismo de origem, é um racismo de marca. E nós, a população [negra], nós carregamos as marcas em nosso corpo. É a nossa cor, são os nossos cabelos. É importante lembrar que assim como é banalizada a vida de um jovem congolês, também é a vida dos homens negros, das juventudes negras, indígenas e ciganas.

A condição de Moïse para a condição de Durval são muito próximas do ponto de vista subjetivo e objetivo de como o racismo à brasileira trata os homens negros e toda a sua população negra.

**E o que você chama de "racismo à brasileira"?** O racismo à brasileira é esse racismo que não pode ser debatido. Eu não estou criando nada, eu estou lembrando de Florestan Fernandes. Ele nos disse que o Brasil tem preconceito de ter preconceito. Então qual é a grande questão do Brasil? Não se discute, há um negacionismo permanente da existência do racismo, e o racismo segue dilacerando vidas negras ininterruptamente.

Casos como esse se repetem, mas o diferencial desses dois casos é que a população teve acesso às cenas dos crimes. O que muda quando a sociedade vê como esses assassinatos ocorrem? Algum tempo atrás, o professor Silvio Almeida lembrava e o Thiago Amparo sempre lembra, que o grande impacto agora é que esse racismo é filmado e televisionado.

Cada vez mais você tem uma juventude de setores médios da sociedade, de jovens, inclusive da classe média, altamente comprometidos com o antirracismo, que não querem o projeto dos seus pais e dos seus avós. [O projeto] do silêncio e da covardia.

A sociedade do mundo popular tem tido mais mecanismos para filmar e criar provas, porque os assassinos sempre se esconderam pela situação de não ter a prova.

Cada vez mais nós precisamos encontrar mecanismos que fortaleçam a democracia. Um dos mecanismos de fortalecer a democracia é colocarmos as câmeras nas roupas dos policiais. A sociedade entendeu. As pessoas vão perder a vida mas elas vão criar a prova, porque chega. E acho importante esse compromisso.

As imagens das câmeras mostram que o quiosque seguia em funcionamento na hora do crime. Aparentemente um cliente foi atendido enquanto Moïse era espancado. O costume desse país é matar e humilhar pessoas negras, indígenas. É um costume de desumanização permanente.

Portanto, para aquele cliente ali não se tratava de uma vida, pois essa imagem de um homem negro, de pele preta, é desumanizada na mentalidade corrente o tempo inteiro. Se fosse uma pessoa branca que sofresse uma agressão, o mundo pararia.

Um dos responsáveis [pelo crime] disse que estava com a consciência tranquila. Isso passa por um treinamento coletivo para desumanização. Eu penso que é importante nós politizarmos a cada morte, cada assassinato desses, de homens negros, de jovens negro. Isso é o debate da desumanização, que é o projeto que desumaniza todos nós e todas nós.

> Um país que se vangloria tanto de ser aberto e comunicativo, o Brasil tem tido uma postura racista, criminalizadora e repulsiva com os imigrantes pobres. E pela história que está colocada para nós, são os nossos irmãos africanos: angolanos, congoleses e nigerianos

**Nos últimos 20 anos, o Brasil teve governos à direita e à esquerda. Você vê esses governos, inclusive os progressistas, de fato assumindo um compromisso de enfrentamento ao racismo, à violência contra a população negra?** Nós do campo dos direitos humanos, nós estamos do campo da esquerda e nós precisamos ter muita coragem para peitar o que está aí.

Acho que um dos exemplos mais emblemáticos que a gente deu foi de peitar o [então ministro da Justiça Sergio] Moro com o tal do projeto de excludente de ilicitude, o tal pacote anticrime. Nós enquanto sociedade civil e movimentos de direitos humanos derrotamos esse projeto no Congresso Nacional.

Mas nós precisamos de muita coragem para discutir a questão da legalização das drogas e a anistia com justiça racial e de gênero, com programa de acolhimento para os jovens, mulheres e homens, que estão encarcerados e encarceradas no país. Nós vamos ter que abrir as portas das cadeias.

O sistema prisional brasileiro é um sistema colonial atualizado de vingança contra os negros e os empobrecidos da sociedade.

**Uma das críticas que os governos PT recebem é com relação ao crescimento da população carcerária. Em 2002, eram cerca de 240 mil presos. Em 2014, final do primeiro mandato do governo Dilma, eram cerca de 608 mil. Você acredita que isso seria prioridade do governo PT, caso ganhe as eleições presidenciais?** Eu acho que esse entendimento está muito presente nas próprias falas do presidente Lula.

Na última eleição do PT se criou um setorial só para pensar na política de segurança pública, nas eleições internas. Então eu acho que há um esforço muito grande, há um entendimento e uma junção da discussão de que a política de segurança pública precisa mudar para gente responder à questão racial, para não entrarmos em contradição. Essa discussão está na ordem do dia.

**Você vê os candidatos à presidência da República colocando o combate ao racismo como prioridade em seus programas de governo?** Eu penso que diferente das eleições de 2018 em que nós tínhamos no primeiro turno 13 candidatos à presidência da República que não conseguiam vocalizar o debate racial, não vai ser possível qualquer tipo de indiferença à centralidade da questão racial no Brasil.

Mesmo com entendimentos equivocados, a direita também terá que debater, porque essa é uma realidade que está colocada no seio também das suas organizações partidárias.

# folhainvest

**Rentabilidade dos títulos públicos no Tesouro Direto**

| Tesouro | Rentabilidade anual (em %) | Investimento mínimo (em R$) | Vencimento |
|---|---|---|---|
| Prefixado 2024 | 11,28 | 31,02 | 1º.jun.24 |
| Prefixado 2026 | 11,13 | 33,14 | 1º.jan.26 |
| Prefixado 2031* | 11,43 | 37,45 | 1º.jan.31 |
| Selic 2024 | Selic + 0,0728 | 113,14 | 1º.set.24 |
| Selic 2027 | Selic + 0,2182 | 112,12 | 1º.mar.27 |
| IPCA+ 2026 | IPCA + 5,13 | 30,36 | 15.ago.26 |
| IPCA+ 2030* | IPCA + 5,38 | 40,75 | 15.ago.30 |
| IPCA+ 2045 | IPCA + 5,56 | 32,55 | 15.mai.45 |
| IPCA+ 2055* | IPCA + 5,58 | 41,04 | 15.mai.55 |

*Com pagamento de juros semestrais. Fonte: Tesouro Direto

# Juros em dois dígitos levam atenções para Tesouro Direto

## Analistas veem oportunidades de ganhos, mas alertam para cenário instável

**Lucas Bombana**

**SÃO PAULO** A oportunidade de ganhos com a volta da taxa Selic ao patamar dos dois dígitos, confirmada pelo Banco Central na semana passada, aguça o apetite dos investidores por aplicações em renda fixa.

Dentre as oportunidades, a de menor risco, e com taxas de rentabilidade atraentes, na avaliação de especialistas, é a dos títulos públicos.

Esses papéis nada mais são do que dívidas emitidas pelo governo por meio do Tesouro Nacional, que oferecem uma taxa de retorno para atrair o investidor e que podem ser negociadas através da plataforma digital Tesouro Direto.

Há três principais opções de títulos que podem ser adquiridos por meio da plataforma digital: os papéis Tesouro Prefixado, que oferecem ao investidor uma taxa de juros nominal previamente estabelecida; os papéis Tesouro IPCA, em que há uma taxa preestabelecida, acrescida da variação do índice oficial de inflação; e o Tesouro Selic, que acompanha de perto o rendimento da taxa básica de juros.

Segundo Orlando Bacheque, assessor do escritório Alta Vista Investimentos, as taxas de retorno dos títulos públicos vêm em trajetória ascendente desde meados do ano passado, seja em razão do próprio aumento da Selic, seja devido às incertezas relativas à economia e à política em 2022, que fazem o investidor cobrar mais para emprestar seu dinheiro ao governo.

Na sexta-feira (4), os papéis Tesouro Prefixado com vencimento para 2024, por exemplo, tinham uma taxa de retorno nominal de 11,28% ao ano. No caso dos papéis Tesouro IPCA para 2030, a taxa de juro real, ou seja, acima da inflação, era de 5,38% ao ano.

Especialistas do mercado de investimentos apontam que, diante do nível de taxas que tem sido praticado ultimamente, há algumas boas oportunidades nos títulos públicos neste momento.

O que vai definir qual a melhor alternativa será o perfil de risco e o horizonte de investimento de cada um, diz Mauro Morelli, estrategista do escritório Davos Investimentos.

Para aquela parcela dos recursos que deve ser mantida como uma espécie de colchão de liquidez, que precisa estar disponível rapidamente em caso de emergência, as melhores opções, diz o estrategista, são os papéis Tesouro Selic. Em especial agora, com a taxa de juros de volta aos dois dígitos e com a perspectiva de que suba ainda mais um pouco, diz.

Já para aquele dinheiro que pode ficar investido por um pouco mais de tempo, o estrategista da Davos afirma que vê com bons olhos as taxas de retorno ofertadas pelos papéis Tesouro IPCA, principalmente os com vencimento de médio prazo, entre 2026 e 2035.

"Ocorreu um aumento importante do juro real em 2021, que deve continuar neste ano, embora a maior parte do movimento já tenha ocorrido. Nesse sentido, ativos atrelados ao IPCA podem ser atrativos para investidores com um foco de médio prazo", diz Morelli.

Embora a expectativa majoritária do mercado apontada pelo relatório Focus seja de uma desaceleração importante da inflação à frente, ele lembra que, em um ano repleto de incertezas, no Brasil e no exterior, não é possível descartar que os preços sigam pressionados por mais algum tempo.

O estrategista acrescenta ainda que, no caso dos prefixados, apesar de as taxas se encontrarem na casa dos dois dígitos, é possível que essa remuneração oferecida pelos papéis venha a subir ainda mais um pouco a curto prazo, acompanhando o novo aumento previsto para a Selic.

"Das três opções no Tesouro Direto, os prefixados são os de que menos gosto atualmente", afirma o estrategista da Davos, param quem esses papéis devem se tornar uma alternativa mais atraente quando o ciclo de aperto monetário for encerrado.

Chefe de análise de renda fixa da XP, Camilla Dolle diz que, para aqueles que tiverem interesse em aplicar no Tesouro Direto, é importante lembrar que, conforme os juros aumentam, a rentabilidade dos papéis que já estão na carteira do investidor tende a ficar negativa.

Isso em razão de um efeito conhecido como marcação a mercado, que é quando o título adquirido anteriormente por uma taxa mais baixa passa a oferecer mais devido às condições de mercado.

Camila diz que, em 2021, o papel Tesouro IPCA 2045 registrou uma rentabilidade negativa de 25,4%, em uma toada que prosseguiu em 2022—em janeiro, o título teve queda de 4,04%. A especialista da XP assinala que, quanto mais longo o título, mais volátil o seu comportamento.

Mas ela acrescenta que essas perdas só serão de fato realizadas caso o investidor resgate o título antes do prazo final. Se o papel for carregado até o vencimento, o retorno entregue, afirma, será exatamente aquele que foi acordado no momento da compra.

"É importante que as pessoas tenham consciência dessas oscilações, que devem continuar ocorrendo neste ano de eleições e cenário externo mais incerto, até para que possam se proteger. O ideal é comprar títulos com prazos condizentes com o objetivo delas", afirma a sócia da XP.

Ela considera os papéis Tesouro IPCA com vencimento em 2030, que na sexta eram negociados com taxa de juro real de 5,38%, com uma boa relação entre risco e retorno.

"Não é um prazo tão longo e, com isso, o investidor fica sujeito a uma volatilidade menor em comparação a títulos de vencimento mais dilatados."

"A volatilidade deve seguir presente no mercado, mas talvez em uma magnitude não tão significativa. Até porque, é preciso lembrar, em 2021 a Selic saiu de 2% para 9,25%.

E a expectativa para este ano é de uma alta em intensidade muito menor", afirma Bacheque, da Alta Vista.

No relatório Focus, as projeções indicam uma Selic de 11,75% em dezembro, o que embute mais uma alta de um ponto percentual, após a decisão de quarta que levou a taxa básica de volta aos dois dígitos, para 10,75% ao ano.

"Para títulos de prazo mais longo, também tenho preferência pelos indexados ao IPCA, que dão ao investidor o conforto da proteção contra o risco de a inflação permanecer alta", afirma o assessor.

# *União estável, na vida e na morte*

## Evite surpresas e saiba como são tratados os bens quando uma união estável termina

**Marcia Dessen**

Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

*Após alguns anos de relacionamento, Alberto e Maria decidiram formalizar sua união. Ambos na faixa dos 60 anos, divorciados, com filhos de relacionamentos anteriores e patrimônio considerável, tinham a preocupação de preservar os bens para seus próprios descendentes.*

*Por esse motivo, optaram por formalizar a união estável pelo regime da separação de bens, no qual o patrimônio dos companheiros não se comunica. Assim, em eventual separação, não haveria partilha: o patrimônio de cada um continuaria sendo apenas de sua propriedade.*

*No entanto, ficaram surpresos com o fato de que, apesar de terem optado pelo regime da separação de bens, na sucessão de bens pela morte de um deles, o companheiro sobrevivente terá direito à herança concorrendo com os filhos do falecido.*

*Conversei com a advogada Luciana Pantaroto, CFP®, como sempre faço quando o assunto trata de aspectos legais. Ela explica que, até 2017, ao contrário dos cônjuges, os companheiros não figuravam entre os herdeiros necessários e, em alguns casos, tinham direito a percentuais menores da herança.*

*A parte legítima da herança, metade dos bens da herança, será obrigatoriamente destinada aos herdeiros necessários, o cônjuge, descendentes e ascendentes, nas proporções previstas em lei, e só podem ser deserdados em casos previstos em lei. A outra metade do patrimônio, chamada de disponível, pode ser destinada livremente.*

*Em 2017, o STF equiparou companheiros aos cônjuges para fins sucessórios, inclusive em uniões homoafetivas. Os companheiros passaram a ter direito aos mesmos percentuais atribuídos aos cônjuges; em decorrência dessa decisão, o entendimento predominante é o de que também passaram a ser herdeiros necessários.*

*Assim, de acordo com as regras atuais, se Alberto morrer primeiro, seu patrimônio será partilhado entre seus dois filhos e Maria, um terço para cada um. Como a companheira é uma herdeira necessária, não será possível excluí-la integralmente da sucessão.*

*Explorando as opções de planejamento sucessório disponíveis, optaram por deixar um testamento estabelecendo que a metade disponível do patrimônio deveria ser destinada apenas aos seus filhos. Na prática, a decisão reduz pela metade o percentual do companheiro sobrevivente, que passa de 33% para 16% da herança.*

*Pensaram em renunciar à herança do companheiro, mas, como não é permitido renunciar à herança de pessoas vivas, essa alternativa foi descartada. Decidiram e combinaram, informalmente, que pretendem renunciar à herança do outro na ocasião do inventário.*

*Outro caso interessante é o de Pedro e Carlos. Eles viviam juntos havia oito anos e tinham planos de adotar um filho. Após a morte repentina de Carlos, seus pais, que não aceitavam o relacionamento homoafetivo, entendiam que seriam seus únicos herdeiros.*

*No entanto, apesar de não terem formalizado a união estável, o relacionamento de Pedro e Carlos preenchia todos os requisitos legais para configurá-lo como tal: convivência pública, contínua e duradoura com objetivo de constituir família.*

*A união estável foi reconhecida após o falecimento de Carlos e seu companheiro, reconhecido como seu herdeiro, tendo direito à metade dos bens adquiridos onerosamente durante a união e a um terço dos bens particulares de Carlos; o restante foi herdado pelos pais de Carlos.*

*Esses dois casos fictícios ilustram como as regras de sucessão aplicáveis à união estável ainda são desconhecidas por grande parte da população. Conhecimento e planejamento podem evitar surpresas e conflitos no momento do inventário.*

marcia.dessen@gmail.com

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França**, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

# PAINEL S.A.

*Joana Cunha*
painelsa@grupofolha.com.br

## Reagente

O mercado de diagnósticos deve sentir o impacto que a autorização da venda de autotestes para Covid-19 no Brasil pode causar em seus negócios. A liberação do modelo, que é aplicado pelo próprio consumidor e deve ter um preço abaixo do praticado atualmente, pode diminuir a procura pelo serviço de testagem em laboratórios e farmácias. No último mês, as empresas viram a demanda por exames explodir com o avanço da ômicron e chegaram a registrar falta do produto.

**POSITIVO** Até este domingo (6), a Anvisa já havia recebido pelo menos 33 pedidos de fornecedores para registrar seus autotestes, etapa necessária para a comercialização.

**COTONETE** Os planos de saúde, que são obrigados a cobrir três tipos de exames para Covid, também podem sentir os efeitos da chegada dos autotestes ao mercado. Até outubro de 2021, as operadoras já haviam coberto quase 11,6 milhões de testes, segundo os dados da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) coletados pela Abramge, que reúne operadoras do setor.

**GULODICE** A brasileira Cacau Show vai abrir a sua primeira loja fora do país. A expansão internacional começa com uma unidade própria na Colômbia. Ale Costa, fundador da rede de chocolates, diz que o movimento acontece na esteira de um período de otimismo, que também prevê uma onda de aberturas no Brasil.

**BOMBOM** "A Colômbia é um país que tem uma taxa de crescimento em que nós acreditamos muito. Tem uma Páscoa relevante, que é uma data muito importante para nossos negócios, e o Natal também. A Colômbia parece ter o melhor custo-benefício para começarmos", diz Costa.

**DOCE** No Brasil, a meta é inaugurar mil unidades, um volume recorde para o intervalo de um ano. Em 2021, a empresa já havia dobrado a média anual de inaugurações, para 500 lojas, chegando a 2.828 no país. O investimento deve alcançar R$ 100 milhões.

**FÔLEGO** O ano começou com queda brusca nos pedidos de recuperação judicial de micro e pequenas empresas, segundo a Serasa Experian. Foram 31 pedidos em janeiro, ante 65 no mês anterior. Entre os negócios de médio porte, o número subiu de 14 para 30. Nos grandes, foi de 5 para 6. O setor de serviços foi o que mais caiu, enquanto comércio e indústria registraram avanço.

**PRESENTE** Para a Serasa, o recuo está associado ao movimento de fim de ano, que costuma ser mais alto e dá fôlego ao caixa das empresas.

**VIDAS NEGRAS...** Quase dois anos após o assassinato de George Floyd, o impulso de grandes empresas para investir na promoção da igualdade racial e combate ao racismo parece ter arrefecido nos EUA.

**...IMPORTAM** Segundo a consultoria americana Creative Investment Research, após a onda de protestos que sucedeu o crime, mais de 260 companhias anunciaram compromissos para direcionar à causa cerca de US$ 67 bilhões. Do total, pouco mais de US$ 650 milhões foram desembolsados até o início deste ano, aponta a consultoria.

**ESPAÇO** Em 2021, a consultoria solicitou ao órgão regulador do mercado de capitais nos EUA que crie regras para obrigar as empresas de capital aberto a elevar a transparência na divulgação de informações sobre o cumprimento das ações anunciadas na área.

**VAGA** A Mindsight, especialista em tecnologia para gestão de pessoas, desenvolveu testes acessíveis para o recrutamento de candidatos com deficiências auditivas e visuais. Segundo a empresa, oito testes que indicam personalidade, habilidades e raciocínio foram reformulados ou criados.

**CRACHÁ** A adaptação inclui contraste e contagem do tempo para conclusão do exercício para quem tem deficiência visual. Já para pessoas com deficiência auditiva foi incorporado o recurso de libras, que adapta a linguagem de acordo com a região do candidato.

**FAROFAFÁ** Após a divulgação do vídeo de Bolsonaro derrubando comida, o empresário Junior Durski publicou neste domingo (6) um vídeo de sua filha de um ano comendo farofa com as mãos e a chamou de "minha presidente".

**BARRIGA CHEIA** "Olha a cara de felicidade! Churrasco e farofa... metendo a mão, se lambuzando tudo! Minha presidente!", escreveu o dono dos restaurantes Jerônimo e Madero, apoiador de Bolsonaro. O vídeo de Durski parece fazer referência às imagens do presidente publicadas por Fábio Faria, ministro das Comunicações, no fim de janeiro.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

## INDICADORES

**JUROS**
Jan., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

| | Mínimo | Máximo |
|---|---|---|
| Cheque especial | 7,73 | 8,00 |
| Empréstimo pessoal | 4,05 | 8,12 |

Fonte: Procon-SP

**CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA**
Competência janeiro

**Autônomo e facultativo**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212,00 | 20% | R$ 242,40 |
| Valor máx. | R$ 7.087,22 | 20% | R$ 1.417,44 |

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.fev

**MEI (Microempreendedor)**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212 | 5% | R$ 60,60 |

| Assalariado | Alíquota |
|---|---|
| Até R$ 1.212,00 | 7,5% |
| De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35 | 9% |
| De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03 | 12% |
| De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22 | 14% |

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 18.fev. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

**IMPOSTO DE RENDA**

| Em R$ | Alíquota, em % | Deduzir, em R$ |
|---|---|---|
| Até 1.903,98 | Isento | |
| De 1.903,99 até 2.826,65 | 7,5 | 142,80 |
| De 2.826,66 até 3.751,05 | 15 | 354,80 |
| De 3.751,06 até 4.664,68 | 22,5 | 636,13 |
| Acima de 4.664,68 | 27,5 | 869,36 |

**EMPREGADOS DOMÉSTICOS**
Considerando o piso na capital e Grande SP

| R$ 1.296,32 | Valor, em R$ |
|---|---|
| Empregado | 98,48 |
| Empregador | 259,25 |

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.fev. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

**Quanto rende R$ 1.000 com a Selic a 10,75% ao ano**

Os valores mostram o resultado líquido após o desconto do Imposto de Renda (se houver), sem considerar a inflação
Em R$

| | Juros ao ano Em % | 6 meses de aplicação | 12 meses de aplicação | 18 meses de aplicação | 24 meses de aplicação | 36 meses de aplicação |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Caderneta de Poupança antiga | 6,17% | 1.030,39 | 1.061,70 | 1.093,96 | 1.127,21 | 1.196,76 |
| Caderneta de Poupança nova | 6,17% | 1.030,39 | 1.061,70 | 1.093,96 | 1.127,21 | 1.196,76 |
| CDB (Grandes bancos)* | 10,00% | 1.039,04 | 1.082,48 | 1.126,76 | 1.178,45 | 1.281,27 |
| CDB (Bancos médios)* | 11,83% | 1.045,98 | 1.097,56 | 1.150,58 | 1.212,91 | 1.338,60 |
| LCA/ LCI | 9,68% | 1.047,26 | 1.096,75 | 1.148,58 | 1.202,86 | 1.319,24 |
| Tesouro Direto Selic* | 10,82% | 1.042,18 | 1.089,29 | 1.137,49 | 1.193,94 | 1.306,92 |
| Fundo de Invest. Conservador - DI* | 10,75% | 1.041,90 | 1.088,69 | 1.136,54 | 1.192,57 | 1.304,65 |

*Investimentos com incidência de IR sobre o rendimento. As alíquotas variam conforme o período da aplicação, sendo de 15% (36 meses), 17,5% (12 e 18 meses) e 20% (6 meses) | Fonte: Anefac

# Caderneta de poupança fica na lanterna entre aplicações de renda fixa

### Simulação de investimentos a partir da elevação da Selic para 10,75% aponta vantagem para CDBs com resgate a partir de um ano e um dia

**Clayton Castelani**

**SÃO PAULO** Investimentos em renda fixa ampliaram o retorno após o Banco Central elevar a taxa básica de juros (Selic) em 1,5 ponto percentual na quarta (2), para 10,75% ao ano.

Para demonstrar de forma simplificada como isso mexe nas aplicações financeiras, Andrew Storfer, diretor de economia da Anefac (Associação Nacional dos Executivos de Finanças), simulou o rendimento de R$ 1.000 nos mais conhecidos investimentos conservadores por períodos que variam de seis meses a três anos.

Nos cálculos, os CDBs (Certificados de Depósitos Bancários) oferecidos por bancos de médio porte representam as opções mais vantajosas para todas as aplicações com resgate a partir de um ano e um dia.

É depois desse prazo que o desconto do Imposto de Renda sobre o rendimento cai de 20% para 17,5%. A alíquota ainda recua para 15% para aplicação com mais de dois anos.

Em tempos de taxas de juros nas alturas, os CDBs permitem rentabilidades mais elevadas devido à taxa de rendimento a partir de 110% do CDI (Certificado de Depósito Interbancário). Esse foi o índice considerado na simulação. Esse produto pode pagar taxas de 140% do CDI para investimentos de valores mais elevados.

CDI ou taxa DI é o índice médio dos contratos de empréstimos de curto prazo negociados exclusivamente entre instituições bancárias. Os juros DI considerados na simulação foram de 10,75%. Apesar de tomar a Selic como referência, a taxa DI flutua diariamente, conforme as expectativas do mercado sobre o crédito.

Nos exemplos calculados pela Anefac, em uma aplicação com mais de 18 meses e um dia, quando o CDB já conta com uma relação um pouco melhor entre rendimento e desconto IR, um valor inicial de R$ 1.000 sobe para R$ 1.150,58. A rentabilidade no intervalo é de 15,06%.

Se esse mesmo valor inicial de R$ 1.000 permanecesse em uma caderneta de poupança por igual período, o poupador faria um resgate de R$ 1.093,96. O rendimento é de 9,4%. O ganho com a poupança é de apenas 62% do obtido por meio do CDB de um banco médio.

Investimento mais popular do país, a poupança oferece o pior retorno entre todas as opções analisadas, apesar de contar com isenção do IR.

O levantamento demonstra, porém, que não é qualquer CDB que garante o maior lucro. O investimento oferecido por grandes bancos é menos competitivo.

Para quem aplica um valor inicial relativamente baixo, como é o caso dos exemplos simulados, a remuneração é de apenas 93% do CDI. Nessas condições, a aplicação perde em rentabilidade para os demais investimentos avaliados, com exceção da poupança.

Para aplicações em intervalos acima de seis meses e abaixo de um ano e um dia, as LCIs e LCAs (Letras de Crédito Imobiliário e do Agronegócio) trazem o melhor retorno.

A remuneração de 90% do CDI considerada na simulação se mostra vantajosa no cenário de curto prazo porque ela é isenta de IR. Outros investimentos em renda fixa mais competitivos, como os CDBs, têm alíquota de 20% para resgates realizados no referido período.

Tesouro Direto Selic e fundo DI conservador foram as outras opções analisadas. Ambos ficam atrás quando comparados à rentabilidade dos CDBs de bancos médios e das LCIs e LCAs, mas se mostraram opções vantajosas ante CDBs de grandes bancos e, principalmente, em relação à caderneta.

Não foram consideradas taxas de administração e custódia para as simulações de Tesouro e Fundo DI.

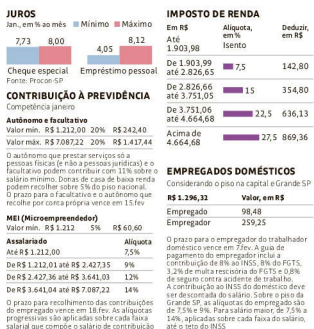
Os exemplos são apenas demonstrativos. Juros e rentabilidade podem variar de acordo com a flutuação das taxas praticados no mercado aberto. O valor investido, o prazo da aplicação e as condições oferecidas pelas instituições financeiras aos seus clientes também afetam a rentabilidade.

Por optar por aplicações com maior liquidez e mais conservadoras, as simulações realizadas pela Anefac não consideraram investimentos em debêntures incentivadas. Esse tipo de aplicação também é considerado como sendo de renda fixa. É uma alternativa que costuma oferecer rentabilidade mais elevada quando comparada a aplicações tradicionais, mas também é mais arriscada.

As simulações também não consideram os juros reais, resultado da subtração do índice de inflação da taxa de juros estimada para um determinado do período. Com a Selic tendo voltado aos dois dígitos e um aumento do custo de vida estimado em 5,38% para 2022, todos os investimentos mais conhecidos e renda fixa passaram a pagar juros reais.

**+ GLOSSÁRIO**

**CDBs, LCAs e LCIs** Os principais investimentos de renda fixa de bancos. Quanto maior o banco, menor a remuneração, porque o risco de calote é menor. As letras de crédito são isentas de IR. Em caso de calote, há cobertura do FGC (Fundo Garantidor de Créditos) até R$ 250 mil por CPF e instituição financeira

**CDI** Índice médio dos contratos de empréstimos de curto prazo negociados exclusivamente entre instituições bancárias

# Contribuinte pode deduzir do IR exame de Covid feito em hospitais, clínicas e laboratório

**SÃO PAULO** Exames de diagnóstico de Covid-19 realizados em hospitais, clínicas e laboratórios no ano de 2021 poderão ser deduzidos do Imposto de Renda de 2022. A possibilidade de abater gastos com testes de Covid na declaração, no entanto, não inclui exames feitos em farmácias, mesmo que seja apresentada nota fiscal, informou a Receita Federal.

As declarações do Imposto de Renda de 2022 poderão ser enviadas a partir do início de março, em data que ainda será divulgada pela Receita.

O contribuinte deve ter os comprovantes de pagamento dos testes feitos, caso seja solicitado pelo fisco, e ficar atento para declarar corretamente o valor pago, além do número do CNPJ da clínica, hospital ou laboratório.

O passo a passo é o mesmo para declarar outras despesas médicas. Para gastos com saúde, não há limite de valor a ser declarado, mas falhas ao informar essas despesas costumam estar entre os principais motivos que levam o contribuinte à malha fina.

A Receita recomenda que os comprovantes de pagamentos sejam guardados em forma física ou digital por pelo menos cinco anos. **SP**

# Siga três passos para ter uma aposentadoria tranquila

## Defina o objetivo, a rota para chegar a ele e mantenha a disciplina no caminho

**DE GRÃO EM GRÃO**

**Michael Viriato**
Professor de finanças

Todos sabem que é necessário investir, periodicamente, para criar uma reserva para a aposentadoria. No entanto, poucos conseguem acumular o capital necessário ao chegar ao momento de colher o benefício. O maior vilão desse fato é o desconhecimento ou desconsideração da estratégia para chegar lá.

Usamos essa estratégia em muitas de nossas atividades, mas, quando se trata de nosso patrimônio, desconsideramos o que aprendemos.

O primeiro passo, portanto, é escolher o objetivo, ou seja, o valor que precisa ter logo antes de se aposentar. Para escolha do objetivo, pode ser utilizada a regra dos 4%. Vou descrever os passos.

Basta refletir qual seria seu custo mensal ao se aposentar. Multiplique esse número por 12 e depois divida por 0,04.

Assim, se seu custo mensal é de R$ 10 mil, multiplicando por 12, chega-se a um custo anual de R$ 120 mil. Dividindo por 0,04, chega-se ao patrimônio de R$ 3 milhões.

Escolhido o objetivo, precisamos selecionar a rota para chegar lá. A rota está representada pela decisão de investimento até chegar ao objetivo.

Para decidir sobre a rota, são necessários quatro fatores. O primeiro é o ponto de partida, ou seja, qual seu patrimônio financeiro inicial. Segundo, deve avaliar qual valor pode aportar mensalmente para somar ao seu investimento inicial. O penúltimo fator é representado pelo retorno a considerar nos investimentos até a aposentadoria. Por último, é preciso definir o prazo desde o início dos investimentos até o atingimento do objetivo.

Perceba que, ao definir a trilha, pode ser que você conclua que não é possível chegar à meta de patrimônio escolhida. Nesse caso, será necessário a definição de outra rota.

Com o ponto de partida e a meta final, é possível selecionar uma infinidade de rotas.

Definidos o objetivo e a rota, o trabalho continua com a disciplina de monitorar a rota e, eventualmente, a ajustar.

Aqui volto à analogia com o trajeto de casa ao trabalho. O primeiro passo foi definir o escritório como ponto de chegada. No caminho do escritório, você não desvia a rota e vai à praia, certo? Nos investimentos, isso é muito comum dentre aplicadores.

Várias pessoas no meio do caminho usam a reserva para a entrada do financiamento de um apartamento. Compram um carro se presenteando pelo cumprimento de metas. Quase como uma pessoa que depois da academia vai à doceria se premiar pela disciplina de ir à academia.

Parte do trabalho de monitorar a rota é a disciplina de se manter na rota. Se você deseja comprar um apartamento, um carro ou fazer uma viagem, planeje essa nova meta. Não se deve usar os recursos de uma meta para beneficiar outra que parece mais atrativa a curto prazo, pois se corre o risco de não conseguir atingir a meta anterior.

No desafio de acompanhamento da rota inicial, a todo instante é preciso avaliar se os fatores de aporte mensal e retorno selecionados estão sendo atendidos.

É possível que, em determinado momento, sua renda caia e você não consiga manter os aportes previstos. Assim, precisa rever o retorno e o prazo para compensar esse desvio. Da mesma forma, uma condição desfavorável do mercado pode comprometer os retornos a curto prazo. Nesses momentos, seria importante compensar esse desvio com aportes mensais maiores ou revisão do prazo.

A elevação do prazo é sempre o fator mais simples e que proporciona menor impacto no esforço do investidor em chegar ao seu objetivo.

Se planejar e implementar adequadamente esses três passos, você vai chegar à sua aposentadoria com tranquilidade e vai curtir vários anos de sossego. O esforço compensa. Afinal, você não vai querer depender só do INSS.

# Política de preços da Petrobras divide pré-candidatos ao Planalto

## Propostas vão do fim da paridade internacional à venda de refinarias para aumentar concorrência

**Douglas Gavras**

**SÃO PAULO** A política da Petrobras para o preço de combustíveis —cujos reajustes sucessivos têm se refletido no bolso dos motoristas e na inflação— divide os pré-candidatos à Presidência e deve estar em debate até o pleito de outubro.

O chamado PPI (Preço de Paridade de Importação) foi implementado em 2016, no governo Michel Temer (MDB) e na gestão do ex-presidente da Petrobras Pedro Parente.

A política foi mantida por Jair Bolsonaro (PL), e o atual presidente da empresa, Joaquim Silva e Luna, defende que a petroleira tem de praticar preços de mercado e não pode fazer política pública.

Líder nas pesquisas, o ex-presidente Lula (PT) tem opinião oposta. Ele afirma que não existe razão para que o preço seja internacionalizado.

Na quinta-feira (3), em entrevista a uma rádio do Paraná, o petista reafirmou que pretende acabar com a política que obriga a petroleira a repassar os reajustes de acordo com o mercado internacional.

"Não vamos manter o preço da gasolina dolarizado. É importante que o acionista receba dividendos quando a Petrobras der lucro, mas não posso enriquecer o acionista e empobrecer a dona de casa, que vai comprar feijão e paga mais caro por causa da gasolina."

O ex-presidente complementou que é preciso governar para todos, mas priorizar os que mais necessitam. Segundo a assessoria de Lula, o político é favorável a uma solução para os preços dos combustíveis que reflita o custo nacional e que seja utilizada a capacidade ociosa de refino.

Em segundo lugar nas pesquisas, Bolsonaro tem travado uma disputa com os governadores, ao associar a alta dos preços ao aumento de impostos estaduais, como o ICMS.

Bolsonaro também tem se eximido de culpa pelos sucessivos aumentos, ao dizer que a política de preços é fruto de erros dos governos passados.

"Alguém acha que, se o bandido voltar para cá, vai voltar a gasolina para R$ 3? Ele já fez no passado, o que elevou o endividamento de vocês", disse o presidente durante um evento com funcionários da Petrobras, em referência a Lula.

Ao mesmo tempo, o Palácio do Planalto elaborou uma PEC (proposta de emenda à Constituição) que permite a redução de tributos sobre os combustíveis e a entregou a um deputado da base para ser protocolada na Câmara.

Já o ex-ministro Sergio Moro (Podemos) defendeu na semana passada que a privatização da Petrobras e de outras empresas públicas, como o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, deve ser considerada, sem preconceitos. "Se puder privatizar tudo, ótimo."

Segundo o ex-juiz, é possível encontrar soluções paliativas para as altas de preços, mas a causa, que é a perda de credibilidade e de confiança no Brasil, precisa ser enfrentada.

"Se a gente não controlar a inflação e não reduzir o dólar, não resolve o problema. E é preciso fomentar a competição de mercado. Outro passo é discutir, de maneira permanente e com responsabilidade fiscal, a redução dos tributos."

Sobre a possível manutenção da atual política de preços, Moro diz que não pode antecipar o que está sendo discutido com a coordenação econômica de sua pré-campanha.

Em vídeos divulgados em seu canal no YouTube, o ex-ministro Ciro Gomes (PDT) afirmou que mudaria a política de preços no primeiro dia de um eventual governo.

"Anunciarei a compra de papéis dos acionistas insatisfeitos, que será feita da forma mais criteriosa possível, preservando os interesses coletivos e o equilíbrio da empresa."

Ciro diz que será criado um modelo especial de financiamento, usando uma parte das reservas internacionais do país, como uma espécie de empréstimo ao governo.

Ele defende a substituição do PPI por um novo índice chamado do PPE (Preço Paritário de Exportação), que seria uma média considerando o custo de exploração, produção e refino mais o preço de exportação de diesel das refinarias brasileiras e o preço do diesel nas refinarias americanas.

"O Brasil paga preços como se não tivéssemos uma gota de petróleo no subsolo, nem refinarias. Não serei nem um explorador, como Bolsonaro, nem um esbanjador, como [o ex-presidente da Venezuela] Hugo Chávez."

Consultor econômico da campanha de Ciro em 2018, o professor Nelson Marconi, da FGV, diz que a proposta de privatização da companhia aumentaria o problema.

"A lógica vai ser a mesma de hoje e perderíamos o controle de um insumo estratégico do qual outros países não abrem mão. Se esse modelo for implementado, o que vai prevalecer é a maximização do lucro."

Na avaliação do governador de São Paulo, João Doria (PSDB), os preços domésticos devem guardar paridade com os internacionais, e os artificialismos prejudicam a Petrobras e mandam sinais ruins para os investidores.

"Parte das pressões nos preços domésticos dos combustíveis decorre de perda de credibilidade do governo, e a alta desses preços poderia ter sido compensada pelo enfraquecimento do dólar. Do ponto de vista estrutural, é recomendada a venda das refinarias da Petrobras para inserir maior concorrência no setor e incentivar investimentos", disse por meio de nota.

Ainda segundo Doria, é necessário incluir formatos que suavizem as variações de preços, especialmente no diesel, na gasolina e no gás de botijão.

Na visão de Maurício Canêdo, professor da FGV Energia e da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), não há uma opção certa ou errada, apenas escolhas que a sociedade está disposta a fazer para arcar com os custos.

"A política atual é basicamente os preços que vigorariam se a Petrobras fosse privada ou se o refino fosse inteiramente privado. A única que mudaria seria não ter mais pressão sobre o governo para modificar os preços."

Ele lembra que, antes do PPI, não havia uma política de preços objetiva, e a Petrobras decidia por meio de seu acionista principal, a União. Em vários momentos, o preço da gasolina e do gás estavam descolados dos externos.

"Podemos fazer uma política específica para famílias mais pobres que não conseguem comprar gás. Não dá para fazer isso em larga escala, com gasolina e diesel. O ideal é fazer isso pelo Orçamento."

### + Entenda a paridade de preços

**O que é** O PPI (Preço de Paridade de Importação) foi implementado em 2016 como resposta à política anterior, de controle de preços, praticada com maior destaque sob Dilma Rousseff (PT)

**Como funciona** O PPI reflete os custos de internalizar o produto —considera o preço de aquisição do combustível (geralmente tendo como referência o que é negociado nos EUA), mais os custos logísticos e margens de remuneração de riscos da operação

**Como o preço internacional afeta o consumidor** Quando o barril de petróleo sobe de preço no exterior e o real se desvaloriza ante o dólar, como agora, o combustível fica mais caro

**O que dizem os críticos** Os críticos dizem que a paridade internacional prejudica o consumidor e favorece os acionistas. No ano passado, a empresa pagou R$ 62 bilhões em dividendos, enquanto os combustíveis foram os grandes vilões da inflação em 2021

## Refinaria privatizada vende combustível mais caro que estatal

**Nicola Pamplona**

**RIO DE JANEIRO** Sob gestão privada desde 1º de dezembro, a refinaria de Mataripe, na Bahia, promoveu em janeiro três reajustes e vende hoje gasolina e diesel a preços superiores aos da Petrobras.

A diferença tem impacto no bolso do consumidor baiano e é criticada por opositores da privatização das refinarias, mas vista por outros agentes do mercado como um reforço na percepção de que a estatal segura os repasses da alta no mercado internacional.

A Acelen, veículo do fundo árabe Mubadala que opera a refinaria, diz que gasolina e diesel são commodities internacionais cujos preços variam conforme as cotações do petróleo e a variação do dólar e que tem critérios "claros e transparentes" de reajustes.

Localizada em São Francisco do Conde (BA), a Mataripe, antiga antiga Landulpho Alves, foi comprada pelo Mubadala por US$ 1,65 bilhão, a maior operação já concluída dentro do programa de redução da participação estatal no parque de refino.

Segundo o Observatório Social da Petrobras, sua gasolina de Mataripe custa hoje R$ 3,32 por litro, R$ 0,14 a mais que a média cobrada pela estatal. O diesel S10 é vendido a R$ 3,676 por litro, R$ 0,06 acima do praticado pela estatal.

Em janeiro, enquanto a Petrobras promoveu um reajuste em seu preço de venda do combustível, no dia 11, a Acelen promoveu três aumentos, nos dias 1º, 15 e 22.

"Percebemos que os reajustes da Acelen acontecem com uma frequência maior que a da Petrobras e, como ela tem acompanhado a variação internacional, acaba causando desequilíbrio no mercado", diz Walter Tannus, presidente do Sindcombustíveis-BA, que representa os postos do estado.

Ele afirma que os postos próximos a divisas com outros estados reclamam perda de 40% a 50% nas vendas, já que os consumidores têm preferido viajar para encher o tanque com gasolina mais barata em estados vizinhos.

Dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis) mostram que a gasolina nos postos da Bahia ficou 3% mais cara em janeiro, enquanto na média nacional o aumento foi de 0,9%.

Em nota à Folha, a Acelen diz que sua política de preços "é independente e distinta da política comercial praticada pela gestão anterior". "A Acelen segue parâmetros internacionais de preços e por esse motivo está sujeita às variações do mercado mundial de petróleo e da oscilação cambial."

# Procuradoria pede ao Cade veto à compra da Oi por rivais

MPF diz que TIM, Claro e Vivo criaram 'consórcio imbatível' sem consultar órgão

**Fábio Pupo**

**BRASÍLIA** O MPF (Ministério Público Federal) pediu ao Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) que seja vetada a compra das redes móveis da Oi pelas concorrentes TIM, Telefônica (Vivo) e Claro.

O procurador regional da República e representante do MPF no Cade, Waldir Alves, também solicitou análise sobre suposta infração à regra que obriga comunicar o órgão previamente sobre operações de fusão, aquisição ou formação de consórcios.

Além disso, ele pediu a abertura de um processo para investigar possíveis práticas anticoncorrenciais por parte das três interessadas.

Alves afirma que TIM, Telefônica e Claro firmaram um contrato em 17 de julho de 2020 e deveriam ter avisado o Cade no máximo na mesma data. O órgão só foi notificado em 8 de fevereiro de 2021, já para analisar a compra dos ativos da Oi pelas empresas.

A lei nº 12.529/2011 prevê o controle prévio de atos de concentração, entendidos como aqueles que envolvem, por exemplo, fusão, aquisição ou quando duas ou mais empresas celebram consórcio ou joint venture. Caso a regra seja violada, as penas incluem nulidade da operação, multa e processo administrativo.

As empresas firmaram o contrato entre si e depois fizeram conjuntamente uma primeira oferta pela Oi Móvel de mais de R$ 15 bilhões, e uma segunda, de R$ 16,5 bilhões. Após um leilão sem outros interessados em dezembro de 2020, as três anunciaram, em janeiro de 2021, a celebração do contrato de compra.

A venda é parte de um esforço de reposicionamento da Oi para tentar sair de processo de recuperação judicial, iniciado em 2016 para lidar com uma dívida de R$ 65 bilhões.

O processo foi aberto após pedido da concorrente Algar. Depois de serem questionadas, as empresas negaram ao Cade "a constituição de qualquer veículo societário para a realização da oferta ou a celebração de contrato de consórcio". Mas Alves diz que "não há dúvidas acerca da formação de consórcio/parceria/acordo".

Além de não comunicarem previamente ao Cade a celebração do contrato entre si, Alves afirma que as empresas ainda acabaram, com a parceria, firmando um "consórcio imbatível" e excluindo da disputa concorrentes individuais — como a empresa Highline, que oferecera anteriormente R$ 15 bilhões pelos ativos.

Alves diz que o consórcio estipulou perante a Oi que as compradoras deveriam ser tratadas como "única parte", quando, na realidade, TIM, Telefônica e Claro pretendiam adquirir os ativos de forma segregada. "As cláusulas foram previstas em contrato conjunto formado entre as três gigantes do setor, em nítida divisão de ativos da Oi Móvel entre as três concorrentes, que já detêm elevado 'market share' [participação de mercado] no setor de telecomunicações, passando a possuir 98% do serviço móvel nacional."

Para ele, o acordo aumentaria a concentração no setor e os fatos "evidenciam não só a formação de um consórcio mas a própria divisão de mercado, a provável troca de informações sensíveis e a ilicitude da integração prematura".

Na época do leilão, a TIM informou que desembolsaria R$ 7,3 bilhões e ficará com 14,5 milhões de clientes da Oi, o equivalente a 40% do total.

A Telefônica, que opera sob a marca Vivo, gastará R$ 5,5 bilhões e receberá 10,5 milhões de clientes (cerca de 29%).

Por R$ 3,7 bilhões, a Claro ficará com os restantes.

Na visão de Alves, os remédios sendo propostos para mitigar os efeitos da compra da Oi Móvel pelas três concorrentes — como o aluguel do espectro de radiofrequência para terceiros e o mecanismo de acesso à infraestrutura para empresas de pequeno porte — são "tênues, antigos e ineficazes para afastar os riscos concorrenciais".

A Oi disse que a opinião do procurador não considera a importância da operação para a recuperação econômica da empresa, além de "um conjunto de elementos que demonstram que a operação reforça a competição entre as três operadoras móveis nacionais".

A Vivo afirmou que foram seguidos todos os procedimentos legais. "Ao contrário do que afirma o procurador, a oferta foi feita conjuntamente pelas três companhias, mas não na forma de um consórcio, e resultará em três aquisições independentes."

TIM e Claro não haviam se pronunciado até a conclusão deste texto.

Em 31 de janeiro, a Agência Nacional de Telecomunicações deu anuência prévia à compra mediante condicionantes.

**Participação de mercado em telefonia celular**

| Operadora | Participação |
|---|---|
| Vivo | 32,96% |
| Claro/Nextel | 27,72% |
| TIM | 20,60% |
| Oi | 16,36% |
| Algar | 1,36% |
| Sercomtel | 0,02% |

Dados relativos a novembro de 2021 Fonte: Teleco (consultoria em telecomunicações)

# *Telegram mostra falha das instituições*

Judiciário e leis não evoluíram para tratar do comportamento desviante do app

**Ronaldo Lemos**

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

*Imagine um aplicativo que é utilizado por 50 milhões de pessoas no Brasil. Esse aplicativo tem acesso a todas as informações mais íntimas que uma pessoa pode ter: suas fotos, vídeos, mensagens, rede de contatos, nome, bem como sua localização em tempo real.*

*Além disso, guarda nos seus servidores todas as suas mensagens enviadas, fotos, vídeos e documentos. Nesse mesmo aplicativo, há relatos de venda de armas, tráfico de drogas, campanhas de desinformação e até mesmo pedofilia.*

*O nome do app é Telegram, e ele tem um problema: está fora do alcance da lei brasileira. Mesmo com tantas pessoas no país engrossando seus números de usuários (e faturamento), a postura da empresa e dos indivíduos que mantêm o serviço é ignorar solenemente qualquer autoridade do país.*

*Por exemplo, o aplicativo ignora há seis meses uma ordem judicial expedida pelo Supremo Tribunal Federal para remover um conteúdo ilícito. Não só não removeu como não deu nenhuma satisfação sobre essa inércia.*

*O fato é que, com tantos usuários, o aplicativo tem acesso a uma radiografia em tempo real de tudo que acontece no país, inclusive quanto a autoridades públicas. Mesmo que os juízes do STF não sejam usuários, é certo que muitos dentre os 2.800 funcionários do Supremo usam o app, entram no prédio do Supremo todos os dias com ele instalado e compartilham por ele informações obtidas a partir do seu trabalho na corte.*

*Em outras palavras, o Telegram não quer saber do Brasil nem do Supremo Tribunal Federal, mas aceita de bom grado as informações colhidas e geradas pelos funcionários que trabalham nele.*

*O caso do Telegram mostra claramente que as instituições existentes no mundo de hoje falharam ao lidar com um problema que é novo, complexo e de natureza global.*

*O Poder Judiciário e as leis dos países não evoluíram para tratar do comportamento desviante de um aplicativo como o Telegram.*

*Esse problema não é só brasileiro. A Alemanha está neste exato momento lidando com a mesma questão. O Telegram tem sido utilizado para planejar atentados no país, inclusive um plano de assassinato de um governador estadual.*

*Diante desse desafio, a Alemanha está discutindo ao menos duas soluções. A primeira é bloquear o Telegram, ordenando que os provedores de serviço de conexão à internet excluam os endereços que permitem acessar o serviço. Na prática, isso tornaria o serviço indisponível para a maior parte das pessoas do país.*

*A outra solução estudada pela Alemanha é ordenar que empresas privadas como o Google e a Apple removam o app das suas lojas de aplicativo, tornando-o indisponível para novos acessos. No mundo, vale lembrar que ao menos 11 países já bloquearam o Telegram, incluindo a Índia e a própria Rússia, país de origem do aplicativo.*

*No entanto, todos compartilham da mesma constatação: as instituições precisam evoluir para dar conta de novos desafios dessa natureza.*

*Um aplicativo de alguns poucos megabytes instalado no celular consegue hoje colocar em xeque o poder dos Estados nacionais construído historicamente.*

*Hegel precisaria rever parte da sua obra se estivesse vivo.*

**READER**

**Já era** *Não fazer nada diante da inércia do Telegram*

**Já é** *Alemanha discutindo várias modalidades de bloqueio ao Telegram*

**Já vem** *Brasil discutindo o que fará com o Telegram*

Patrícia Camargo (esq.) e Luciana Navarro, fundadoras da Care Natural Beauty, no escritório da marca, em SP Zanone Fraissat/Folhapress

# Matéria-prima local impulsiona pequenas marcas de beleza limpa

Fórmulas usam insumos comprados de pequenos produtores ou produzidos pela própria empresa

Marina Costa

SÃO PAULO Pequenas e médias marcas brasileiras estão se consolidando no mercado de beleza limpa, baseado em cosméticos feitos com ingredientes naturais, sem ativos sintéticos ou de origem animal.

As fórmulas priorizam matérias-primas fornecidas por produtores locais ou, em alguns casos, cultivadas pela própria marca.

Por razões diferentes, este universo faz parte da vida das fundadoras da Care Natural Beauty antes mesmo do início da marca, em 2018.

Patrícia Camargo, 38, repensou a rotina de cuidados após trabalhar no setor jurídico de uma multinacional de cosméticos, enquanto Luciana Navarro, 40, encontrou uma opção para se maquiar durante a quimioterapia, seguindo a recomendação médica de evitar produtos tradicionais devido à baixa imunidade.

Juntas, reuniram dermatologistas, farmacêuticos e maquiadores para desenvolver formulações limpas, com alta concentração de ativos e em embalagens sustentáveis de vidro, papel e alumínio. No lugar de compostos sintéticos, como parabenos e petrolatos, entraram matérias-primas naturais, como açaí e pracaxi, nativos da Amazônia.

Em 2021, o crescimento da Care Natural Beauty foi de 300%. O portfólio tem 32 opções naturais, veganas e orgânicas, que custam de R$ 59 a R$ 349. A operação fica em São Paulo, onde trabalham 15 funcionários, mas a empresa também vende pela internet e entrega em todo o Brasil.

Camargo diz que sempre apostou numa relação próxima com o consumidor, que ajuda a divulgar os produtos.

"Quando nem se falava tanto em comunidade, em empresas nativas digitais, a gente já criava isso com as nossas consumidoras. À medida que usaram os produtos, viram que podem confiar, que eles fazem efeito na pele. A recomendação boca a boca foi fundamental no começo", conta.

Tem também quem plante parte dos ingredientes de suas fórmulas. É o caso da Bisyou, fundada em 2020, que produz tomilho, componente de seu preenchedor facial sem agulhas, em Sorocaba (SP). Hoje, ele é vendido no e-commerce da marca por R$ 129,90.

Para testar a qualidade deste produto, o primeiro vendido pela empresa (que hoje tem mais dois no portfólio), a Bisyou primeiro conversou com dermatologistas, influenciadores e consumidores.

Depois, além de testes com voluntários que experimentaram o cosmético e relataram sua percepção, investiu em testes em cultura de células para observar a ação do produto em pele humana e avaliações do rosto em três etapas (antes, após 30 dias e após 60 dias de aplicação) com um scanner para verificar se houve preenchimento.

"Conforme as pessoas testaram e viram o resultado, começaram a ser advogadas da marca, dizendo que o produto funciona. Tinha aprovação da Anvisa, testes de eficácia e, com o consumidor aprovando, a gente passou a crescer nesse mercado", diz a engenheira química Carolina Viudes, 28, fundadora.

A tendência da beleza limpa ganhou mais força no país durante a pandemia, devido à atenção maior das pessoas com saúde e bem-estar, explica Andrezza Torres, coordenadora nacional de beleza e cosméticos do Sebrae. Outro ponto foi a evolução da indústria nacional do setor.

"Os consumidores brasileiros têm se convertido às marcas nacionais pela qualidade que elas vêm alcançando. Elas têm apurado a sua produção, avançado na competitividade. Fazem isso às vezes de forma genuína ao utilizar ativos dos nossos biomas."

Cosméticos da Bergamía, fundada em 2018 Divulgação

> A geração Z está muito mais preocupada com isso. À medida que ela entra no mercado de trabalho e ganha poder de compra, o impacto é positivo para a cosmética verde
>
> **Andrezza Torres**
> consultora do Sebrae

Há, ainda, uma questão geracional, com pessoas mais preocupadas em consumir cosméticos limpos.

"A geração Z está muito mais preocupada com isso do que gerações anteriores. À medida que ela entra no mercado de trabalho e ganha poder de compra, o impacto é bastante positivo para a cosmética verde", afirma.

Além disso, a alta do dólar, que encarece e reduz o consumo de cosméticos importados, incentiva o consumo dos nacionais. Com a inflação, porém, há redução do poder de compra do consumidor, fator que desafia as pequenas marcas.

Ao criar a Bergamía em 2018, o casal Anna Paula Oliveira, 33, e Felipe Drummond, 36, também investiu em proximidade para ganhar a confiança e identificar a demanda de clientes, pequenos influenciadores digitais do setor de beleza limpa e dermatologistas.

"Foi um aprendizado incrível para conhecer a comunidade, inclusive questões sazonais, estruturais e geográficas —desde diferença social, de quanto as pessoas têm para gastar nesses rituais, até quão seca é a pele da galera em Brasília", diz Drummond.

A partir de ingredientes como camu-camu, castanha-do-pará e buriti, as fórmulas dos 20 cosméticos naturais e veganos da marca foram desenvolvidas por Oliveira, que é farmacêutica e bioquímica. No e-commerce da Bergamía, os preços variam entre R$ 50 e R$ 120.

"Há um grande desenvolvimento regional, então a gente tenta usar isso para fomentar o consumo interno de ingredientes brasileiros", afirma Drummond.

Os produtos também passaram por testes físico-químicos, de segurança e de eficácia em laboratórios externos, e são registrados na Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), etapa obrigatória para todos os cosméticos.

O empreendedor também pode considerar alternativas menos complexas para apostar neste nicho, segundo Torres, do Sebrae, como comércio ou serviços especializados de beleza que priorizem cosméticos naturais e veganos.

Para Torres, questões técnicas são desafios, mas negócios de beleza limpa são viáveis e podem ser promissores.

Ela ressalta que o Brasil é o quarto maior consumidor de beleza e cuidados pessoais do mundo, de acordo com a Euromonitor International, empresa de pesquisa de mercado, e lembra que a tendência de utilizar ingredientes naturais e nativos do Brasil também é seguida por grandes empresas do setor, como a Natura.

Área preservada da Amazônia próxima a Uruará, no Pará; ANM autorizou exploração de nióbio no município Lalo de Almeida - 18.jul.20/Folhapress

# Autorizações para exploração de nióbio explodem na Amazônia

## Durante gestão Bolsonaro, liberação de permissões na região cresceu 156% na comparação com o triênio anterior

**Vinicius Sassine**

**BRASÍLIA** As autorizações para exploração de nióbio na Amazônia mais do que dobraram no governo de Jair Bolsonaro (PL), um entusiasta e divulgador do metal antes e depois da chegada à Presidência da República.

As áreas com pesquisas autorizadas pela ANM (Agência Nacional de Mineração) incluem nove assentamentos de reforma agrária, sem evidências de que os assentados tenham sido consultados, e franjas de duas terras indígenas e de uma unidade de conservação federal.

Bolsonaro usa o nióbio como argumento para a defesa de mineração em áreas conservadas na Amazônia, em especial em terras indígenas, o que é vedado pela Constituição Federal.

Em 2020, o governo enviou ao Congresso um projeto de lei que busca regulamentar autorizações para exploração mineral em terras indígenas. O projeto não avançou.

O presidente repete o discurso sobre o nióbio frequentemente —já o levou até mesmo à Assembleia-Geral da ONU, no tradicional discurso de abertura da conferência anual feito pelo líder do Brasil.

O chefe do Executivo ignora nas falas que o país já é o principal produtor do metal, com 88% do total mundial, e que jazidas exploradas —principalmente em Minas Gerais— têm material suficiente para abastecer o mercado nas próximas décadas. Falta demanda para o nióbio, usado para tornar ligas metálicas mais leves e resistentes.

Com a ofensiva de Bolsonaro, explodiram os requerimentos de exploração do metal, as posteriores autorizações de pesquisa e o aval para busca por nióbio na Amazônia.

Um levantamento feito pela **Folha** no sistema de processos da ANM mostra que 295 requerimentos de exploração do nióbio foram protocolados em 2019, 2020 e 2021, os três primeiros anos do governo Bolsonaro. A ANM concedeu 171 autorizações de pesquisa no período, das quais 64 foram para a região da Amazônia Legal.

No triênio de 2016 a 2018, foram 120 requerimentos e 74 autorizações de pesquisa, das quais 25 para a Amazônia. Assim, o aumento do aval para exploração de nióbio na Amazônia foi de 156% no governo Bolsonaro.

A comparação com o triênio anterior mostra uma explosão de autorizações de pesquisa. Entre 2013 e 2015, foram 9 autorizações na Amazônia, conforme o sistema da ANM. As 64 concedidas entre 2019 e 2021 representam, assim, um aumento de 611%.

A licença para a pesquisa permite a prospecção pelo metal e já envolve gastos elevados por parte das empresas e pessoas físicas interessadas.

Gastos com infraestrutura, sondagem, beneficiamento, lavra experimental e trincheiras podem chegar a R$ 1 milhão, conforme os valores informados à ANM.

No caso do nióbio, o mais comum é que os interessados busquem autorização para explorar o metal junto a outros minérios, como tântalo, bauxita e manganês.

O aumento de autorizações para o nióbio no governo Bolsonaro é superior ao verificado com outras substâncias. O tântalo, por exemplo, permaneceu estável de um triênio para outro.

Os requerimentos feitos nos três anos de governo, que envolvem nióbio, somam uma área de 1 milhão de hectares, o equivalente à área de 6,5 cidades de São Paulo. Entre 2016 e 2018, os requerimentos visavam áreas totais de 394 mil hectares, ou 2,5 capitais paulistas.

O levantamento feito pela **Folha** em dados públicos mantidos pela ANM mostra que 18 (28,1%) das 64 autorizações de pesquisa de nióbio na Amazônia nos últimos três anos passam por assentamentos de reforma agrária estruturados pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Ao todo, são nove assentamentos no Amazonas, no Amapá, no Pará, em Rondônia e em Roraima, onde estão assentadas 8.500 famílias, segundo dados atualizados pelo Incra em novembro de 2021.

Os documentos disponíveis nos processos da ANM não indicam que as comunidades tenham sido consultadas sobre a exploração de nióbio nas áreas dos assentamentos. Há documentos que indicam aval do Incra, desde que ocorra uma comunicação prévia sobre o início das pesquisas.

"O Incra não participou dos processos de autorização de pesquisa nos assentamentos. A ANM deve ser consultada para prestar mais esclarecimentos", afirmou o órgão, em nota. A ANM não respondeu aos questionamentos da reportagem.

Segundo o Incra, não há vedação para pesquisa e desenvolvimento de atividade minerária em assentamentos de reforma agrária. "O Incra e os beneficiários da reforma agrária serão consultados na fase de licenciamento ambiental para definição das medidas mitigatórias e compensatórias."

Pelo menos dois processos para exploração de nióbio envolvem franjas de terras indígenas no Amazonas, conforme os mapas produzidos pela ANM.

O empresário João Carlos da Silva Martins, da cidade de Pontes e Lacerda (MT), é o recordista em autorizações de pesquisa de nióbio e outros minérios em assentamentos de reforma agrária (cinco autorizações) e em áreas coladas a terras indígenas (duas autorizações).

Os documentos da ANM mostram que a terra indígena é a Waimiri Atroari, onde vivem 2.000 indígenas —entre eles isolados da cabeceira do Rio Camanaú, conforme levantamento feito pelo ISA (Instituto Socioambiental). A reportagem não localizou Martins.

O empresário do ramo de transportes Marcos Vizone Carvalho, de Lábrea (AM), obteve autorização da ANM para pesquisar nióbio e cassiterita em uma área de 1.166 hectares em Manicoré (AM).

Os documentos do processo mostram que a área inclui bordas da terra indígena Tenharim Marmelos, onde vivem 535 indígenas tenharim.

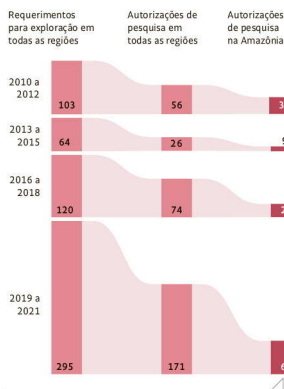
"A área não está na terra indígena, está próxima à terra indígena, cerca de 300 a 400 metros. Tem uma rodovia dividindo", disse Carvalho à **Folha**.

Segundo o empresário, essa é a primeira vez que consegue uma autorização para pesquisar nióbio. "Eu sonhava com isso. Sonhava com carvão e aparecia nióbio. Minha expectativa é vender o metal dentro do Brasil."

Questionada pela reportagem, a Funai (Fundação Nacional do Índio) não respondeu se participou das autorizações dadas pela ANM e se concorda com as áreas permitidas para pesquisa de nióbio.

Outros projetos margeiam unidades federais de conservação, chegando a tocar nessas unidades, como é o caso do Parque Nacional dos Campos Amazônicos, no Amazonas.

Já o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) disse não ter recebido nenhuma consulta sobre pesquisa de nióbio em unidades de conservação.

**Explosão do nióbio na Amazônia**

Por onde passam autorizações de pesquisa emitidas de 2019 a 2021, na Amazônia

Assentamentos de reforma agrária

1 Rio Juma, em Apuí
2 Nova Vida e Cedro, em Tartarugalzinho
3 Paraíso, em Alenquer
4 Aripuanã-Guariba, em Novo Aripuanã e Apuí
5 Monte Alegre
6 Rio do Peixe, em Uruará
7 Jequitibá, em Candeias do Jamari
8 Ajarani, em Iracema

Terras indígenas

9 Tenharim Marmelos, em Manicoré
10 Waimiri-Atroari, em Urucará

Unidade de conservação

11 Parque Nacional dos Campos Amazônicos, em Novo Aripuanã

Fonte: Levantamento da Folha no sistema da ANM (Agência Nacional de Mineração)

## Em 3 semanas, desmatamento atinge recorde na região para mês de janeiro

**RIO DE JANEIRO | AFP** O desmatamento na Amazônia brasileira atingiu um novo recorde para janeiro já nas três primeiras semanas do ano, segundo dados do programa Deter, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

Cerca de 360 km² de floresta foram destruídos de 1º a 21 de janeiro, aponta o Deter, programa que tem o objetivo de auxiliar ações de fiscalização, mas que, pelo monitoramento constante, pode ser usado para observar tendências de desmatamento.

Embora o registro pare em 21 de janeiro, a área desmatada até esse dia já é maior do que qualquer janeiro completo desde 2015, início do histórico recente do Deter.

O desmatamento da Amazônia em janeiro do ano passado foi de 83 km², quatro vezes menos do que o registrado nas três primeiras semanas de 2022.

Especialistas ambientais disseram que os dados podem indicar um risco elevado de que 2022 se torne outro ano devastador para a Amazônia, onde o desmatamento aumentou desde que o presidente Jair Bolsonaro assumiu o cargo em 2019.

"Um número tão alto em janeiro, pico da estação chuvosa, chama atenção e nos deixa extremamente preocupados", diz Claudio Angelo, da ONG Observatório do Clima.

Em novembro, o Inpe anunciou que o desmatamento da Amazônia brasileira havia sido de 13.235 km² entre agosto de 2020 e julho de 2021, maior valor desde 2006.

Foi o terceiro aumento anual consecutivo desde a chegada ao poder de Bolsonaro, que é alvo de críticas internacionais por ter enfraquecido as políticas de proteção à floresta e por defender abertamente a mineração e a exploração agrícola em áreas protegidas.

"Precisamos aguardar os próximos meses, mas o sinal não é nada bom", acrescentou Angelo.

O Observatório do Clima revelou na terça-feira que o Ibama gastou apenas 41% de seu orçamento em 2021.

## Viveiro fornece mudas de árvore gratuitas em SP

**BELO HORIZONTE** Os paulistanos que quiserem colorir seus quintais podem receber gratuitamente da Prefeitura de São Paulo até cinco mudas de árvores típicas brasileiras.

São mais de 90 variedades plantadas no Viveiro Manequinho Lopes, no parque Ibirapuera, como ipês, figueiras, jacarandás, jabuticabeiras e outras espécies alimentícias.

A solicitação é feita pelo telefone 156 ou online, pelo site SP156. Para participar, o proprietário do imóvel deve apresentar IPTU ou isenção em próprio nome, documento com foto e registros da área a ser plantada, como fotos ou croquis.

No caso de plantio em condomínios, é preciso carta do síndico autorizando o plantio e cópia da ata da assembleia que o elegeu.

A escolha das espécies pode levar em conta imagens de satélite do local, assim como quais outras plantas já estão presentes.

**saúde**

# Hidroxicloroquina doada por Trump encalha no Exército

Apesar da aposta de Bolsonaro no 'kit Covid', gestores perderam interesse

**Mateus Vargas**

BRASÍLIA Apesar de esforços do governo de Jair Bolsonaro (PL) para boicotar diretrizes de tratamento anti-kit Covid, os lotes de hidroxicloroquina doados por Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos, deixaram de servir ao combate à pandemia no SUS.

De 3 milhões de comprimidos que chegaram ao Brasil em junho de 2020, menos de 1 milhão foi aplicado contra o novo coronavírus.

No Exército, 745 mil doses da droga estão encalhadas. Cerca de 255 mil unidades haviam sido distribuídas a hospitais militares para o tratamento sem eficácia.

Já o Ministério da Saúde, que teve 2 milhões de doses da hidroxicloroquina de Trump em mãos, destinou cerca de 600 mil comprimidos para cidades que pediram a droga contra a Covid.

Depois, a pasta mandou o restante (1,4 milhão de unidades) para o combate a doenças previstas na bula, como lúpus e artrite reumatoide.

Mesmo após parar de distribuir a droga no SUS contra a pandemia, o governo insiste em não se posicionar contra o uso desses medicamentos e Bolsonaro segue distorcendo dados para estimular o uso do chamado "kit Covid".

O Ministério da Saúde rejeitou, em janeiro, diretrizes de tratamento para a crise sanitária que contraindicavam essas drogas. O secretário de Ciência e Tecnologia da pasta, Hélio Angotti Neto, ainda assinou nota que defendia a hidroxicloroquina e afirmava que as vacinas não têm segurança e eficácia.

As diretrizes sobre a Covid-19, se aprovadas, não teriam poder de proibir médicos de utilizarem medicamentos sem eficácia, mas representariam uma mancha às bandeiras negacionistas de Bolsonaro. Isso porque o governo federal, por meio do Ministério da Saúde, passaria a reconhecer as orientações contrárias ao chamado tratamento precoce.

A ideia do governo era usar a hidroxicloroquina enviada pelo governo dos EUA e pela farmacêutica Sandoz como pilar da política de combate à Covid-19 a partir do segundo semestre de 2020.

A aposta para o período anterior da crise sanitária havia sido a cloroquina (medicamento de efeito parecido, mas composição diferente) feita no Laboratório do Exército ou desviada do programa de malária do SUS. Mais de 5,4 milhões de unidades do medicamento foram entregues no SUS, mesmo sem eficácia.

Mas os lotes de hidroxicloroquina enviados ao Brasil pelo governo Trump a Bolsonaro encontraram barreiras para serem despejados na rede pública.

A carga chegou ao país dividida em tubos com 100 comprimidos. O governo precisou de aval da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para fracionar a droga em caixas menores e repassou o custo da operação aos estados e municípios que pedissem os medicamentos.

Gestores públicos ainda perderam o interesse no tratamento com o chamado kit Covid, apontado como ineficaz por sociedades médicas especializadas e entidades como a OMS (Organização Mundial de Saúde) poucos meses após o começo da pandemia.

A distribuição dos medicamentos ainda virou alvo de apurações de órgãos de controle, MPF (Ministério Público Federal) e de ações no STF (Supremo Tribunal Federal).

O estímulo ao "kit Covid" foi citado em pedidos de indiciamento feitos pela CPI da Covid no Senado. Para fugir de punições, o governo Bolsonaro também modulou o discurso.

Em janeiro de 2021, após ser criticado por levar drogas sem eficácia ao Amazonas, quando o estado entrava em colapso por falta de oxigênio, o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello passou a afirmar que jamais estimulou o uso desses medicamentos.

A última entrega do Ministério da Saúde da hidroxicloroquina de Trump para tratamento da Covid foi feita em abril de 2021, já na gestão de Marcelo Queiroga.

Como mostrou a **Folha**, prefeitos passaram a pedir a devolução dos lotes ao governo Bolsonaro quando perderam interesse pela droga. Desde o fim de 2021, o governo tenta se livrar do estoque do Exército, oferecendo a droga a estados que querem usá-la em tratamentos indicados na bula, o que não inclui a Covid-19.

Mesmo com comprimidos do "kit Covid" encalhados, porém, Bolsonaro e seus auxiliares ainda tentaram aumentar o estoque e os gastos para a entrega no SUS.

Documentos entregues à CPI mostram que o governo avaliou comprar 5 milhões de doses da hidroxicloroquina da Índia, em abril de 2020, mas desistiu do negócio em outubro, quando já estocava a doação de Trump.

De julho a novembro do mesmo ano, o Ministério da Saúde ainda abriu um processo para inserir a hidroxicloroquina e o antibiótico azitromicina no programa Farmácia Popular, que dá descontos ou entrega de graça medicamentos principalmente para doenças prevalentes.

A iniciativa partiu de Angotti, o mesmo secretário que vetou recentemente a diretriz anticloroquina, e uma minuta de portaria chegou a ser preparada por Pazuello.

A ideia, que não se concretizou, era gastar até R$ 250 milhões para pagar farmácias da rede privada credenciadas ao programa, que entregariam o "kit Covid" de graça.

Em nota, o Exército confirmou o estoque de cerca de 775 mil comprimidos de hidroxicloroquina. Já a Saúde disse que solicitou aos estados que manifestassem "interesse em receber o medicamento [encalhado no Exército], a título de doação, para uso no tratamento de doenças como lúpus e artrite reumatoide".

A pasta também disse que usará a cloroquina que será fabricada pela Fiocruz no programa de malária neste ano. O laboratório deve entregar cerca de 2,8 milhões de doses.

# Professor autista cria coletivo e ajuda adultos na mesma condição

**VIDA PÚBLICA**

**Tatiana Cavalcanti**

SÃO PAULO A partir do diagnóstico de autismo, há pouco mais de um ano, o bacharel em direito e professor Guilherme de Almeida, 39, decidiu ajudar adultos que suspeitam ter a mesma condição que ele, especialmente aqueles que enfrentam dificuldades no ensino superior.

Para isso ele criou, em julho de 2021, o CAUCamp (Coletivo Autista da Unicamp), grupo que encaminha essas pessoas a especialistas que cobram valores mais acessíveis em suas consultas.

O coletivo da Universidade Estadual de Campinas não recebe ajuda financeira, apenas voluntários colaboram, segundo ele, que cursa doutorado na Unicamp. São pessoas que acreditam na causa da inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior.

A ideia de Almeida, professor de educação e direitos humanos e atualmente dedicado ao doutorado, é ampliar a assistência. Uma consulta, que pode chegar a R$ 250, sai por R$ 50, em média, com a indicação do coletivo.

Ele afirma que entre julho e outubro do ano passado, o coletivo já identificou 52 pessoas dentro da Unicamp com diagnóstico de autismo entre alunos, docentes e funcionários, após o envio de um questionário para mapear essas pessoas no ambiente acadêmico e descobrir suas demandas.

Tudo isso com a orientação do psicólogo Mayck Hartwig, especializado em TEA (Transtorno do Espectro Autista) em adultos. Outros 70 casos estão em investigação.

"Queremos trabalhar para que as pessoas consigam terminar suas graduações ou especializações e trabalhar nas áreas a que se dedicaram na universidade." Ele declara que também recebe pacientes de outras idades, uns até com mais de 60 anos. "É um público diverso e que não recebe acompanhamento de forma sistematizada. É esse vácuo que tentamos preencher."

Mestre e doutorando em educação pela Unicamp, Almeida conta que sofreu, ao longo da vida, com diagnósticos incorretos. Aos sete anos, teve a indicação de depressão, já que chorava muito e sofria com insônia constante. Além disso, ele afirma que tinha dificuldade de se relacionar com crianças e adultos.

"Mas isso não era detectado. O autismo ainda é relacionado com deficiência intelectual. E eu era considerado inteligente", afirma. "Aí costumava ouvir que gente inteligente é estranha, não é sociável, é mais introspectivo. Quando tudo isso, na verdade, faz parte de uma mitologia que não tem amparo nenhum."

O professor relata que teve uma crise mais complexa aos 12 anos. Naquele momento, ele passou por grandes mudanças: escola nova e o divórcio dos pais. "Colapsei. Não falava mais, não ia ao banheiro sozinho, não me alimentava sozinho, não me vestia sozinho."

Mesmo assim, ele permaneceu com diagnóstico de depressão e ali, com medicamento usado para reduzir a tensão e a ansiedade, começou sua saga de duas décadas de medicações. "Tomei vários remédios para equilibrar minha suposta depressão crônica, mas minha condição permanecia. O sofrimento era enorme."

Guilherme de Almeida, que teve diagnóstico de autismo na vida adulta e coordena coletivo na Unicamp *Arquivo pessoal*

As dificuldades durante a fase escolar, onde se sentia excluído, passaram a ser questões complexas, também na vida acadêmica. Ele relata ter sensibilidade a barulhos, especialmente durante as aulas, e que chegou a tentar suicídio em 2015, antes de compreender o que passava com ele. Por isso, ele afirma que o diagnóstico precoce é fundamental.

> Tenho visto recentemente cada vez mais casos de adultos que se descobrem autistas após avaliação de seus filhos
>
> **Erica Araújo Constanini**
> Psicóloga

> Foi um divisor na minha vida. Quando entendi o que acontecia comigo, ganhei ferramentas para conquistar equilíbrio, tranquilidade e não sofrer mais
>
> **Guilherme de Almeida**
> Bacharel em direito e professor

O doutorando revela que finalmente recebeu seu laudo conclusivo após quase um ano fazendo avaliações. "Foi um divisor na minha vida. Quando entendi o que acontecia comigo, ganhei ferramentas para conquistar equilíbrio, tranquilidade e não sofrer mais. Cheguei a ter dúvidas se tornaria esse diagnóstico público, mas não quis ficar nesse armário", relata.

De acordo com o psicólogo Hartwig, o diagnóstico de TEA contribui para a tomada de decisão clínica mais assertiva, garante à pessoa autista o acesso aos seus direitos e, ainda, pode amortecer a depressão. "Isso ajuda os adultos autistas a compreender suas dificuldades e buscar apoio relevante de serviços educacionais, de saúde ou sociais."

Hartwig explica que adultos autistas diagnosticados tardiamente costumam relatar estresse de longa data em relação ao isolamento social, bullying, exclusão e a percepção de que são diferentes, o que torna necessária a assistência psicológica e psiquiátrica pós-diagnóstico.

Erica Araújo Constanini, psicóloga especialista em TEA, trabalha em parceria com o CAUCamp atendendo a preços populares os pacientes enviados pelo coletivo. "Tenho visto recentemente cada vez mais casos de adultos que se descobrem autistas após avaliação de seus filhos."

## MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

# Avó amorosa, registrou toda história da família

**LUZIA PEREIRA TALACHIA (1937 - 2022)**

**Ricardo Ampudia Talachia**

SÃO PAULO No Natal da família Talachia, todos se reuniam em torno de uma enorme mesa forrada com uma quantidade exagerada de comida, em meio a uma gritaria e gesticulação típica dos italianos que se refugiaram no interior de São Paulo. Exceto Luzia.

Matriarca de uma família numerosa, era ela quem rondava a mesa garantindo a reposição dos pratos e pousando vez ou outra sobre os ombros dos netos para perguntar: "Já comeu? Come mais".

Nascida em 1937, na Água dos Aranhas, povoado rural de Palmital (SP), teve uma infância difícil com a família na roça. Era a sétima de 10 filhos. Da adolescência, lembrava das reuniões em família, da vida no campo e a descoberta do seu grande amor.

Foi em 1956 que se casou com Paulo Talachia. "Amor à primeira vista", escreveu em um álbum de memórias. Dessa época, Paulo guarda uma folha do calendário de 1953: "primeiro beijo na Luzia". 4 de outubro.

Dois anos mais tarde, em 1958, mudam-se para Paraguaçu Paulista (SP) já com o primeiro filho, Paulo Sérgio. Tiveram mais cinco: Gilberto, Tarcísio, Leila, Cláudio e Yeda.

Católica, deu aulas de catecismo para mais de uma centena de crianças no próprio quintal, na Vila Prianti, na periferia da cidade.

Não faltava a uma missa e, quando a idade pesou, substituiu os bancos da igreja por maratonas de missas televisionadas, para desespero do marido, que passou a intercalar jogos do Corinthians com a programação da Rede Vida.

Foi em casa também que, na década de 1990, deu aulas noturnas de corte e costura para as mulheres do bairro. Também nessa época garantiu o abastecimento do guarda-roupa de todos os netos. Era conhecida por ser uma avó muito amorosa e estar sempre rindo.

Com uma memória invejável, era guardiã da história oral da família. Encheu uma dezena de álbuns com fotografias e textos com a história dos Pereiras, seu sobrenome de solteira, e Talachias. Começando pelo seu bisavô, em 1860, até o nascimento de seu primeiro bisneto.

Nas tardes com os netos, fazia questão de relê-los, contar as histórias e fazer com que eles se prometessem contar para seus filhos.

Aos poucos, foi deixando de rodear todos para ser rodeada. Conforme sua saúde ia piorando, foram idas e vindas de hospitais, cirurgias, cadeiras de rodas e leitos de cama.

Morreu no último 27 de janeiro, aos 85 anos, de causas naturais. Deixa o marido Paulo, seis filhos, 14 netos e cinco bisnetos.

**Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:** tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.
**Anúncio pago na Folha:** tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.
**Aviso gratuito na seção:** folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

# Mãe que deu à luz com Covid está há 400 dias em hospital

## Cantora de Manaus tem sequelas pulmonares e neurológicas e terá alta em breve

**O músico Sol Petrus da Silva Walkey, 24, marido de Sol, e o filho, Ethan, 1, em sua casa, em Manaus** Bruno Kelly/Folhapress

**Luana Carvalho**

MANAUS Horas antes de ser intubada por complicações causadas pela Covid-19, a cantora amazonense Eva Rodrigues, 40, escreveu uma carta para seu marido, Sol Petrus Praia, 24, na qual expunha os seus medos: "Orem para que Deus me cure imediatamente", foi a última frase que ela conseguiu escrever.

Desde então foram 16 dias de intubação, seguidos de uma série de complicações que resultaram em uma traqueostomia, duas paradas cardíacas, 20% dos pulmões comprometidos e uma série de infecções. Neste domingo (6), Eva completa 400 dias internada por sequelas da Covid e se prepara para ter alta do Hospital Samel, em Manaus, onde passou os últimos 13 meses.

Ela chegou ao hospital em 3 de janeiro de 2021, contaminada em meio à segunda onda de casos de Covid-19 que deixou marcas profundas no Amazonas, incluindo mortes por falta de oxigênio nos hospitais.

Ao chegar ao hospital, Eva estava grávida de seu terceiro filho, Ethan, que nasceu logo no primeiro dia da internação em uma cesárea de emergência, quando a mãe completava 38 semanas de gravidez.

Dadas as circunstâncias, o pequeno Ethan não sentiu o calor da mãe e nem foi amamentado com leite materno. Coube ao pai, Sol Petrus, acompanhar o filho na maternidade de pública Ana Braga.

Devido à falta de estrutura do local, Sol montou uma força-tarefa e com ajuda de seus chefes e amigos conseguiu transferir Eva para a UTI de uma unidade particular, onde ela permanece internada.

"Não imaginávamos que a internação fosse durar tanto tempo. Até mesmo porque, naquele período, ou os pacientes se curavam ou logo morriam", relembra Sol, enquanto ouvia uma das composições de Eva. O casal tocava em igrejas, eventos e dava aulas de canto e instrumentos.

Acostumado a ouvir a voz da mulher entoando louvores desde 2017 —ano em que se conheceram e começaram a namorar—, o músico precisou conviver com os sons dos aparelhos de uma UTI (Unidade de Terapia Intensiva), para onde Eva foi levada no dia 7 de janeiro.

Ele estava cursando engenharia elétrica, dava aulas de violão na igreja evangélica que frequentava com Eva e era estagiário em uma fábrica do Polo Industrial de Manaus. Junto a isso, também passou a dedicar aos cuidados com a mulher e com o recém-nascido.

> **"** Não imaginávamos que a internação fosse durar tanto tempo. Até mesmo porque naquele período, ou pacientes se curavam ou logo morriam
>
> **Sol Petrus Praia**
> músico e marido da cantora

"Nem em meus piores pesadelos imaginava passar pelo que passei e ainda passo. Nós tínhamos uma rotina, fazíamos tudo juntos e assim eu queria permanecer para sempre. Mas aí aconteceu essa tragédia em nossas vidas. É muito doloroso ver meu filho se desenvolvendo sem a presença da mãe", diz.

Pai de primeira viagem, o músico precisou aprender tudo sobre bebês. É ele quem leva Ethan para as consultas pediátricas, para tomar vacinas, e é quem prepara as mamadeiras do filho.

"Eva é mãezona, já tinha um casal de filhos, o Noah e a Yvilah. No início não foi fácil, enfrentamos preconceitos pela diferença de idade e por ela já ter dois filhos. Mas nós nos casamos, fomos morar todos juntos e planejamos o Ethan", conta.

No quarto, fotos do casal decoram as prateleiras. Embora o bebê não tenha contato com a mãe, Sol diz que não deixa que ele se esqueça dela um dia sequer. "Eu mostro as fotos e ele já aprendeu a falar 'mamãe'. Ele não deve entender o que ela representa, mas sabe que ela é a mãe dele".

Entre noites dormidas no hospital, trabalho e o filho que completou um ano, o músico conseguiu concluir a faculdade em dezembro do ano passado e foi contratado pela empresa onde estagiava.

Além de cantora e compositora, Eva cursava jornalismo e gostava de escrever. Foi na UTI, sem contato com a família, que ela pediu uma caneta e um papel para se comunicar com o marido. "Estou em um estado de nervos, nem com sedativos consegui dormir. Bem à minha frente, a mesma mulher já morreu três vezes", relatou em um trecho da carta.

Um dos desejos de Sol também é fazer com que o talento da mulher seja reconhecido: "Quando o quadro da Eva ficou controlado, comecei a olhar nossas composições, a assistir aos vídeos que gravamos e a alimentar nosso canal. Eva é uma mulher de muita fé e passou a vida ensinando a cantar,sendo criativa e talentosa. Eu não posso deixar isso morrer."

Em meio a tantos procedimentos, duas paradas cardíacas e inúmeras convulsões, Sol diz que não perdeu a esperança de tirar a esposa do hospital com vida. Quando Eva completou cinco meses de internação, os médicos falaram sobre a possibilidade de tratamento paliativo em casa.

Os amigos fizeram uma vaquinha para reformar a casa da família. Com o dinheiro arrecadado, o músico refez toda a parte elétrica, adaptou o banheiro, conseguiu comprar nobreaks, bipap e uma cama hospitalar articulada.

Na última quarta-feira (2), Eva saiu da UTI e foi transferida para um apartamento do hospital, para o que a equipe médica chama de período de adaptação. A previsão é que ela vá para casa ainda em fevereiro.

A coordenadora da UTI do Hospital Samel, Dirce Costa, explica que a paciente conviveu durante oito meses com infecções causadas por bactérias pseudomonas, adquirida ainda na maternidade.

"Tentamos por meses combinações de antibióticos e nada funcionava. Até que chegou uma medicação nova do exterior e conseguimos controlar. Hoje, Eva não tem mais infecção, ficou com sequelas pulmonares e neurológicas, mas está pronta para ir para casa."

O desafio para a família agora será manter a estrutura tanto de pessoal quanto de material que Eva tem disponível no hospital. Mas, assim como Sol, a especialista acredita que após a alta, a recuperação neurológica de Eva acontecerá de forma rápida.

"Ela está consciente. Ela chora quando o marido precisa ir embora. Vira o rosto para não o ver saindo. Acreditamos que voltando a ter convivência com a família, o que for possível de ser recuperado na saúde dela será de maneira mais fácil e acelerada, pois é uma paciente jovem".

Para a médica, o que manteve Eva resistente durante este tempo foi a persistência e o amor da família. No Natal de 2021, Sol conseguiu autorização e levou o pequeno Ethan para visitar a mãe.

"Eles querem ela de qualquer jeito. Nossa UTI é humanizada e não teve um dia que eles não estivessem com ela. Nunca desistiram. Mesmo quando nós dávamos os boletins negativos, eles não perdiam a fé e nem a esperança. Agora chegou o momento de Eva ir para casa."

# *Prevenção de pandemias*

## Estudo propõe ações para evitar a emergência de novas zoonoses

**Marcia Castro**

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

*No dia 4 de fevereiro o Brasil voltou a registrar mais de mil mortes diárias por Covid-19. No mesmo dia, os Estados Unidos superaram a marca de 900 mil mortes. Os custos diretos e indiretos da pandemia, de curto, médio e longo prazos, são gigantescos e continuam se acumulando. Mas qual seria o custo de ações que contribuíssem para prevenir que as pandemias acontecessem?*

*Um estudo feito por 20 pesquisadores das Américas, Asia e África (do qual participei) propõe três ações para prevenir a emergência de novas zoonoses: uma rede global de vigilância de patógenos, uma melhor gestão do comércio e caça de animais selvagens, e a redução do desmatamento. O custo anual estimado dessas ações representa apenas 5% do custo estimado de vidas perdidas e menos de 10% do custo econômico de doenças infecciosas emergentes.*

*Além disso, essas ações proporcionam benefícios sociais, econômicos e ambientais não incluídos na estimativa. Como exemplo, contribuir para evitar emissões de dióxido de carbono, proteger os direitos dos povos indígenas, conservar a biodiversidade, evitar danos psicológicos por perda de emprego, parentes ou isolamento social, evitar atraso em tratamentos médicos, e evitar perda ou atrasos na educação.*

*O ditado popular "é melhor prevenir do que remediar" é sábio. Mas não é a base de recomendações internacionais e políticas públicas direcionadas às futuras pandemias. Geralmente, ações são direcionadas à detecção e contenção, não à prevenção. Essas recomendações são revistas com base em erros e acertos observados a cada epidemia/pandemia, porém sem destaque para a prevenção.*

*O documento de gestão de epidemias da Organização Mundial da Saúde discute ações de prevenção e controle após a introdução de patógenos, mas não ações que previnam a emergência dos mesmos. O novo Plano de Preparação para Pandemia dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos, divulgado dia 2 de fevereiro, é um primeiro passo na melhoria da vigilância de patógenos a fim de acelerar o desenvolvimento de testes, medicamentos e vacinas. Será importante acompanhar de que forma este plano efetivamente contribuirá para uma rede global de vigilância.*

*Aqui vale ressaltar a falta de incentivos à prevenção. Primeiro, estruturas e organizações de financiamento para pesquisa não priorizam investimentos em prevenção primária. Segundo, prevenção não resulta em lucros para corporações que se beneficiam com a pandemia. Terceiro, ações de prevenção na saúde pública sofrem do "paradoxo do sucesso". O sucesso da prevenção é invisível. Há uma ausência de eventos dramáticos, e mortes evitadas não geram um sentimento intenso como vidas perdidas o fazem.*

*No Brasil, o Projeto PREVIR (Rede Nacional de Vigilância de Vírus em Animais Silvestres) monitora diferentes espécies animais em algumas localidades da Mata Atlântica e da Amazônia. Projetos como esse precisam ser expandidos. Entretanto, o desenvolvimento científico no Brasil sofre com o corte de verbas, e em 2022 o orçamento da Capes e CNPq representa menos da metade da verba disponível dez anos atrás.*

*Considerando o desmatamento, uma das três ações propostas para prevenção de pandemias, os recursos destinados à redução do desmatamento são um investimento para prevenir a futura emergência ou reemergência de zoonoses, mas também para mitigar atuais desafios epidemiológicos na Amazônia, como a malária, a expansão das arboviroses, e doenças respiratórias associadas às queimadas.*

*Após dois anos, as consequências devastadoras da pandemia de Covid-19 persistem. É inaceitável, tanto do ponto de vista humano como econômico, que não sejam empreendidos esforços globais para que se previna uma futura pandemia.*

*No Brasil, uma mudança séria de paradigma com foco na prevenção, ao que parece, só virá nas urnas.*

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. **Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

# Túnel que rompeu levava esgoto de 10% de SP

## Com 7,5 km, interceptor que gerou cratera na marginal na obra do metrô é só o 11º maior da região metropolitana

**William Cardoso**

SÃO PAULO Famoso desde que se rompeu durante a passagem do tatuzão da linha 6-laranja, na marginal Tietê, o interceptor ITi-7 é um supertúnel de 7.568 metros de extensão, alto e largo o suficiente para comportar uma pequena escavadeira, com folga.

O que nem todos sabem é que estruturas gigantescas como essas são fundamentais para evitar que o esgoto chegue até os rios e estão espalhadas por toda a Grande São Paulo.

Em alguns pontos, o ITi-7 chega a ter 3,4 m de largura por 4,25 m de altura.

Novo e encorpado, com capacidade para deixar fluir grandes volumes, o interceptor que virou notícia nesta semana está longe de ser o maior em comprimento a cruzar os subterrâneos da Grande São Paulo.

Entre os 28 em operação, o mais extenso é o IPi-6, localizado às margens do rio Pinheiros, com 19,5 km. Mais recente a ser entregue, em fevereiro de 2020, o "caçula" ITi-7 fica em um modesto 11º lugar.

Os interceptores são parte de uma densa trama sob o asfalto da região metropolitana. Só chamam a atenção quando algo dá muito errado, como no caso da obra do metrô.

Como o próprio nome diz, eles interceptam os efluentes (como também é chamado o esgoto) que saíram das casas, depois que passaram pelas redes coletoras e por coletores-tronco. A função só será concluída quando entregarem todo esse líquido malcheiroso a outros interceptores ou aos emissários.

O ITi-7 se tornou realidade depois de muita escavação, a um ritmo de 1 metro a cada 12 horas de trabalho. Tudo isso a até 18 metros abaixo das pistas sentido Ayrton Senna da marginal Tietê.

Antes do acidente, o túnel levava o esgoto de 2,2 milhões de habitantes —cerca de 10% da população da região metropolitana— à maior estação de tratamento do país, em Barueri, na Grande São Paulo. ]

Na margem oposta, há um "irmão mais velho", o ITi-3, para onde está indo parte dos 170 milhões de litros que vazaram com o incidente.

Presidente do Instituto de Engenharia, Paulo Ferreira afirma que interceptores são fundamentais para evitar ainda mais a poluição nos rios.

De forma geral, vale lembrar que cerca de 80% da água consumida vira efluente. Segundo a própria Sabesp, 92% da área urbanizada da região metropolitana tem esgoto coletado em casa, mas só 83% do que é recolhido recebe tratamento.

O interceptor que agora está avariado recebe efluentes não apenas de bairros como Bela Vista, Consolação e República, da região central. Conectados a ele estão também o ITa-1 e o ITa-2, outros túneis da mesma categoria, instalados ao lado do rio Tamanduateí. Isso significa que esgoto até do Ipiranga, na zona sul, por exemplo, é levado para tratamento em Barueri, numa jornada de mais de 30 km.

Diferentemente do abastecimento de água, em que os tubos recebem forte pressão para vencerem desníveis, no esgoto tudo vai embora por gravidade (dos pontos mais altos dos bairros até os fundos de vales, onde estão rios e córregos). Por isso, esses túneis nunca operam plenamente cheios, tendo uma capacidade útil que pode chegar a 85% do volume, limitada pela velocidade do líquido, sendo o restante preenchido pelo ar.

Quando aprofundar a rede não é mais técnica ou economicamente viável, instala-se então uma estação elevatória, que, com bombas, joga os efluentes "um degrau acima", voltando depois a seguir o caminho natural por gravidade. "Sem as estações elevatórias, teríamos que escavar até o Japão", brinca o presidente do IE. O próprio esgoto do ITi-7 vai para uma estação elevatória, a Nova Piqueri, na rua Professora Suraia Aidar Menon, pouco mais de um quilômetro depois do local do acidente na obra do metrô.

Para não poluir ainda mais o rio Tietê, a Sabesp afirma que desviou o esgoto do ITi-7 para seu antecessor, o ITi-1, parcialmente desativado em 2020 e que, agora, volta a funcionar temporariamente desde o seu início.

Embora menor que o sucessor —é retangular e tem 2,80 m por 1,80 m, na média—, a expectativa é de que dê conta da função no momento. "Eles devem ter jogado lá para ver o que acontece. Era lá ou no rio. Se optaram por jogar ali [no interceptor antigo], fizeram a coisa certa", diz Ferreira.

Segundo a Sabesp, a manutenção do ITi-1 foi continuada e ele tem plena capacidade de suportar o volume atual do ITi-7, que foi projetado para receber, no futuro, esgoto decorrente da verticalização da região. Por enquanto, não há previsão de quanto tempo será necessário para reparar o ITi-7.

Coordenador da divisão de saneamento do departamento de infraestrutura da Fiesp, João Jorge da Costa afirma que obras como o ITi-7 tem um dimensionado "bem folgado", por isso o túnel antigo, mesmo menor, deve dar conta por enquanto.

Costa explica que o caminho percorrido pelo ITi-1 é conhecido de muito tempo pelos especialistas em saneamento. "Tanto que a Marquês de São Vicente, por onde ele passa, era chamada de avenida do Emissário."

Segundo Costa, antigamente os interceptores eram feitos até de alvenaria, o que provocava muita manutenção. Os materiais mudaram, a região metropolitana se expandiu e a rede teve que dar conta de coletar os rejeitos da maior parte dos 22 milhões de habitantes para serem tratados antes de virarem água novamente.

A Sabesp diz que, desde 1992, quando teve início o Projeto Tietê, a rede de coleta de esgoto que atendia 70% da área urbanizada da Grande São Paulo saltou para 92%, enquanto o tratamento dos esgotos foi de 24% para 83% do volume coletado.

Segundo a Sabesp, durante o Projeto Tietê foram executadas 1,8 milhão de ligações e instalados aproximadamente 4,8 mil km de interceptores, coletores tronco e redes coletoras para transportar o esgoto até as estações de tratamento, cuja capacidade instalada quase triplicou no período.

Com isso e a construção de estações de tratamento, a vazão de esgoto tratada nas estações metropolitanas hoje é mais de cinco vezes superior à do início do projeto, diz.

**Supertúnel da Sabesp passa sob as pistas da marginal Tietê**

**Método construtivo**

Túnel de acesso

Infografia Luciano Veronezi

**Escavação** Com máquinas como britadeiras que escavam o solo, operários abrem o buraco sob a marginal

**Remoção da terra** Uma pequena escavadeira recolhe a terra e a deposita em um carrinho com uma caçamba

**Transporte** O carrinho vai até o poço de serviço, onde a caçamba é erguida até nível da rua

**Concretagem** Uma estrutura de concreto reforçado é construída onde a terra foi escavada e os operários avançam na obra

# Parque dos Búfalos espera há 10 anos para virar parque

## Prefeitura diz que área no extremo sul da cidade de SP ganhará estrutura ainda neste ano, sem definir data

Roberto de Oliveira

**SÃO PAULO** Largas e sombreadas, as trilhas facilitam o trajeto até a parte alta, onde se veem árvores retorcidas do cerrado. Lá embaixo, às margens da represa Billings, a abundância de tons verdes revela um naco de mata atlântica ainda preservado.

Nem parece que essa generosa formação vegetal está encravada na maior cidade da América do Sul. Estamos no parque dos Búfalos, no Jardim Apurá, zona sul da capital.

O nome foi dado à área devido à presença desses animais entre o final dos anos 1970 e os fins dos 1990. Parque, mesmo, até o momento segue somente na nomenclatura, já que a população local aguarda sua implantação desde março de 2012, quando um decreto transformou o espaço em uma área de utilidade pública.

"É um lugar muito agradável, mas falta segurança e a estrutura de um parque público de verdade. Queria trazer meus filhos para conhecer, só que não me sinto confortável", diz o motorista Guilherme Ribeiro Bastos, 37, que gosta de pedalar ali aos fins de semana.

É justamente por não se sentirem seguras que famílias do bairro chegam a percorrer cerca de 30 km à procura de uma sombra para o piquenique de fim de semana, no parque Ibirapuera, por exemplo, mesmo tendo o parque dos Búfalos a poucos passos de casa.

Apesar de ser a única fonte de lazer na região, o parque dos Búfalos desperta, nas palavras da professora Fernanda Machado, 36, um sentimento de não pertencimento aos moradores, justamente pela ausência do poder público por lá.

Ela, que vive no Jardim Apurá há pelo menos 33 anos, conta que as mulheres quando fazem caminhada pelo parque preferem sempre andar em grupo. "A gente teme violência, assédio. Precisamos de segurança, um tipo de segurança e prevenção, que só a presença do Estado pode nos oferecer", afirma a professora.

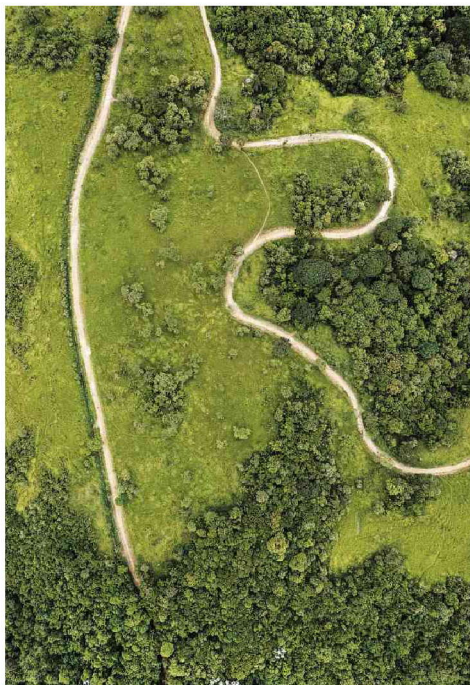
A falta de estrutura leva os próprios moradores a recolher o lixo, "que vizinhos sem consciência acabam jogando pelo parque", conta o construtor Ricardo do Nascimento, 40, ao lado do pequeno João Ricardo, 8. "Trago o meu filho somente no domingo, quando tem mais gente circulando."

Com duas sacolas de lixo retiradas do parque, o auxiliar de cozinha Richard Delgado Moraes, 22, costuma fazer trabalho voluntário de limpeza. "Precisa de uma manutenção rotineira. Se você deixar, as pessoas vão achar que podem jogar lixo aqui. Quando realmente se transformar num parque público, espero que a gente tenha um projeto de conscientização para que os moradores sejam zelosos."

Tubulações do Residencial Espanha, que deveriam liberar apenas água fluvial, de acordo com Moraes, acabam despejando lixo diretamente no parque.

Concluído em 2019, o condomínio tem hoje 193 prédios com 3.860 apartamentos, que abrigam uma população estimada entre 17 mil e 20 mil moradores. A ideia inicial era reassentar famílias que viviam em áreas de risco e de preservação de mananciais nessas habitações, recuperando, assim, superfícies degradadas às margens da represa.

Segundo a bióloga Marta Marcondes, a construção do condomínio impactou diretamente a água que vai para o reservatório Billings, já que a maior parte do esgoto cai na represa sem tratamento.

Coordenadora do Projeto IPH/USCS (Índice de Poluentes Hídricos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul), que analisa a qualidade da água de nascentes, rios, córregos e reservatórios, Marcondes explica que o parque está dentro de uma importante área de proteção de mananciais. Calcula que foram catalogadas ao menos 16 nascentes dentro da área protegida.

Em tempos anteriores à obra habitacional, o parque chegou a abrigar dezenas de espécies de aves, répteis e mamíferos. A obra urbana também gerou impacto direto na flora e na fauna. "Com a perda de área da natureza, espécies como a coruja-buraqueira e pequenos gaviões já não podem mais ser avistadas no parque", explica a bióloga.

Inicialmente, de acordo com moradores, a área total dos Búfalos envolvia 994.000 m². Caiu para 830.000 m². A construção do condomínio, obra conjunta dos governos federal, estadual e municipal, abocanhou 250.000 m². Restaram, assim, 580.000 m² de espaço destinado ao parque.

A batalha pela implantação dos Búfalos parece estar com os dias contados. É ao menos o que diz a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA), que, mesmo sem especificar a data, prevê para 2022 a implantação do parque, dez meses depois de iniciadas as obras.

A prefeitura diz que o cercamento do local já foi realizado —a vizinhança contesta a conclusão— e que o contrato para a construção do parque já foi firmado.

A secretaria informa ainda que aguarda a solução de pendências com a Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), que afirma esperar a prefeitura solicitar o alvará de intervenção na APRM-B (Área de Proteção e Recuperação de Mananciais da Bacia Hidrográfica do Reservatório Billings).

Segundo a Cetesb, técnicos da companhia se reuniram com representantes da gestão do prefeito Ricardo Nunes (MDB) em outubro passado para discutir o procedimento de regularização do parque.

"Esse empurra-empurra já dura muito tempo. Ele é fruto da falta de interesse político que se arrasta há anos em uma região com o menor índice de cobertura vegetal de São Paulo", critica o líder comunitário Wesley Silvestre, 34, um dos principais defensores dos Búfalos.

"Para piorar, parte do terreno público que pertence ao parque está sendo alvo de loteamento clandestino. É um descaso com uma região pobre, carente de espaços públicos", diz ele.

Em nota, a prefeitura nega que tenha ocorrido invasão em território do parque. Diz ainda que a secretaria desenvolveu projeto de educação ambiental junto à comunidade.

Silvestre é um dos que saem de casa para apagar focos de incêndio no parque, denunciar invasões (cada vez mais frequentes, segundo ele) e combater a caça ilegal, que ainda lá ocorre.

Mesmo assim, não desiste e se empenha para ver os Búfalos se tornarem, de fato, o parque do Jardim Apurá. "Até quando nós vamos esperar? Até destruírem tudo?"

Área do Parque dos Búfalos, no extremo sul de SP Jardiel Carvalho/Folhapress

# Pandemia aquece turismo náutico no litoral paulista

Mariana Zylberkan

**BERTIOGA** No canto da praia do Indaiá, em Bertioga, no litoral norte de São Paulo, as marcas de pneu na faixa de areia denotam que ali é território das lanchas que saem das marinas rebocadas por tratores até o mar.

Desde o primeiro verão pós-pandemia, em março de 2020, os tratores das marinas no canto do Indaiá têm trabalhado ao menos 20% mais, segundo o prefeito da cidade, Caio Matheus (PSDB).

"A necessidade do distanciamento social fez o turismo náutico aumentar", diz. "Além disso, a perda de pessoas próximas levou alguns a investir na família."

Segundo o prefeito, as vagas para embarcações abertas em duas novas marinas na cidade foram esgotadas rapidamente. Em uma delas, há fila de espera e ligações diárias de interessados em encontrar espaço para aportar seus barcos. "Estamos com 40 barcos a mais", diz a gerente da Marina Capital, Carol Reis, onde a mensalidade varia de R$ 1.000 a R$ 4.000.

Por ter uma série de rios que desembocam nas praias, além do canal de Bertioga, o balneário é bastante procurado por adeptos do turismo náutico.

A fila de barcos para entrar e sair do mar é organizada por mensagens de rádio entre os marinheiros e os funcionários em terra. É dado um intervalo de cinco minutos entre cada viagem de trator para evitar congestionamentos.

Segundo o secretário de turismo de Bertioga, Ney Carlos da Rocha, a demanda no setor náutico aumentou em todo litoral paulista, o que tem criado uma espécie de superávit nos valores de barcos e peças.

O agente imobiliário Fernando Tarcha, 47, comprou sua lancha há seis meses. "Tinha planos de fazer isso com mais idade, mas a pandemia veio e decidi que, se não fizer agora, não faço mais", diz.

O uso da embarcação é dividido com outros cinco donos que não se conhecem. Os custos de manutenção, aluguel na marina e salário do marinheiro são compartilhados. "É uma modalidade que tem crescido entre os donos de barcos", diz Tarcha.

Bertioga (SP), cidade que registrou alta de 20% em passeios de lancha Eduardo Anizelli/Folhapress

ESPORTE AO VIVO | 11h Olimpíadas de Inverno Hóquei no gelo, SPORTV 2 | 17h Athletic Bilbao x Espanyol Espanhol, ESPN 2 | 22h Bulls x Suns NBA, SPORTV 3

Vinícius Canuto, integrante da Mancha Alviverde, prepara os instrumentos da bateria para a viagem a Abu Dhabi, onde o Palmeiras jogará o Mundial de Clubes Rubens Cavallari/Folhapress

# Palmeirenses querem levar o clima de Libertadores aos jogos do Mundial

Expectativa é que cerca de mil palmeirenses assistam à semifinal em Abu Dhabi, contra o Al Ahly

**João Gabriel**

SÃO PAULO Elogiada pelo barulho que fez apesar de não ter lotado seu setor na final da Libertadores, contra o Flamengo, em Montevidéu, a torcida do Palmeiras vai tentar repetir a festa no Mundial de Clubes. E isso apesar da distância e do custo de uma viagem até os Emirados Árabes Unidos.

Como ocorreu na decisão do torneio continental, a organizada Mancha Alvi Verde angariou fundos para ajudar a bancar o transporte de uma série de associados. Com uma vaquinha online, também pediu doações de palmeirenses ilustres e endinheirados.

"No Uruguai, a gente se destacou porque levou o pessoal que tem DNA de arquibancada. Nosso povo é de renda baixa, classe pobre, e a gente fez um trabalho de arrecadação legal. Mesma coisa com o Mundial. Só não serão tantos torcedores, os valores são bem mais altos", afirma Jorge Luiz, presidente da Mancha.

Segundo ele, na Libertadores, a torcida conseguiu fretar cinco ônibus com permutas e pagou por mais um. Considerando custos como auxílio no ingresso para quem não tinha condições financeiras, exames de PCR e alimentação, a organizada gastou cerca de R$ 2.000 com cada palmeirense que levou ao Uruguai.

Para o Mundial, apenas o pacote de viagens, sem ingresso, já subiu para R$ 13 mil. Os torcedores conseguiram permuta para 12 pacotes, custearam mais cinco passagens e dividiram outros R$ 20 mil para ajudas de custo aos membros com menor poder aquisitivo.

"Vai dar uns R$ 18 mil para cada [torcedor]. Classe econômica, hotel duas estrelas, sem luxo... Apesar de que lá tudo é luxuoso, né?" diz Jorge Luiz. Ele afirma que a arrecadação ainda não acabou, por isso não há como precisar os valores, mas que os números serão divulgados após a viagem.

O presidente da torcida ainda tenta com a Fifa a liberação para entrar com bandeirão e faixas de plástico no estádio, mas acredita que a entidade dará permissão somente para bandeirinhas de mão, faixas de pano horizontais e instrumentos da bateria.

Ainda segundo Jorge, só da filial paulista da torcida (a principal do Brasil) devem ir cerca de 200 pessoas, sem contar os que vão por conta própria. Ele disse que sub-sedes de outras cidades e também de Portugal, Inglaterra, EUA, Austrália e Irlanda informaram que organizaram viagens.

A expectativa é de cerca de mil palmeirenses nas arquibancadas do estádio Zayed Sports City. Entre eles estarão Edson Batista Reis, conhecido como Júnior, além de Renato Marino e seu filho, Arthur.

"Eu comprei o pacote dois dias depois da final da Libertadores, segunda-feira de manhã, assim que as agências liberaram, o mais cedo possível", conta Marino, 40.

Ele e seu filho Arthur, 10, desembarcam na vizinha Dubai nesta segunda-feira (7) e têm transporte reservado até Abu Dhabi para as semifinais, marcadas para terça (8).

O problema é que, por enquanto, ele possui apenas um dos dois ingressos de que precisa para o duelo contra o Al Ahly. Confiante, diz que o problema não vai acontecer na final, jogo para o qual já tem as duas entradas garantidas.

Por outro lado, Edson Batista, o Júnior, comprou tudo de última hora. Não foi à final da Libertadores porque o preço estava alto demais e ele havia acabado de iniciar um novo empreendimento, uma autoescola. Também não ia para o Mundial, até que um amigo resolveu provocá-lo e o convidou.

"O que me salvou foi um cartão de crédito, que eu tinha pedido um tempo atrás, e chegou bem na última semana. Parcelei tudo em mil vezes. Minha mãe ficou p..., porque eu acabei de comprar uma empresa nova, mas não vou abandonar o negócio. Vou trabalhar de home office, mas de lá", conta o torcedor.

"Peguei um hotel mais ou menos, que tem café da manhã. Vou viver com esse café da manhã e depois só dá para pagar McDonald's", completa ele, que é integrante da Mancha, mas custeou tudo do próprio bolso, para deixar o auxílio da torcida a outros que precisassem mais.

Em 2022, os palmeirenses esperam esquecer a desilusão do último Mundial, quando a equipe não só foi eliminada na estreia, para o mexicano Tigres, mas também perdeu a disputa de terceiro lugar para o Al Ahly.

Para Arthur, filho de Marino, o troféu também significa o fim das piadas sobre o clube não ter um título de campeão do mundo.

Júnior pensa um pouco diferente. Testemunha ocular do título da Libertadores de 1999 no Palestra Itália, ele abriu mão de ir ao Uruguai porque achou caro. Mas aceitou ir aos Emirados Árabes Unidos mesmo por um preço muito mais alto. O motivo: a possibilidade de um título inédito.

"Muitos falam que a gente já tem o Mundial de 1951, mas estava escrito Copa Rio no troféu. Vamos aceitar logo. Pode até ser o bicampeonato, mas, para mim, vai ser inédito. De qualquer jeito, vamos voltar com o título na bagagem", diz, confiante, o palmeirense que vai a Abu Dhabi.

### Al Hilal vence com gol de brasileiro e encara Chelsea na outra chave

Com boa atuação e gol de jogador brasileiro, o Al Hilal (Arábia Saudita) goleou o Al Jazira (Emirados Árabes Unidos) por 6 a 1, neste domingo (6), e vai encarar o Chelsea na semifinal do Mundial de Clubes. A partida entre as equipes saudita e inglesa acontecerá na quarta (9), às 13h30 (de Brasília). O vencedor enfrentará na final Palmeiras ou Al Ahly (Egito), que jogam um dia antes. A decisão do Mundial será no sábado (12). O brasileiro Matheus Pereira, 25, foi o destaque da partida deste domingo. Ele marcou o segundo gol do Al Hilal e cobrou escanteio na cabeça do volante Kanno, que fez o terceiro da equipe. Quem estreou no Al Hilal ao entrar no segundo tempo foi Michael, um dos destaques do Flamengo no ano passado.

## *O Al Ahly exige respeito*

É preciso lembrar que no Mundial passado o Palmeiras perdeu para os egípcios?

***Juca Kfouri***

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

*O egípcio Al Ahly é velho conhecido dos torcedores brasileiros.*

*Atormentou a vida do Inter e fez os colorados sofrerem para derrotá-lo por 2 a 1, em 2006.*

*Seis anos depois aconteceu o mesmo com o Corinthians, vitorioso por só 1 a 0, gol de Paolo Guerrero, e muita pressão para segurar o resultado.*

*No Mundial passado, nos pênaltis, ficou com o terceiro lugar ao superar o Palmeiras.*

*Figurinha carimbada nos Mundiais de Clubes, decacampeão africano, o Al Ahly busca chegar à final pela primeira vez na sétima participação, menos apenas que o neozelandês Auckland City, este figurinha fácil, nove presenças em 18 torneios.*

*Orgulhosa, a torcida do Al Ahly se gaba de ser a maior do mundo e chama o clube de Gigante Vermelho.*

*O favorito mexicano Monterrey sentiu a força ao ser derrotado por meio time reserva dos egípcios, pois a outra metade estava, como se sabe, a serviço da seleção do país. No estádio a maioria árabe foi gritante, como deverá acontecer até o fim do Mundial.*

*Todos dávamos como certo que os mexicanos seriam os adversários do Palmeiras e agora estamos diante do fantasma que vem do Cairo.*

*Que jogará com a vantagem de já ter estreado, além de com muito menos peso por que ninguém no Egito exige que volte campeão, como se faz por aqui, a terra do tudo ou nada e que há muito deixou de ser a do jogo bonito ou mais vitorioso.*

*Ainda bem que grande parte do time alviverde já passou pela experiência e que Abel Ferreira conheceu o fiasco em Al Rayyan, no Qatar, a 555 quilômetros de Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos — menos pela derrota na semifinal no Mundial passado, mais pelo quarto lugar, exatamente contra o Al Ahly, embora seja um suplício para os brasileiros jogar pelo terceiro.*

*Clube mais popular do chamado mundo árabe, não duvidem a rara leitora e o raro leitor, será osso duríssimo de roer, razão pela qual pensar no Chelsea (ou no saudita Al Hilal...) é botar o carro antes dos bois, o que, se o torcedor pode fazer, o elenco está vacinado para nem pensar.*

*Um jogo de cada vez é a ordem do dia e o jogo da terça-feira, dia 8, às 13h30, é O JOGO.*

*Este Mundial, por sinal, pode ser o último com chances para times não europeus, caso venha a vingar a ideia da Fifa em fazê-lo com 24 times, oito deles do Velho Continente.*

*Com uma dose de ironia para quem diminui o Mundial de 2000, vencido pelo Corinthians, porque "se fosse mesmo sério teria sido transmitido pela Globo e não pela Bandeirantes".*

*Pois eis que como o primeiro Mundial da Fifa, eventualmente o último, neste formato, também estará apenas na Band.*

*Derradeira possibilidade ou não — a Fifa parece querer ocupar todas as datas, ao pensar também na Copa do Mundo a cada dois anos—, fato é que o Palmeiras tem mesmo motivos para acreditar no próprio taco se com os pés no chão.*

*Será a terceira tentativa.*

*Na segunda foi mal, muito mal, mas, na primeira, mereceu vencer o Manchester United. Perdeu por 1 a 0 em falha histórica do goleiro Marcos e teve o gol de empate, feito por Alex, erradamente anulado.*

*Os egípcios nada têm a perder e quase surpreenderam o favorito Senegal na Copa da África, derrotados só nos pênaltis.*

*Dizem que Deus é brasileiro, mas Alá é grande.*

*Daí todo cuidado ser pouco para evitar nova frustração.*

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | **TER. Renata Mendonça** | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

# Mané se redime e dá a Senegal título inédito na Copa Africana

Atacante perdeu pênalti no início do jogo, mas converteu o gol da conquista

**SENEGAL 0 (4)**
**EGITO 0 (2)**

**Bruno Rodrigues**

SÃO PAULO Antes do apito inicial para Senegal x Egito, os holofotes estavam todos sobre os atacantes Sadio Mané e Mohamed Salah, estrelas do melhor Liverpool dos últimos 30 anos. Porém, a penalidade desperdiçada pelo senegalês nos primeiros minutos da final da Copa Africana de Nações, neste domingo (6), parecia dar ao goleiro egípcio Gabaski o roteiro perfeito para que ele se tornasse herói.

Mas Mané teve a chance da redenção. E entrou para a história do futebol da África.

Após empate sem gols no tempo normal, o camisa 10 converteu sua cobrança na disputa por pênaltis, gol que confirmou a vitória de Senegal por 4 a 2 e deu ao país o seu primeiro título continental.

Os senegaleses, liderados por Mané, já haviam batido na trave em 2019, com o vice-campeonato. O jogador, inclusive, foi eleito o melhor futebolista africano daquele ano. Mas faltava a taça, que finalmente chegou com o triunfo em Camarões, sede do torneio.

Conquista que também o coloca, enfim, acima de Salah. Apesar de figuras determinantes para o Liverpool que conquistou uma Champions e uma Premier League sob o comando de Jürgen Klopp, o egípcio ganhou mais reconhecimento do mundo do futebol do que seu companheiro.

Em janeiro, o prêmio The Best, da Fifa, colocou Mohamed Salah entre os três finalistas, junto com Robert Lewandowski, que foi eleito como melhor jogador do planeta, e Lionel Messi, em segundo.

Como disse Klopp antes da decisão da Copa Africana, um dos dois voltará à Inglaterra mais feliz. E esse alguém será Mané, que se apresentará com o reconhecimento por ter levado Senegal à sua primeira conquista no continente.

Se antes da partida a expectativa era pela qualidade dos homens de frente, os protagonistas foram os goleiros.

Logo no início do jogo, o senegalês Ciss invadiu a área pela esquerda e foi derrubado por Abdelmonen. Pênalti. Antes da cobrança de Mané, Salah conversou com o goleiro de sua equipe, provavelmente para indicar onde e como seu colega de Liverpool cobraria.

Difícil saber se a conversa foi determinante ou não, mas Gabaski pulou para o lado direito e defendeu a cobrança do camisa 10 de Senegal, que chutou forte, mas quase no meio do gol.

Gabaski já havia sido fundamental para a classificação nas oitavas de final, contra a Costa do Marfim, defendendo uma penalidade, e diante de Camarões, na semi, quando pegou dois pênaltis para colocar sua seleção na decisão.

Destaque improvável, pois o camisa 16 era só reserva na equipe egípcia, mas se beneficiou da lesão do titular El Shenawy para ganhar a oportunidade de jogar o torneio continental.

Seu colega, o senegalês Édouard Mendy também foi seguro quando exigido, realizando pelo menos duas defesas importantes para evitar o gol do Egito. Uma delas em chute de Salah.

A exibição do arqueiro do Chelsea não só nesta final, mas em toda a Copa Africana, justifica a sua eleição em janeiro, no prêmio The Best, como o melhor camisa 1 do mundo. Mendy superou Gigi Donnarumma, goleiro campeão da Euro com a Itália. Não é pouca coisa.

Com o 0 a 0 no placar no tempo regulamentar, a decisão foi para a prorrogação. O que não é incomum em finais do torneio. Das últimas 12 edições, seis terminaram com empate no tempo normal (e cinco delas com empates sem gols).

A manutenção da invencibilidade dos goleiros levou a final para as penalidades. Gabaski, mais uma vez, fez sua parte, defendendo a cobrança de Bouna Sarr. Mas Abdelmonen chutou na trave, e Lashen parou na defesa de Mendy.

Na quarta batida de Senegal, coube a Mané a responsabilidade. O camisa 10, que em toda a disputa caminhou de um lado para o outro com as mãos unidas, como se estivesse orando, correu para a bola e mandou forte, no canto esquerdo.

Gol que levou os senegaleses à glória, e que deixou o vice-campeonato de 2019 e o pênalti perdido definitivamente para trás.

Sadio Mané, atacante de Senegal, celebra título inédito da Copa Africana de Nações após marcar pênalti decisivo Charly Triballeau/AFP

# Atletas brasileiros competem no esqui, mas acabam eliminados nas Olimpíadas de Inverno

SÃO PAULO Dois brasileiros competiram nas Olimpíadas de Inverno neste domingo (6), no quinto dia de disputas dos Jogos de Pequim-2022. Os atletas Manex Silva, do esqui cross-country, e Sabrina Cass, do esqui estilo livre, não avançaram nas competições.

Manex Silva, 19, foi o primeiro a competir. Ele recebeu uma volta a mais dos participantes que lideravam a disputa e não terminou a prova. Alexander Bolshunov, do Comitê Olímpico Russo, ficou com a medalha de ouro.

Pela regra da modalidade, quando um competidor coloca uma volta sobre outro, o participante atrasado é retirado. O brasileiro participou de prova inédita de esquiatlo nas Olimpíadas que combina os dois estilos de esquiar, o clássico e skating, e percorre distância de 15 km cada um.

Silva, que nasceu no Acre e vive na Espanha desde os dois anos, voltará a representar o Brasil em Pequim. Na terça (8), ele competirá na modalidade sprint —estilo livre; na sexta (11), nos 15 km —estilo clássico; e no dia 19, na largada em massa 50 km —estilo livre.

Também neste domingo, a brasileira Sabrina Cass, 19, ficou em 16º lugar e não conseguiu avançar à final do moguls, modalidade do esqui estilo livre na qual os atletas descem um morro de neve e fazem acrobacias. A australiana Jakara Anthony levou o ouro.

Na quinta (3), Cass foi a primeira atleta do Brasil a estrear em Pequim. Ela ficou em 21º lugar na primeira descida do moguls. As dez primeiras colocadas foram direto à final.

Campeã mundial júnior em 2019, Sabrina Cass tem dupla cidadania. Ela nasceu nos Estados Unidos e é filha de pai americano e de mãe brasileira. A atleta não terá outras participações em Pequim-2022.

Também neste domingo, a Nova Zelândia conquistou o seu primeiro ouro em Olimpíadas de Inverno com a atleta de snowboard Zoi Sadowski-Synnott. Ela já tinha faturado a medalha de bronze nos Jogos de PyeongChang, em 2018.

Na patinação artística, a russa Kamila Valieva, 15, recebeu a nota 90,18 na parte individual da prova por equipes e ficou próxima do recorde mundial, de 90,45, que é dela mesma. As disputas por medalha acontecem nesta segunda (7).

No sábado, um acidente marcou a prova da patinação de velocidade em pista curta. A americana Corinne Stoddard sofreu queda e quebrou o nariz durante as eliminatórias dos 500m. A atleta acabou eliminada e anunciou a fratura pelas redes sociais.

"Meu nariz está quebrado, mas a boa notícia é que estou liberada para continuar patinando e correndo. Obrigado pelo apoio", escreveu.

A Noruega tem dois ouros e um bronze e lidera, momentaneamente, o quadro de medalhas. A Suécia está na segunda posição, com dois ouros. O Comitê Olímpico Russo aparece em terceiro, com um ouro, duas pratas e dois bronzes.

## PRANCHETA DO PVC

**Paulo Vinicius Coelho**
pranchetadopvc@gmail.com

## Abel Ferreira só tem uma opção na semi do Mundial

O texto de Abel Ferreira publicado no site The Coaches' Voice (A Voz dos Técnicos) em 2021 voltará à tona na semifinal do Mundial de Clubes. O treinador do Palmeiras diz que é preciso saber escalar uma montanha, especialmente quando não se é melhor do que o adversário.

O problema é que o Palmeiras será favorito contra o Al Ahly, do Egito. Terá de se impor.

Ele já admitiu que o Chelsea é melhor do que o Palmeiras. A casca de banana do Al Ahly, terceiro no Mundial de 2020, surpreendeu contra o Monterrey, do México, mesmo com seis desfalques, que representaram o Egito na Copa Africana de Nações.

Abel Ferreira entende que Napoleão Bonaparte, um homem pequeno, quase conquistou o mundo graças às estratégias. Reconhecer o limite e estudar o rival é fundamental, para o treinador português.

Ajudou a decidir a Libertadores contra o Flamengo.

Só que o Al Ahly jogará no mesmo sistema 5-4-1 usado por Abel em Montevidéu. As escapadas são rápidas pela esquerda, com Abdelkader. As diagonais dele, para o centroavante Mohamed e para o meia-direita Al Shahat, também representarão perigo.

Que ninguém mais repita o clichê de que os africanos são correria. Salah foi candidato a melhor jogador do mundo. O Mazembe e o Raja Casablanca foram finalistas de Mundiais de Clubes.

O Palmeiras tem de anular os contra-ataques do Al Ahly. Mais que isso, achar espaço numa defesa que se fechará muito.

Quebrar linhas de cinco, como a do rival egípcio, exige paciência e rapidez nas trocas de passes. Uma opção são os lançamentos em diagonal, para inverter o lado da jogada sobre o quarto homem da defesa. Aquilo que Tite chama de "desdentar" a linha de cinco.

Raphael Veiga impressionou-se com a capacidade de Abel Ferreira para arquitetar a jogada do primeiro gol da final contra o Flamengo: "Fizemos a jogada no treino, cheguei atrasado na bola e levei bronca. Ele me disse que tinha de ir até a marca do pênalti, porque o cruzamento do Mayke ia chegar no meu pé."

A diferença é que o Palmeiras ensaiou a final contra os rubro-negros por quarenta dias e, desta vez, só teve certeza de que enfrentaria o Al Ahly no sábado (5). Por outro lado, enfrentou o mesmo rival na decisão de terceiro e quarto do Mundial há um ano.

Empatou sem gols, por não furar o sistema do treinador sul-africano Pitso Mosimane, assistente de Joel Santana na seleção de seu país, na Copa das Confederações de 2009.

Mosimane questiona por que razão o campeão da Libertadores tem lugar cativo nas semifinais dos Mundiais. Este é uma pergunta da Fifa, não do Palmeiras. Para Raphael Veiga, Dudu e Rony, o problema é fazer gols e explicar, em campo, por que os sul-americanos têm a preferência. Lembrar, com a bola no pé, que a América do Sul tem nove títulos mundiais de seleções e 26 de clubes, somando as 22 Copas Intercontinentais aos quatro da era Fifa.

Não exclui a lembrança de que o continente perdeu cinco das últimas onze vagas nas finais. Só duas para africanos.

O Al Ahly será um rival perigoso para o Palmeiras. Exigirá artimanhas diferentes de Abel. Desta vez, muitos desenhos e estratégias de ataque, para fazer gols e evitar contragolpes dos rivais do Egito.

Al Ahly na defesa vai bloquear Palmeiras com cinco defensores

Transição ofensiva rápida e chegadas no 3-4-3

### 15 MIL EM ITAQUERA

O melhor time do Brasil no futebol feminino, o Corinthians teve excelente atuação na estreia da temporada 2022, 3 a 0 sobre o Palmeiras. Tamires foi a melhor em campo. Mas a notícia foram os 13.800 torcedores na abertura da temporada.

### SÓ UMA VITÓRIA

Fábio Carille mudou o sistema tático do Santos contra o Corinthians e quebrou o tabu de 12 clássicos sem vencer em Itaquera. Manteve a estratégia e não ganhou do Guarani. Santos dependerá dos garotos, Ângelo e Marcos Leonardo.

# De repórter a colunista, Edgard Alves foi mestre discreto de gerações

**FOLHA, 100**
**HUMANOS DA FOLHA**

**Fabio Victor**

SÃO PAULO O que é um jornalista senão um contador de histórias? Edgard Alves era antes de tudo um grande contador de histórias: um grande jornalista.

Sob certa desconfiança que às vezes despertava por sua verve de pescador, passou anos a fio na Redação a contar passagens fantásticas de uma vida bonita. Na adolescência, em sua Botucatu natal, houve uma enchente, moradores foram tragados pelo dilúvio, o menino-homem Degas atirou-se às águas revoltas e salvou alguns —um herói imberbe. Todo mundo duvidava, e tempos depois Edgard trazia o recorte de jornal local com a notícia de sua condecoração, pela Câmara Municipal de Botucatu, pelo ato de bravura.

Dizia que tocara acordeão na juventude, o povo desconfiava. Passavam-se uns meses, ele chegava com a foto empunhando a sanfona. Encontrou uma onça atropelada no acostamento da Anhanguera. Balela? Seu filho Leandro confirmava tudo. Que não se duvidasse das histórias de Edgard Alves.

Nas horas de dor pela partida de alguém querido, é inevitável que nos assombre a lista do que faltou fazer com aquela pessoa, de tudo o que adiamos e por fim, com o coração devastado, constatamos que não poderemos mais. A minha e de tanta gente em relação ao Degas é imensa, mas a sua dimensão humana impõe que se comece falando por tanto realizado, pelas suas histórias exemplares.

Em mais de 50 anos de jornalismo, a partir de 1967 e sempre pela **Folha**, foi principalmente repórter, mas também chefe de reportagem (ou pauteiro, no jargão, aquele que distribui e cobra as tarefas à equipe), colunista e, sobretudo um mestre discreto, ouvidor-geral de focas aflitos e conselheiro seguro de veteranos —solícito a quem precisasse. Trabalhava sem se alterar, sem levantar a voz.

Edgard especializou-se na cobertura de esportes olímpicos principalmente basquete, boxe e atletismo. Cobriu sete Olimpíadas, cinco Jogos Pan-Americanos, inúmeros Mundiais e tragédias fora do esporte, como os incêndios dos edifícios Andraus (1972) e Joelma (1974).

Nos anos 1980, foi diretor do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. "Edgard se destacava na Redação pela defesa vigorosa dos direitos e reivindicações dos jornalistas, enfrentando a direção do jornal em várias oportunidades. Era um incansável organizador do sindicato", disse Paulo Zocchi, ex-presidente e atual diretor da entidade.

Ao se aposentar e deixar o dia a dia do jornal, passou a assinar uma coluna semanal sobre esportes olímpicos, na qual traduzia com clareza e simplicidade o noticiário, de um modo que só sua experiência e a sabedoria eram capazes.

Edgard na celebração de seus 70 anos; ao fundo, sua neta, Pietra Melchiades Filho/Acervo Pessoal

Acima de tudo, Degas foi um exemplo de jornalista íntegro, ético, generoso e gentil, como atestam colegas, atletas, entidades esportivas. Interessava-se genuinamente pelas pessoas. Era um lorde —um lorde botucatuense, um lorde caipira. Um lorde desapegado das aparências, avesso a frivolidades e salamaleques, radicalmente contra o consumismo.

**Edgard Alves (1948-2022)**

Formado em jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, entrou na **Folha** em dezembro de 1967. Cobriu in loco as Olimpíadas de Montréal-1976, Moscou-1980, Atlanta-1996, Sydney-2000, Atenas-2004, Pequim-2008 e Rio-2016 e cinco Jogos Pan-Americanos. Desde fevereiro de 2012 assinava uma coluna no jornal sobre esportes olímpicos.

Mas, sem abrir mão da essência socialista, vez ou outra se desmanchava com as delícias do capital. Como quando, no embalo de filhos e netos, foi à Disney, adorou e quis voltar.

Amava Jack London e sua vida de aventura e liberdade. Amava o jornalismo —devorar notícias, comentá-las com os amigos, dissecá-las criticamente. Gostava de comer tudo o que não podia, bisteca, costelinha, torresmo, a gordura da picanha, doce de banana. Amava as boinas. Amava a busca pela justiça entre os homens. Amava as pescarias, mesmo quando, como na maioria das últimas vezes, não pescava nada. Fazia um pacu na brasa de babar (alimentou com o filho a ideia de abrir um restaurante dedicado ao peixe; se chamaria Só Pacu; não saiu do papel).

Amava sua família: Yara, a companheira de toda a vida (fingia impaciência com as suas infindáveis experiências arquitetônicas e de, digamos, feng shui, mas no fundo gostava), a filha Aline (que o teve como paciente número um por toda a carreira e era uma leoa a proteger o pai), o filho Leandro (parceiro no amor ao Corinthians, coidealizador do Só Pacu), a neta Pietra e o neto Victor, paixões do fim da vida.

Cardíaco, diabético, Edgard conviveu os últimos anos com inúmeras complicações de saúde, situação capaz de levar muitos à amargura ou ao desatino, mas que ele conseguiu suportar com grandeza de espírito inigualável. Talvez porque gostasse tanto de gente, porque fosse um humanista que buscava a arte do encontro e sabia do valor da amizade. Se um amigo andava distante, ele cutucava. Em novembro passado, recém-alojado com Yara no novo apartamento, me escreveu um e-mail-provocação, cujo título dizia BONS CAMARADAS SEMPRE PRESENTES:

"Dois CAMARADAS já vieram me visitar. O Adriano foi o primeiro, no domingo, e o André Fontenelle, acompanhado da filha Alice, na terça depois do almoço. Foi muito bacana. O simples reencontro dá força para todos. Estamos vivos e vamos lutar para continuar vivos. Amizades fortes enchem o espírito e criam um clima de resistência.

Abração

PS: como você demora para atender o telefone, decidi mandar o e-mail. Ah!Ah!Ah!"

**Série apresenta perfis de profissionais da Folha de S.Paulo**

O projeto Humanos da **Folha** conta a trajetória de repórteres, editores, fotógrafos, designers, cartunistas e outros que fizeram parte da história centenária do jornal. Leia outros textos em folha.com/folha100anos

**RISOS E CORES**
Pintados e fantasiados, torcedores egípcios e senegaleses assistem à final da Copa da África, em Iaundé (Camarões); após empate em 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, Senegal conquistou o título inédito na disputa em pênaltis Kenzo Tribouillard/AFP; Thaier Al-Sudani/Reuters; Mohamed Abd El Ghany/Reuters; Kenzo Tribouillard/AFP

## ACERVO FOLHA

**Há 100 anos 7.fev.1922**

### Livro reúne histórias de personalidades de São Paulo

O livro "São Paulo e seus Homens no Centenário" deve figurar na exposição que celebrará os 100 anos da Independência do Brasil e também deve ser distribuído para as delegações estrangeiras que visitarem o país nessa ocasião.

A obra, que está em execução, é um estudo circunstanciado e completo sobre individualidades em destaques nas áreas da política, administração, belas artes, ciência, jornalismo, literatura, comércio, indústria e agricultura de São Paulo.

Esse é um trabalho que tem como organizadores Antonio Carlos Fonseca, Antonio Pereira Ignacio e Carlos Monteiro Brisolla.

FOLHA DE S. PAULO
O Presidente reune seus ministros

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

## MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*

folha.com/mensageirosideral

### Terra tem asteroide de 1,2 km que a segue em sua órbita, indica estudo

Graças a dados do telescópio Soar, observatório do qual o Brasil é sócio majoritário no Chile, pesquisadores confirmaram que a Terra tem um asteroide de 1,2 km de diâmetro que acompanha o planeta em sua órbita ao redor do Sol.

Muito tem sido dito sobre os pontos de libração (ou lagrangianos) de um sistema como o Terra-Sol, agora que o Telescópio Espacial James Webb se instalou em um deles, o L2, localizado a 1,5 milhão de km da Terra, acompanhando o planeta em seu passeio pelo carrossel solar. Mas outros dois pontos do mesmo tipo, L4 e L5, ficam exatamente na órbita terrestre, a 60 graus do planeta, um adiante e outro atrás.

Eles servem, assim como os demais, como uma espécie de estacionamento natural, onde a gravidade dos dois astros (Sol e Terra, no caso) se contrabalança para estabilizar objetos ali localizados. Vale para naves, como o Webb, e para asteroides, que, quando param por lá, são chamados de troianos.

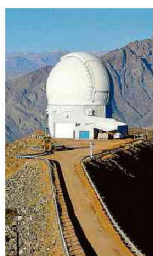
O termo foi originalmente usado para descrever os pedregulhos que ficam nos pontos L4 e L5 do sistema Júpiter-Sol, acompanhando o planeta gigante em sua órbita. Mas em tese qualquer mundo com massa suficiente pode tê-los. Com efeito, há troianos associados a todos os gigantes gasosos e a quase todos os rochosos (só Mercúrio não teve ao menos um objeto desse tipo descoberto).

O primeiro troiano terrestre a ser achado foi o 2010 TK7, detectado, adivinhe, em 2010. O segundo, esmiuçado agora, pintou uma década depois, quando o telescópio Pan-Starrs1, no Havaí, descobriu o 2020 XL5. Mas, por ocasião de sua descoberta, era possível que fosse apenas um asteroide de passagem, não um troiano.

Contudo, uma busca nas imagens de arquivo da DECam, câmera do projeto Dark Energy Survey, revelou a posição do objeto em vários momentos entre 2012 e 2019. Somando-a às novas observações, foi possível determinar a órbita e constatar que de fato ele acompanha a Terra —e assim o fará por pelo menos mais uns 4.000 anos, até ser perturbado gravitacionalmente e pegar outro caminho.

Os dados do Soar em particular permitiram estimar o tamanho e a composição do 2020 XL5. Trata-se de um asteroide tipo C, rico em carbono, e seu diâmetro é dos grandões. Com 1,2 km, ele tem o triplo do tamanho do 2010 TK7. Ambos estão localizados no L4, um ponto lagrangiano que viaja à frente da Terra em sua órbita. No L5, que vem na esteira do trajeto do planeta em torno do Sol, ainda não encontraram nada.

O resultado foi publicado no periódico "Nature Communications" e pode ser só mais um em uma lista: é bem possível que a Terra tenha outros troianos esperando para ser descobertos. Marte, apesar de muito menor, tem pelo menos nove (e possivelmente 14, se contarmos os objetos ainda não listados oficialmente como troianos). Facilita, nesse caso, estar perto de um grande repositório, o cinturão de asteroides.

O observatório Soar, que fica a 2.701 metros de altitude, em Cerro Pachón, no Chile Eduardo Geraque/Folhapress

# Dá para entender?

'Não Falamos do Bruno', música do filme 'Encanto', pega Disney de surpresa e chega ao topo das paradas musicais, com ajuda do TikTok e influenciada pelo teatro musical

**+ DISNEY NAS PARADAS**

**'We Don't Talk About Bruno'**
De 'Encanto', atingiu a primeira posição da Billboard

**'A Whole New World'**
De 'Aladdin', chegou ao primeiro lugar em 1993

**'Can You Feel the Love Tonight'**
De 'O Rei Leão', chegou ao quarto lugar em 1994

**'Colors of the Wind'**
De 'Pocahontas', chegou ao quarto lugar em 1995

**'Let It Go'**
De 'Frozen', chegou ao quinto lugar em 2014

**'Beauty and the Beast'**
De 'A Bela e a Fera', chegou ao nono lugar em 1992

**'Surface Pressure'**
Também de 'Encanto', está em nono lugar

**'Circle of Life'**
De 'O Rei Leão', chegou ao 18º lugar em 1994

**'The Family Madrigal'**
Também de 'Encanto', está em 20º lugar

**'You'll Be in My Heart'**
De 'Tarzan', chegou ao 21º lugar em 1999

**'Go the Distance'**
De 'Hércules', chegou ao 24º lugar em 1997

Detalhe do cartaz da animação da Disney 'Encanto' Divulgação

**Leonardo Sanchez**

SÃO PAULO Lar da família Madrigal, protagonista da animação "Encanto", a Casita é um casarão colorido no meio da selva colombiana e que tem vida própria. Nas entranhas do imóvel, escondido atrás das paredes, um personagem misterioso passeia despercebido —é Bruno, tio com o dom de prever o futuro.

Pouco sabemos dele até que, em determinado ponto, uma canção o apresenta ao público numa mistura dançante de ritmos. "Não Falamos do Bruno", ou "We Don't Talk About Bruno", no original, parece despretensiosa frente a outras canções do musical, como a festiva "Família Madrigal", a edificante "Só um Milagre Pode Me Ajudar" ou a de pegada pop "Dos Oruguitas". Mas, para a surpresa de muita gente, foi ela a que caiu no gosto do público.

Não só isso —a faixa tem quebrado recordes e desbancado artistas do calibre de Adele e Ed Sheeran nas paradas musicais. Na semana passada, "Bruno" chegou à primeira posição da Billboard Hot 100, tabela que classifica as canções mais ouvidas nos Estados Unidos a partir de números de vendas, rádio e streaming.

Há duas semanas, a música também ocupa o primeiro lugar no Reino Unido e figura entre as dez mais ouvidas de Austrália, Canadá e Irlanda. É um sucesso absoluto, que ajudou a puxar a trilha sonora de "Encanto" para o topo da Billboard 200, ranking americano de álbuns com mais plays.

É a primeira vez desde 1993 que uma música original da Disney chega o topo das paradas americanas —na ocasião, "A Whole New World", de "Aladdin", se tornou a mais escutada do país. Nem o sucesso arrebatador de "Frozen" e seu exaustivo "Let It Go" alcançaram tal feito, congelando na quinta posição da lista.

"Bruno" nem mesmo teve um empurrãozinho de vozes célebres, já que é cantada por atores latinos menos conhecidos das novas gerações, entre eles John Leguizamo. Não foi o caso de "Can You Feel the Love Tonight", de Elton John para "O Rei Leão", "Beauty and the Beast", de Celine Dion para "A Bela e a Fera", e "You'll Be in My Heart", de Phil Collins para "Tarzan", que frearam no quarto, nono e 21º lugar da Billboard.

O sucesso pegou até mesmo a Disney de surpresa, já que o estúdio enviou para a consideração dos votantes do Oscar, na categoria de melhor canção original, a faixa "Dos Oruguitas", uma balada que, ao menos na teoria, teria melhor trânsito entre os ouvintes. Meses depois da seleção, sabemos que a escolha foi equivocada, já que "Bruno" teria mais chances tanto de uma indicação, quanto da estatueta.

Continua na pág. C2

# MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Larissa Marques/Divulgação

**Fábio Jr., Cleo Pires e Fiuk estarão juntos pela primeira vez no cinema. Pai e filhos contracenam na comédia policial "Me Tira da Mira", do diretor Hsu Chien, que estreia em 17 de março. "Imagina só o orgulho do papai aqui! Produção da minha filhota [Cleo], elenco incrível, roteiro, direção. E ainda poder contracenar pela primeira vez nós três foi muito lindo! A gente se divertiu, se emocionou", diz o cantor**

## SONORO NÃO

A Sexta Turma do TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região) indeferiu recursos de Baleia Rossi (MDB-SP) e manteve decisão que cancela as concessões outorgadas a duas rádios no interior de São Paulo ligadas ao deputado federal e à família dele.

**VOLTA** O acórdão, publicado no dia 1º, obriga a União a fazer nova licitação para a operação das emissoras Show de Igarapava e AM Show, além de se abster de liberar renovação ou concessão ao parlamentar. Baleia, presidente nacional do MDB, sustenta que não recebeu concessão nem tem mais vínculo com as empresas.

**ORIGEM** A decisão colegiada decorre de ação civil movida pela ONG Intervozes (Coletivo Brasil de Comunicação Social) e pelo Ministério Público Federal em 2015. A Constituição veda a participação de parlamentares no quadro societário de empresas concessionárias de radiodifusão.

**NO TEMPO** O início da tramitação do processo coincidiu com a saída completa de Baleia da lista de sócios das rádios. Via assessoria, ele diz que "nunca recebeu do governo a outorga de nenhuma concessão pública e jamais usou qualquer emissora de rádio para atividade ou propaganda política".

**EM FRENTE** A advogada do deputado, Janaína Freitas, afirma que ele avalia a decisão como "equivocada e injusta" e que entrará com recurso.

**CIDADE...** A Defensoria Pública da União em São Paulo oficiou órgãos da capital e do estado questionando por que pessoas em situação de rua supostamente teriam sido impedidas de participar de comemorações do aniversário da capital, em 25 de janeiro.

**...DE TODOS?** De acordo com a defensora Ana Lúcia Faria de Oliveira, lideranças da população em situação de rua relataram terem sido barradas na missa na Catedral da Sé e em festividades no Pateo do Collegio. As restrições teriam sido impostas por guardas municipais e PMs. Procurados, os órgãos não comentaram.

**FARDA** O Sindpesp (Sindicato dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo) e outras 12 entidades de policiais civis vão protocolar no governo estadual de João Doria (PSDB), nesta terça-feira (8), um documento pedindo diálogo sobre as condições da corporação. O grupo reivindica mais investimento e plano de carreira.

**BOA CAUSA** O fundo da B3 para ações sociais, que financia projetos de educação pública e ações para combater impactos da pandemia, prevê gerenciar R$ 50 milhões neste ano. Os recursos da B3 Social para filantropia em 2021, que ficaram na casa dos R$ 53 milhões, foram usados, por exemplo, na capacitação de professores e de estudantes.

**DEBOCHE** O ator José de Abreu adiou os planos de uma atração de humor e política que seria veiculada na TV PT, o canal virtual do partido. A ideia era que o petista fizesse personagens no programa "The Boche Show", como um apresentador e um candidato. Abreu está morando em Portugal para gravar uma série, o que dificultou o avanço do projeto.

**NÃO DEU** Abreu teve reuniões com o PT para falar do programa, mas sua agenda acabou inviabilizando a ideia por ora.

*

Ele, que está em Lisboa para uma série do canal RTP, também tem convites para outros trabalhos nos próximos meses.

**EVOLUIU** A exposição interativa "Darwin, o Original", sobre Charles Darwin (1809-1882), desembarca no Brasil em março, após ter ficado em cartaz no Museu Nacional de História Natural da França. Ela ficará em cartaz no Sesc Interlagos, em São Paulo, até dezembro, com entrada gratuita.

**COISA NOSSA** A mostra terá um espaço inédito, a sala "Darwin e o Brasil", na qual o público poderá conhecer outras eras geológicas por meio de fósseis e da arqueologia indígena. A seção tem curadoria de Leda Cartum e Sofia Nestrovski.

**SOM** O Teatro de Contêiner Mungunzá vai inaugurar em 12 de fevereiro um estúdio de gravação para artistas do centro de São Paulo. Quatro contêineres serão equipados com mesas de som, microfones e ilha de edição. O coletivo ainda terá um ateliê para ações socioeducativas com crianças.

Joelmir Tavares (interino), com Lígia Mesquita, Bianka Vieira e Manoella Smith

## Dá para entender?

*Continuação da pág. C1*

"A Disney apostou em 'Dos Oruguitas', pôs o Maluma para cantar a versão original, o sertanejo Felipe Araújo no Brasil, mas acabou caindo do cavalo", diz Mariana Elisabetsky, que assina a versão brasileira de "Encanto" e de várias outras animações da Disney. "Se 'Dos Oruguitas' tivesse bombado, a gente talvez nem estivesse falando dela. Como foi 'Bruno' que bombou, não se fala em outra coisa."

Mas como foi que a faixa se tornou um fenômeno musical tão grande? É difícil precisar o motivo, já que nem a Disney conseguiu antecipar seu potencial, mas há várias teorias. Talvez o principal fator, que ajuda a explicar o porquê de as trilhas de "Frozen", "Frozen 2" e "Moana" não terem sido tão escutadas, apesar do sucesso estrondoso na bilheteria, seja o TikTok.

Quando os filmes da rainha de gelo e da heroína polinésia foram lançados, a rede social chinesa ainda não existia ou ainda não havia ganhado tração. Hoje, ela se solidificou como a rede social preferida dos novinhos e uma poderosa ferramenta de marketing.

Não é preciso navegar muito no TikTok para se deparar com alguém reencenando o clipe de "Bruno". Os filtros e efeitos disponíveis na plataforma ajudam a replicar a teatralidade da animação, enquanto a tendência da rede social de abrigar desafios de dança casou bem com a coreografia rápida e divertida feita pelos personagens de "Encanto".

Outro fator de impulsão exclusivo do novo longa é que, ao contrário de animações musicais anteriores, ele chegou à casa das pessoas muito rapidamente, depois de apenas um mês de sua temporada nos cinemas. A estreia no Disney+ permitiu que os espectadores vissem e revissem à exaustão suas cenas preferidas de "Encanto" —e, consequentemente, que as reproduzissem pelas redes sociais afora.

Para além de estratégias de lançamento, no entanto, é importante considerar a parte criativa da coisa. "Encanto" não é uma animação como outras da Disney —ela é a primeira ambientada na América do Sul e tem vários personagens que fogem do "padrão princesa" do estúdio, que são negros e têm cabelos e corpos em diversos formatos.

Isso causa uma identificação no público. Nas últimas semanas, um vídeo de uma criança assistindo ao desenho viralizou na internet brasileira e logo foi parar em canais de notícia no exterior e até no Instagram de Viola Davis —"o poder de ver a si mesmo na história", escreveu a atriz.

Nas imagens, Manu, de três anos, diz "sou eu, mamãe, eu cresci", apontando para a televisão, onde a protagonista Mirabel aparece com sua pele, penteado e óculos semelhantes aos da menina. "Não há nada melhor que você ver a alegria da sua filha em se sentir representada na tela", diz a mãe dela, Hannary Araujo, que conta que Manu não teve reação tão efusiva a outras animações.

No TikTok, vemos que boa parte dos usuários que replicam dancinhas e músicas de "Encanto" também não se enquadram nos padrões estéticos que já reinaram absolutos na sociedade. Tudo isso ajuda a explicar o porquê de a trilha sonora de "Encanto" ter feito sucesso, mas não diz muito sobre o motivo de ter sido especificamente "Bruno" a viralizar, e não qualquer outra faixa.

A resposta para isso Lin-Manuel Miranda, compositor do longa, talvez tenha dado sem ao menos perceber, meses antes do sucesso da faixa, em entrevista a este jornal. Na ocasião, ele contou que para as canções do filme buscou inspiração em ritmos regionais, como bambuco, mapalé, cumbia e joropo, e no "rock do início da carreira da Shakira".

"Eu queria escrever um bolero sobre uma fofoca, foi daí que veio 'Bruno'. Essa é uma música muito teatral, porque há vários solos e de repente todos cantam juntos no final —é puro teatro", afirmou.

De fato, a faixa é muito semelhante a outros números clássicos dos palcos. Elisabetsky, que assinou a versão brasileira e também trabalha no teatro, a compara a músicas responsáveis por fechar ou abrir os diferentes atos dos musicais, como "One Day More", de "Os Miseráveis", e "Tonight (Quintet)", de "Amor, Sublime Amor". Elas se assemelham a "Bruno" por serem impactantes, a fim de pontuar uma parte importante da trama, e também por terem vários personagens cantando todos ao mesmo tempo.

"Isso é como um madrigal, que são obras antigas nas quais havia muitas linhas melódicas que, combinadas, formam uma harmonia. Isso dá uma sensação de prazer para quem está ouvindo, fascina o público", diz ela, sobre as composições polifônicas populares nos períodos barroco e renascentista. Curiosamente, o sobrenome da família protagonista de "Encanto" é justamente Madrigal.

De acordo com um estudo do neurocientista Wolfram Schultz, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, nosso cérebro libera dopamina, neurotransmissor responsável pela sensação de prazer e felicidade, quando antecipa que algo satisfatório está por vir —da mesma forma, as várias vozes de uma canção como "Bruno" geram expectativa para um final catártico. Quando elas se unem e enfim entregam o que prometeram, a faixa se torna memorável.

Não é de hoje que a Disney vem se aproveitando das técnicas do teatro musical para alavancar a popularidade de seus filmes. Com Lin-Manuel Miranda, queridinho do momento e compositor do sucesso teatral "Hamilton", o estúdio reproduz uma lógica que o lançou à sua renascença nos anos 1990.

Na época, uma crise criativa ameaçava o departamento de animação da Disney, até que eles buscaram na Broadway jovens compositores talentosos, que impregnaram seus filmes com a linguagem e o espetáculo do teatro musical, como em "A Pequena Sereia" e "A Bela e a Fera", musicados por Alan Menken e Howard Ashman.

A convergência entre cinema e teatro se provou bem-sucedida, mas foi sendo abandonada aos poucos conforme a década passava —de compositores da Broadway, a Disney começou a convidar astros do pop, até que, na virada do milênio, a fórmula se provou gasta.

A Disney parece passar por outra era de ouro, puxada por musicais como "Frozen" e "Encanto". Para além de conversarem com o público infantil, eles também encantam os mais velhos, aguçando a memória afetiva de papais e mamães que, nos anos 1990, cresceram ao som de "A Bela e a Fera" e companhia.

O resultado é que, agora, todo mundo só fala do Bruno.

Mirabel Madrigal, personagem do filme 'Encanto', em cena da animação Reprodução/Disney

# Nara Leão tem disco de estreia analisado em livro, obra sobre samba e bossa nova

## Volume sobre álbum de 1964 traz bastidores das composições e análise de trabalho subestimado

**Lucas Nobile**

SÃO PAULO De todas as atitudes, realizações e posicionamentos precoces e, digamos, progressistas de Nara Leão — ser feminista, ter e demonstrar consciência social, fazer e estudar psicanálise, dizer publicamente que o Exército não servia "para nada" em plena ditadura militar—, a mais impactante e pioneira de todas permanece sendo o seu primeiro disco.

Quando lançou o inaugural "Nara", em fevereiro de 1964, ela tinha só 22 anos. O álbum histórico, que marcou o que se convencionaria chamar de música popular brasileira, a MPB, tem sua história contada no livro "Nara Leão: Nara - 1964", do jornalista e crítico de música Hugo Sukman.

A obra é mais um volume da série "O Livro do Disco", da editora Cobogó, dirigida por Isabel Diegues, filha de Nara e do cineasta Cacá Diegues.

"Quando a Isabel me convidou, achei que seria um livro muito fácil de fazer. Que ilusão. Acabei mergulhando no disco que é um nó na história, um nó da própria cultura brasileira e de sua relação com a política", diz Sukman, que em 2018 havia escrito a peça "Nara: A Menina Disse Coisas", cujo título foi extraído do poema de Carlos Drummond de Andrade sobre a artista.

Na série "O Canto Livre de Nara Leão", dirigida por Renato Terra e disponível no Globoplay, temos a vantagem de ver e de ouvir Nara cantar, tocar seu violão e, sobretudo, expressar suas ideias e sua maneira de transver o mundo.

Já no livro de Sukman há o privilégio de se aprofundar nas histórias que envolvem um dos discos mais importantes da MPB — com análise musical faixa a faixa, bastidores das composições e das gravações e com contexto cultural e sociopolítico da época.

Ao longo de 224 páginas, contamos mais de cem personagens que participaram direta ou indiretamente da feitura de "Nara".

A despeito do rompimento da artista com a bossa nova, os bossa-novistas estão lá — Tom Jobim, que teve seu primeiro álbum lançado no mesmo dia em que o de Nara; Vinicius de Moraes e Carlos Lyra, autores de "Marcha da Quarta-feira de Cinzas" e de "Maria Moita", composição da peça "Pobre Menina Rica" estrelada por eles e por Nara e escolhida por ela para ser gravada por ser a canção em que a personagem feminina expressa uma mensagem de não subserviência ao homem.

Vinicius volta a aparecer em mais duas composições feitas em parceria com o músico Baden Powell — "Berimbau" e "Consolação", inaugurando a série de afro-sambas, gravados por Nara antes mesmo dos próprios autores.

"Por melhores que sejam os discos da Nara, nenhum tem o impacto deste primeiro. Todas as músicas são clássicos. E acho este disco subestimado em relação ao segundo, o 'Opinião de Nara', que é muito forte, muito direto, mas parece uma refilmagem do primeiro", comenta Sukman.

"A Nara veio antes de tudo, antes de 'Os Afrossambas', de 1966, antes do 'Elizete Sobe o Morro' e do 'Coisas', ambos de 1965", completa o autor.

A cantora Nara Leão, que tem seu álbum inaugural analisado em novo livro Acervo UH/Folhapress

Como se não bastassem as parcerias com Vinicius e com Gianfrancesco Guarnieri — "O Morro (Feio Não É Bonito)" —, Carlos Lyra teve papel fundamental no álbum de estreia de Nara Leão. Afinal, foi ele quem, com seu gravador Geloso, registrou sambas dos chamados compositores do morro e os apresentou a Nara para que ela viesse a fazer aquilo que chamou de "reportagem musical".

Entre esses autores cujas obras acabaram indo parar no disco de Nara, estão Zé Kéti, com "Diz que Fui por Aí", em parceria com Hortêncio Rocha, Cartola e Elton Medeiros, com "O Sol Nascerá", e Nelson Cavaquinho, com "Luz Negra".

Além do jovem Edu Lobo e de Ruy Guerra, autores de "Canção da Terra" e de "Réquiem para um Amor", do produtor e diretor Aloysio de Oliveira — criador da gravadora Elenco, com destaque para as capas criadas por Cesar Villela e Chico Pereira—, do arranjador Lindolfo Gaya e do compositor e maestro Moacir Santos — autor de "Nanã", gravada por Nara e que figurara na trilha de "Ganga Zumba", de Cacá Diegues—, Sukman entrelaça com fluidez um sem-fim de personagens que gravitaram em torno de "Nara".

São nomes ligados ao Centro Popular de Cultura, o CPC, e à União Nacional dos Estudantes, a UNE, ao cinema novo e ao Zicartola.

"O livro tem uma narrativa meio elíptica. Não queria dar a impressão de que é uma história linear. É um grupo de pessoas que não por acaso se esbarram o tempo todo. A Nara é resultante de uma série de coisas anteriores, de uma linhagem da cultura brasileira que vai desembocar ali naquele disco", diz Sukman.

**Nara Leão: Nara - 1964**

Autor: Hugo Sukman. Ed.: Cobogó. R$ 49,50 (224 págs.). Disponível a partir de 14 de fevereiro

# Marisa Monte mostra por que seu show é o mais esperado da MPB

**MÚSICA**

**Marisa Monte - Portas**

★★★★★

Espaço das Américas - r. Tagipuru, 795, Barra Funda. Sex. (11) e sáb. (12). Ingr.: R$ 140 a R$ 680

**Thales de Menezes**

Marisa Monte estreia um show dez anos depois de sua última turnê. Nesse intervalo, ela viajou com os Tribalistas em suas apresentações por estádios, que se seguiram ao lançamento do segundo álbum do trio, em 2017. Agora, é Marisa de novo como estrela única, acompanhada por uma banda notável. Num show longo, de duas horas, ela reafirma sua forte conexão com os fãs. São devotos da cantora, que só sentem sua fé aumentar depois de uma noite arrebatadora.

Marisa decide cada passo que dá na carreira e dificilmente ela erra. Agora, a aposta é mostrar ao público boa parte do álbum "Portas", lançado no ano passado e produzido sob as exigências protocolares da pandemia. Talvez o disco mais pop que ela gravou, trouxe canções que sinalizavam potencial para crescer ainda mais no palco.

Das 32 canções apresentadas, 11 delas estão em "Portas". E praticamente todas confirmam sua vocação de momentos vibrantes quando mostradas ao vivo. A aprovação dos 3.000 fãs que lotaram a casa paulistana Espaço das Américas na sexta-feira, na estreia nacional da turnê, estava estampada no rosto de todos na saída, aguardando felizes seus carros de aplicativo.

"Portas", que abre o show, é uma delas, mas o frisson que toma a plateia poderia ser creditado à emoção do reencontro do público com sua diva depois de tanto tempo. Outra das novas, "A Língua dos Animais", é a quinta do setlist e, mesmo com os fãs mais calmos, levanta todo mundo. Divertida, quase uma canção infantil, é dessas músicas que ganham força no refrão.

A aceitação da nova leva gravada por Marisa fica evidente quando o público canta junto do primeiro ao último verso de cada letra. Seus seguidores fizeram a lição de casa antes do reencontro. E, se as novidades soam assim tão familiares, os hits antigos que encorpam o repertório da noite chegam como catarse pelas mesas na plateia.

Marisa não deixou nenhum de seus álbuns ausente. Há, inclusive, uma boa oferta de lembranças de seu disco de estreia, de 1989, o gravado ao vivo "MM", que contribui com quatro números no show. Entre eles, duas versões muito diferentes de canções bem conhecidas, a titânica "Comida" e "Bem que Se Quis", esta cantada de uma maneira que surpreenderá os fãs.

Sucessos dos Tribalistas surgem para desafiar os mais animados a dançarem nos espaços estreitos entre as mesas.

Três canções extraídas de "Portas" são parcerias com Chico Brown, que figura na banda de Marisa tocando teclados, guitarra e baixo. São elas a já sucesso "Calma" e outras duas peças de pop quase irretocáveis, "Quanto Tempo" e "Déjà Vu". Apresentado à plateia como "meu sobrinho" pela cantora, o filho de Carlinhos Brown demonstra talento e empolgação. Quando uma de suas parcerias com a "tia" acaba de ser tocada, o cantor e compositor de 23 anos vibra com um sorriso aberto, em comemoração sincera.

A cantora Marisa Monte durante o show de estreia de sua turnê 'Portas' Leo Aversa/Divulgação

O clima de família transborda no palco. Marisa desde sempre teve liberdade de gravar o que quisesse e comandar todos os passos da carreira, então a escolha de parceiros de palco também deixa claro que está cercada de músicos queridos. A banda afiadíssima tem a guitarra de Davi Moraes e o baixo de Dadi, dois companheiros dela há muitos anos. Na cozinha, o percussionista Pretinho da Serrinha e o baterista Pupillo são comparsas musicais mais recentes, mas a intimidade com a cantora é clara.

O poderoso trio de metais é uma atração à parte, principalmente quando Antonio Neves põe seu trombone para conversar com a voz forte de Marisa, em momentos irresistíveis. Eduardo Santanna, trompete e flugelhorn, e Lessa, sax e flauta, completam a trinca de virtuosos.

Davi Moraes, Dadi e Chico Brown ganham boas brechas para exibir sua técnica. Mas talvez a intervenção mais interessante entre os músicos tenha caído nas mãos de Pretinho da Serrinha. A portelense Marisa conta que o percussionista, mesmo sendo Império Serrano, a convidou para escrever em parceria um samba para a Portela. "Elegante Amanhecer", que também está no disco novo, é um instante cativante no palco, com Marisa cantando ao som do cavaquinho de Pretinho, a musa sambando sob gritos do público.

Assim, entre momentos novos para sua galeria de grandes performances e a consagração de seus clássicos, Marisa Monte justifica, mais uma vez, por que seus shows são os mais aguardados da MPB. Podem demorar o quanto for.

# ‘Além da Ilusão’ quer ser ‘novela sem medo de ser novela’ na Globo

## Trama super-romântica estreia hoje com Larissa Manoela e Rafael Vitti e se passa nas décadas de 1930 e 1940

**Vitor Moreno**

SÃO PAULO No afã de conquistar um público mais jovem, as novelas têm apostado em narrativas mais serializadas, que as distanciam do aspecto mais folhetinesco consagrado no Brasil. Não vai ser assim com "Além da Ilusão", que estreia nesta segunda-feira na faixa das 18h da Globo.

Segundo o diretor artístico Luiz Henrique Rios, a trama, que tem como principal tema o amor romântico, é a do folhetim clássico. "Sempre digo que a Alê [Alessandra Poggi, autora] faz uma novela sem medo de ser novela. É uma novela que quer ser novela."

Não que a forma como a história é contada não tenha atualizações. "Ela não imagina o clichê como algo repetido e velho, mas inconsciente e próximo. Tem uma interpretação moderna do passado."

Poggi faz sua estreia como autora principal de uma novela. Antes, dividiu com Ângela Chaves os créditos de "Os Dias Eram Assim", de 2017, uma minissérie, e colaborou com Miguel Falabella em "Pé na Cova", de 2013 a 2016, e "Sexo e as Negas", de 2014, entre outros.

"Sou espectadora de novelas há anos", ela diz. A autora se inspira em outras histórias, mas não sabe "de onde saiu o que". "O ponto de partida foi um livro sobre os cem anos da Fábrica de Tecidos Bangu, que contava como uma fazenda de algodão se transformou em uma fábrica e depois em um bairro."

A industrialização é o pano de fundo de uma história de amor cheia de reviravoltas. Começa nos anos 1930, quando a jovem Elisa, vivida por Larissa Manoela, sua estreia na Globo, conhece o mágico de rua Davi, papel de Rafael Vitti. Eles se apaixonam, mas a relação não é aprovada pelo pai dela, o juiz Matias Tapajós, vivido por Antonio Calloni.

"Elisa é uma filha muito querida pelo pai, que até então é a figura masculina que ela tem dentro de casa e o amor de sua vida", diz Manoela. "Ele acaba ficando descontrolado e vai ter bastante conflito, porque ela não vai compreender a reação dele — a pessoa que sempre atendeu seus pedidos."

Na tentativa de afastar o casal, o magistrado acaba sendo responsável pela morte da filha. Ele consegue pôr a culpa em Davi, que passa dez anos preso, até fugir e tomar a identidade de outra pessoa — aí, a novela salta até os anos 1940.

"Pelo que indica o comportamento do Matias, ele sempre foi um juiz correto, justo e ético", diz Antonio Calloni. "A partir dessa tragédia, ele perde a razão. O Matias não tem o hábito de cometer crimes, mas vira um criminoso. Isso é fundamental para a compreensão do personagem, que é fascinante, com muitas camadas."

Ao sair da prisão, sem saber, Davi vai trabalhar na fábrica comandada por Violeta, papel de Malu Galli, mãe de sua amada morta. Lá, encontra Isadora, irmã de Elisa — também vivida por Manoela—, com quem tem uma semelhança física impressionante.

"Deve ser bem difícil para o Davi", diz Rafael Vitti. "Ele se depara com essa menina, que conheceu criança e está parecida com a irmã. Isso gera uma confusão mental. No começo, ele não queria se envolver, mas ninguém manda no coração."

Poggi decidiu centrar a ação nos anos 1930 e 1940 por ser um período rico na história do país. "Teve o fim da era Vargas, os movimentos feministas começaram a crescer. Muita coisa aconteceu. Usamos esse universo, mas não é a intenção fazer um documentário."

O diretor artístico diz que "o tempo não é limitante". "É um registro colorido, um passado mais encantador. Quisemos um passado livre, próximo do presente. Diria que é uma fábula temporal."

Isso explica uma trilha sonora que não corresponde ao período retratado, com músicas regravadas em outra roupagem — o que remete a uma das referências da novela, a série "Bridgerton", da Netflix.

Mas não é só na trilha que passado e presente conversam. Na trama, Violeta é uma "mulher à frente do tempo". Feminista, tenta passar seus ideais para as filhas Isadora e Elisa.

Ela comanda a tecelagem fundada na antiga fazenda da família tendo como sócio Eugênio, papel de Marcello Novaes, com quem tem um romance, ainda que esteja casada.

"A Violeta condensa lutas da mulher no mercado de trabalho", diz Malu Galli. "Eles brigam porque são sócios, e ela considera que isso tem que ser em igualdade. Mas não é o que acontece, porque o homem tem sempre aquela coisa de querer falar primeiro."

Marcello Novaes diz que a trama aborda preconceitos "que ainda existem hoje". "A Violeta ensina muito ao Eugênio porque, apesar desse lado machista, ele sempre a escuta."

**Além da Ilusão**
Brasil, 2022. Estreia nesta segunda (7), às 18h, na TV Globo. Autor: Alessandra Poggi. Com: Antonio Calloni, Bárbara Paz, Larissa Manoela, Malu Galli, Rafael Vitti

Larissa Manoela, como Elisa, e Rafael Vitti, como Davi, em 'Além de Ilusão' Globo/Divulgação

# ‘Nos Tempos do Imperador’ foi boa novela, apesar dos percalços

**OPINIÃO**

**Tony Goes**

Exibida em 2017 pela Globo, "Novo Mundo" foi um marco na faixa das 18h. A novela de Thereza Falcão e Alessandro Marson transformou o processo de independência do Brasil numa aventura para adolescentes, repleta de índios, piratas e bandidos. Mas também recriou momentos cruciais da nossa história, como o grito do Ipiranga.

Dado o sucesso de público e crítica, era inevitável que os autores pensassem numa continuação. A Globo aprovou rápido a sinopse de "Nos Tempos do Imperador", centrada no reinado de dom Pedro 2º. A estreia foi marcada para 2019.

O primeiro adiamento veio quando a emissora passou na frente o remake de "Éramos Seis". "Nos Tempos do Imperador" ganhou nova data, 30 de março de 2020. Mas, duas semanas antes, veio a pandemia, e tudo foi cancelado.

A novela só retomou as gravações no fim daquele ano, e em ritmo lento, cumprindo os protocolos. A estreia só aconteceu em agosto de 2021, com quase todos os capítulos já gravados.

Os atrasos serviram para a produção se esmerar e os atores aperfeiçoarem as interpretações. Mas o número de figurantes foi reduzido, diminuindo o impacto das cenas de batalha. Beijos também foram poucos.

Só que este não foi o maior problema de "Nos Tempos do Imperador". O período coberto pela novela abrange toda a Guerra do Paraguai, mas não chega a dois eventos definidores — a abolição da escravatura, em 1888, e a proclamação da República, no ano seguinte. Sem isso, a trama teve de se concentrar em pequenos acontecimentos do cotidiano.

Mesmo assim, mostrou coisas fascinantes, todas com respaldo histórico. Como a Pequena África, bairro erguido por negros libertos no centro do Rio de Janeiro. Ou a disputa entre as princesas Isabel e Leopoldina por seus noivos.

Mas a novela também tomou muitas liberdades históricas — a maioria em prol de uma melhor dramatização. A residência imperial, o Palácio da Boa Vista, parece não ter porta — qualquer um entra. Também é duvidoso que os monarcas Pedro e Teresa Cristina tivessem tantos amigos negros, por mais abolicionistas que fossem — e mesmo quanto a isso há controvérsias.

Como qualquer produção de época, "Nos Tempos do Imperador" precisou dialogar com os dias de hoje. Acabou o tempo em que atores negros só faziam papéis de cativos submissos em tramas do século 19. A novela teve uma única escravizada de destaque — Lupita, vivida por Roberta Rodrigues. Todos os demais personagens negros eram alforriados ou nunca haviam sido escravos.

O empoderamento feminino também esteve ali. Pilar, papel de Gabriela Medvedovski, se formou como primeira médica brasileira, décadas antes de sua equivalente real. Zaila, vivida por Heslaine Vieira, e Justina, interpretada por Cinara Leal, não precisaram de um homem para escapar de traficantes de mulheres. Até a imperatriz Teresa Cristina, tida por historiadores como passiva e carola, ganhou altivez na pele de Letícia Sabatella.

Sem falar no relacionamento lésbico entre Vitória, papel de Maria Clara Gueiros, e Clemência, vivida por Dani Barros, quase à luz do dia. Algo impensável para a época.

Mas isso não prejudicou o andamento da trama. A novela abriu uma janela para um passado relativamente recente, apesar de pouco conhecido.

Também rendeu ótimos papéis. Selton Mello brilhou em fogo baixo como um Pedro 2º comedido, de poucos arroubos. Alexandre Nero destilou maldade como Tonico, mistura de vilão de desenho animado com o presidente Jair Bolsonaro. Paula Cohen teve seu momento de maior destaque na carreira como a arrivista Lota — figura cômica que precisou vestir cores trágicas. Foi um desafio que a atriz tirou de letra.

Pena que, com tantas qualidades, "Nos Tempos do Imperador" amargue o título de novela de menor audiência de seu horário. As causas podem ser muitas. Além da falta de um evento histórico definidor, a trama foi quase toda gravada antes da estreia, o que impediu correções de rumo necessárias a qualquer novela.

Alessandro Marson e Thereza Falcão têm o plano de fazer um terceiro folhetim, protagonizado pela princesa Isabel. Com os resultados de "Nos Tempos do Imperador", é improvável que a ideia se materialize. Mas vou ficar na torcida.

Personagens de Maicon Rodrigues e Cinara Leal em 'Nos Tempos do Imperador' Globo/Divulgação

# *Nove e meia semanas de ZZZ*

Uma história proibida de amor, volúpia e boletos em cota única

**Bia Braune**

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

*Maria Luísa estava decidida: ia terminar aquele relacionamento. Só faltava escolher o momento certo —talvez quando Arnaldo, religiosamente voltado para o Itaim Bibi, cumprisse seu lento ritual de descalçar os sapatênis.*

*Havia ali toda uma rotina de luxúria e devassidão. Por entre beijos sôfregos e lascivos, ela arrancava sensualmente a própria blusa, enquanto ele procurava uma cadeira para deixar a calça bem esticada.*

*"Arnaldo, preciso te dizer uma coisa." "Peraí, um minuto", ele respondeu, como controle do ar-condicionado na mão, tentando ajustar a temperatura exata. "Vinte e três graus é o recomendado em lugares fechados".*

*"Acabou, Arnaldo." Pronto, formou-se o climão. "Como assim, Maria Luísa? Você não me ama mais? Você tem outro?" "Arnaldo, você já é o outro."*

*Se existe um axioma supremo, uma regra de ouro para todos os casos extraconjugais, é que amante não pode ser mais chato do que marido. Tanto que Maria Luísa nutria anseios específicos no tocante ao adultério. Queria as emoções fortes de uma Madame Bovary, uma Anna Karênina, um Arthur Aguiar. Contudo, achava Arnaldo sexy e tinha um certo fetiche pelo seu jeitinho de pingar colírio antes da pegação. Pedia para o amante lhe dizer coisas excitantes ao pé do ouvido, ainda que ele saísse sempre com a tabela do Brasileirão ou do IPVA para carros com placa final dois.*

*A crise não tardou. Maria Luísa até sugeriu que eles comprassem um brinquedinho para esquentar a relação, mas Arnaldo apareceu com uma iogurteira. Na promo, ela vinha com um acendedor de fogão inteiramente grátis.*

*"Já deu, vou indo nessa", disse enfim Maria Luísa, abotoando a blusa. Ao contornar a cadeira onde estava a calça, Arnaldo apelou para todos os argumentos possíveis. Lágrimas brotavam de seus olhos. E não eram de colírio.*

*"Quando seu Windows dá pau, quem reinstala? Mês passado você precisou ir ao dentista e fui eu que marquei a consulta! Sou a única pessoa que ouve os áudios da sua mãe na velocidade normal e resume o que ela quer." Maria Luísa olhou para ele, enternecida. "Verdade. Isso é tão, chato que nem meu marido faz." Arnaldo sorriu esperançoso, mas ela tratou de pegar a bolsa.*

*"Vai embora mesmo?" Foi quando a amante tirou uns papéis ali de dentro e tacou todos na cara dele. "Toma! São minhas contas. Cadastra em débito automático!" Loucos de tesão, os dois se agarraram até que Arnaldo interrompeu rapidinho, só para ter certeza. "Depois posso fazer seu imposto de renda antecipado?"*

*E se amaram a tarde toda.*

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

# É HOJE EM CASA

**Tony Goes**

tonygoes@uol.com.br

## Personagem de Tom Cruise ganha seriado, mas com outro ator agora

**Reacher**

Amazon Prime Video, 16 anos

Um militar aposentado é preso por um crime que ele não cometeu. Enredado numa grande conspiração, ele precisa usar toda a sua inteligência e habilidade para se salvar. Surgido nos best-sellers de Lee Child, o personagem Jack Reacher já foi encarnado por Tom Cruise em dois filmes. Na televisão, o papel coube a Alan Ritchson, que fazia o Aquaman na série "Smallville".

**Pra Onde Levam as Ondas**

Para compra ou aluguel em diversas plataformas

Premiado em festivais, o longa de estreia de Dan Albuk conta a história de um agente funerário e aspirante a fotógrafo que se apaixona pela vizinha.

**Angela Black**

Globoplay, 16 anos

Uma mulher não sabe como escapar de seu casamento abusivo. Até que ela conhece um investigador, que revela a ela segredos do marido. Minissérie britânica com Joanne Froggatt, de "Downton Abbey".

**Desejo Sombrio**

Netflix, 16 anos

Abalada pelas consequências de seu caso extraconjugal, uma mulher se separa do marido, mas uma nova reviravolta a aguarda. A segunda temporada desta série mexicana estrelada por Maite Perroni é um dos programas mais vistos da plataforma.

**Sagrado Seja o Caos**

YouTube das Oficinas Culturais de São Paulo, 19h

A Dentre Nós Cia. de Dança apresenta espetáculo online e gratuito nesta segunda e terça, seguido por bate-papo com o público pelo Zoom.

**Roda Viva**

Cultura, 22h, livre

O colunista da **Folha** e escritor Ruy Castro é o entrevistado da semana. Entre outros assuntos, ele defende que a Semana de Arte Moderna de 1922 não foi tão revolucionária assim, e que só teve repercussão em São Paulo.

**Segurança em Risco**

Globo, 23h55, 16 anos

Um ex-militar vai trabalhar como guarda-noturno em um shopping. Logo em sua primeira noite, ele protege uma jovem que está sendo perseguida por um bando de mercenários. Com Antonio Banderas e Ben Kingsley.

## QUADRINHOS

**Piratas do Tietê** *Laerte*

**Daiquiri** *Caco Galhardo*

**Níquel Náusea** *Fernando Gonsales*

**A Vida Como Ela Yeah** *Adão Iturrusgarai*

**Não Há Nada Acontecendo** *André Dahmer*

**Viver Dói** *Fabiane Langona*

**Péssimas Influências** *Estela May*

## SUDOKU

texto.art.br/fsp

**FÁCIL**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | 5 | 8 | 4 | | 7 |
| 6 | 7 | | | 9 | | | | |
| | 8 | 3 | | | 6 | 2 | | |
| 8 | 1 | | | | | 6 | | 9 |
| | | | | | | | | |
| 4 | | 6 | | | | | 7 | 3 |
| | | 8 | 5 | | | 9 | 1 | |
| | | | | 8 | | | 2 | 4 |
| 9 | | 1 | 6 | 4 | | | | |

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 9 | 2 | 3 | 5 | 8 | 4 | 6 | 7 |
| 6 | 7 | 4 | 2 | 9 | 1 | 3 | 8 | 5 |
| 5 | 8 | 3 | 4 | 7 | 6 | 2 | 9 | 1 |
| 8 | 1 | 5 | 7 | 2 | 3 | 6 | 4 | 9 |
| 7 | 3 | 9 | 8 | 6 | 4 | 1 | 5 | 2 |
| 4 | 2 | 6 | 9 | 1 | 5 | 8 | 7 | 3 |
| 2 | 4 | 8 | 5 | 3 | 7 | 9 | 1 | 6 |
| 3 | 6 | 7 | 1 | 8 | 9 | 5 | 2 | 4 |
| 9 | 5 | 1 | 6 | 4 | 2 | 7 | 3 | 8 |

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**

**1.** O inseto criado pelo apicultor / Danilo Caymmi, músico **2.** Jazida em exploração pelo homem / Porcentagem de uma substância numa mistura **3.** (Red.) Formação acadêmica oferecida depois da graduação / O cantor e compositor de pop rock Reis **4.** Relativo ao aspecto moral / O humorista Cavalcante **5.** Fluxo nasal produzido por resfriado ou infecção **6.** Aguçar (um lápis) **7.** A UF onde está localizado o DF / Menos dura do que o normal **8.** Grave forma de conjuntivite **9.** Observado, espreitado / Um dos quatro grupos sanguíneos **10.** Aquela a quem se corteja **11.** Produzir ou fazer um buraco, uma abertura em / (Fut.) Meta, baliza **12.** Composto usado como solvente, antisséptico e, antigamente, como anestésico / Vaso em que arde o fogo olímpico **13.** A roda de pedra que afia lâminas / Compartilhar, tomar parte.

**VERTICAIS**

**1.** O volume da corrente elétrica / 100 **2.** Conjunto de seres de patrimônio genético quase idêntico / Hereditário **3.** O segundo E do ENEM / Cada uma das barras que constituem o arco dos campos de futebol e de outros jogos **4.** A nota entre o sol e o si / Corrente oposta ao fluxo marinho ordinário **5.** Orientador, guia **6.** Resumo de uma reunião / Ódio profundo, não expresso / A platina, para os químicos **7.** Sepultamento / Não ficar inativo **8.** (Inf.) Feridinha, doença / Diz-se de atleta não profissional (fem.) **9.** Cobrir com o elemento químico de símbolo Cr / Tumultuar, alterar a espiritual serenidade de alguém.

**HORIZONTAIS: 1.** Abelha, DC, **2.** Mina, Teor, **3.** Pós, Nando, **4.** Ético, Tom, **5.** Rinorreia, **6.** Apontar, **7.** GO, Tenra, **8.** Tracoma, **9.** Mirado, AB, **10.** Namorada, **11.** Cavar, Gol, **12.** Éter, Pira, **13.** Mó, Entrar. **VERTICAIS: 1.** Amperagem, Cem, **2.** Biótipo, Inato, **3.** Ensino, Trave, **4.** Lá, Contramaré, **5.** Norteador, **6.** Ata, Rancor, Pt, **7.** Enterro, Agir, **8.** Dodói, Amadora, **9.** Cromar, Abalar.

Ricardo Cammarota

# Aniquilar

Obra de Michel Houellebecq é um dos melhores painéis do Ocidente decadente

**Luiz Felipe Pondé**

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

O novo livro do escritor francês Michel Houellebecq, "Anéantir" —aniquilar ou nadificar—, é um esboço da condição contemporânea.

Do terrorismo disseminado de forma global e digital, sem identidade ideológica evidente, da inutilidade dos especialistas em segurança nacional, da "marketização" absoluta da política, da canalhice vaidosa da mídia, dos caprichos alimentares, dos "espaços para legumes" nos parques ao sofrimento dos indivíduos cada vez mais isolados numa sociedade à deriva, ainda que tomada pela expectativa do amor como possibilidade, "Anéantir" é um tratado sobre o outono da máquina social moderna.

Como diz o sociólogo alemão marxista Wolfgang Streeck, a obra de Houellebecq é um dos melhores painéis do Ocidente capitalista decadente sem horizontes utópicos à mão. Insuperável no diagnóstico da ontologia banal do contemporâneo, sua obra mostra como o humanismo secular fracassou maravilhosamente.

Aliás, como disse o filósofo alemão, Peter Sloterdijk, numa entrevista para esta **Folha** no ano 2000, o Ocidente é uma autoestrada em aceleração em direção ao nada.

"Anéantir" é um verbo em francês que carrega no seu radical a palavra "néant", que significa nada. Sim, há um estremecimento ontológico, além de sociológico, na obra de Houellebecq. O nada no romance é polissêmico, como é na filosofia sempre. Pode-se repousar no nada místico, como se desesperar no nada das coisas, das pessoas e suas vidas.

Como toda cosmologia melancólica, sua obra olha o mundo ali onde ele fracassa. No caso específico de "Anéantir", a entrada da morte individual destrói qualquer valor ou significado do cotidiano dos vivos. Daí nasce o caráter peculiar desta obra para com a evolução do roteiro: o que fica de pé diante do nada com nome próprio?

Sem ideologias que sirvam de justificativa para não constatar o impasse em que vivemos depois de tanto bláblá-blá ideológico, o iconoclasta francês avança com sua fúria peculiar contra o ridículo do vazio existencial e político contemporâneo e sua ontologia do desejo livre para nada.

O termo "anéantir", e seu substantivo "anéantissement" —aniquilamento ou nadificação—, entrou definitivamente para a terminologia filosófica e teológica francesa no século 14 pelas mãos da mística cristã, queimada como herege em Paris em 1310, Marguerite Porete, autora do livro "Le Miroir des Âmes Simples", traduzido em português como "O Espelho das Almas Simples".

Marguerite Porete era originária da mesma região —ao redor da comuna medieval de Valenciennes, no norte da França— onde vive a mística Cécile, uma das personagens do núcleo de protagonistas do enredo cujo sobrenome familiar é Raison —razão.

A erudição filosófica e teológica de Houellebecq salta aos olhos de quem conhece o pensamento francês no seu viés pessimista histórico. Um fato que fica claro nas obras do autor é como os ditos progressistas de hoje mentem mais do que os ditos conservadores. Essa economia da mentira no pensamento público já fora identificada pelo filósofo inglês John Gray, autor do livro "Straw Dogs" traduzido em português como "Cachorros de Palha". A presença sombria, neste último romance, do pensador Joseph de Maistre, que viveu entre os séculos 18 e 19, reforça a filiação anti-humanista de Houellebecq.

Para o autor, o humanismo racionalista é um fracasso como vínculo social e moral. A obra coletiva, organizada por Caroline Julliot e Agathe Novak-Lechevalier, lançada em 2022, joga uma luz importante para quem quer ler Houellebecq para além do óbvio.

"Misère de l'Homme sans Dieu, Michel Houellebecq et la Question de la Foi" —miséria do homem sem Deus, Michel Houellebecq e a questão da fé— discute a fundo os elementos espirituais na obra do autor.

A cosmovisão do autor é uma descendente direta do pensamento do filósofo Blaise Pascal do século 17. São várias as citações do filósofo neste último romance, aliás. Para além das análises cruéis acerca dos impasses sociais contemporâneos, Houellebecq é um pensador atento ao que poderíamos chamar uma teologia da saudade do amor e de Deus.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER. João Pereira Coutinho** | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

A algumas centenas de metros da fronteira iraniana, migrantes afegãos se escondem em vala, aguardando o aval de coiotes para prosseguir com a viagem Kiana Hayeri - 19.nov.21/The New York Times

# Mais de 1 milhão de afegãos saíram do país desde o regresso do Talibã

## Europa teme nova crise migratória em meio a colapso agravado pela ajuda internacional escassa

**MUNDO**

**Christina Goldbaum e Yaqoob Akbary**

ZARANJ | THE NEW YORK TIMES De seu esconderijo numa ravina no deserto, sob o ar frio, os migrantes avistavam as luzes brancas da fronteira iraniana no horizonte. Muitos haviam gasto as últimas economias com comida e juntado dinheiro de parentes na esperança de escapar da derrocada econômica do Afeganistão.

Agora, olhando para a fronteira, enxergavam a tábua de salvação: trabalho, dinheiro, comida todos os dias.

"Não existe outra opção para mim. Não posso voltar", diz Najaf Akhlaqi, 26, enquanto coiotes vasculham a paisagem enluarada à procura de patrulhas do Talibã. Ele se põe de pé rapidamente quando ouve os gritos de alerta para o grupo sair correndo.

Desde que os Estados Unidos retiraram suas tropas e o Talibã assumiu o poder, o Afeganistão mergulhou numa crise econômica que levou ao limite milhões de pessoas que já sobreviviam com muita dificuldade.

As fontes de renda desapareceram, a fome absoluta se espalhou e a ajuda externa não consegue chegar devido às sanções impostas pelo Ocidente aos líderes do grupo fundamentalista.

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, disse no mês passado que mais de metade da população enfrenta "níveis extremos" de fome. "A vida diária dos afegãos virou um inferno congelado", afirmou ele.

Sem alívio em vista para o futuro próximo, centenas de milhares de pessoas já fugiram para países vizinhos.

Segundo pesquisadores de migrações, entre outubro do ano passado e o fim de janeiro, mais de 1 milhão de afegãos apenas do sudoeste do país partiram por uma das duas principais rotas de migração para o Irã.

Organizações humanitárias estimam que entre 4.000 e 5.000 pessoas estejam entrando no país persa a cada dia. Estimativas são de que o Afeganistão tenha cerca de 38 milhões de habitantes.

Muitos optam por partir devido à crise econômica imediata, mas a urgência é agravada pela perspectiva de um governo de longo prazo do Talibã, que inclui restrições impostas às mulheres e o medo de represálias.

"Estamos vendo um aumento exponencial no número de pessoas que deixam o Afeganistão por essa rota, ainda mais considerando como a viagem é árdua nos meses do inverno", diz David Mansfield, que estuda a migração afegã.

Ele estima que até quatro vezes mais afegãos deixaram o país rumo ao Paquistão e ao Irã por dia no mês passado, em comparação com janeiro de 2021, antes da tomada de poder do Talibã.

O êxodo assusta muitos em toda a região e na Europa, onde políticos temem uma repetição da crise dos migrantes de 2015. Nela, mais de 1 milhão de pessoas, em sua maioria sírias, fugindo da guerra civil que assola o país, buscaram asilo, provocando reação popular negativa.

Muitos temem que uma enxurrada de afegãos chegue às fronteiras da União Europeia na primavera, quando a temperatura fica mais amena e a travessia de rotas nevadas, mais fácil.

No outono passado, deter-

> Não quero deixar meu país, mas não tenho outra escolha. Não haverá futuro aqui
>
> **Abdul**
> um dos afegãos em fuga do país

> Estamos vendo um aumento exponencial no número de pessoas que deixam o Afeganistão por essa rota, ainda mais considerando como a viagem é árdua nos meses do inverno
>
> **David Mansfield**
> estudioso da migração afegã

minada a conter os migrantes na região, a UE prometeu mais de US$ 1 bilhão em ajuda humanitária ao Afeganistão e a vizinhos que abrigam refugiados afegãos.

"Precisamos de novos acordos e compromissos para poder dar assistência a uma população civil extremamente vulnerável", disse o premiê da Noruega, Jonas Gahr Store, em declaração à reunião do Conselho de Segurança da ONU no mês passado.

"Temos que fazer todo o possível para evitar outra crise migratória e outra fonte de instabilidade na região e fora dela", afirmou ele.

Mas doadores ocidentais ainda não resolveram uma questão complicada: como cumprir suas obrigações humanitárias para com os cidadãos afegãos sem fortalecer o novo governo do Talibã?

Nos últimos meses, líderes do grupo apelaram a autoridades ocidentais para reduzir o arrocho sobre a economia afegã, fazendo promessas sobre educação para meninas e atendendo a outras condições impostas pela comunidade internacional.

Com o agravamento da situação humanitária, os EUA anunciaram exceções a sanções e no mês passado prometeram mais US$ 308 milhões em assistência, elevando o total de ajuda do país a US$ 782 milhões desde outubro.

Mas, segundo analistas, há limites ao que a ajuda externa pode fazer em um país em colapso. Os afegãos que precisam desesperadamente de trabalho provavelmente vão continuar a procurá-lo fora de seu país natal.

Agachado no meio do grupo no deserto, Akhlaqi preparou-se para uma corrida desesperada: 1,5 quilômetro de trincheiras de terra revolvida, um muro com 4,5 metros de altura, coroado por arame farpado, e uma área extensa de vegetação rasteira cheia de forças de segurança iranianas. Ele contou ter atravessado a fronteira 19 vezes nos últimos 30 dias. A cada vez foi detido e enviado para o lado afegão.

Policial sob o governo anterior, Akhlaqi escondeu-se em casas de parentes por medo de represálias do Talibã. Quando as parcas economias secaram, ele começou a ir de cidade em cidade em busca de um trabalho novo, sem sucesso.

Assim, em novembro, procurou coiotes na província de Nimruz para chegar ao Irã. "Tenho medo dos guardas de fronteira, mas aqui eu não posso ficar", diz ele.

Mesmo antes da tomada do poder pelo Talibã, os afegãos já eram responsáveis pelo segundo maior número de pedidos de asilo na Europa, atrás da Síria, e por um dos maiores contingentes de refugiados e candidatos a asilo em todo o mundo, de cerca de 3 milhões de pessoas, a maioria vivendo no Irã e no Paquistão.

Muitos escaparam passando por Nimruz, canto remoto do sudoeste do Afeganistão que há décadas é um paraíso de coiotes e traficantes. Em sua capital, Zaranj, afegãos de todo o país lotam hotéis na avenida principal e se reúnem em volta de barraquinhas de kebab, falando sobre a viagem que têm pela frente.

Aguardando em fila para subir numa picape, Abdul, 25, chegara no dia anterior de Kunduz, cidade do norte do Afeganistão que é um centro comercial e foi devastada nos combates do verão passado durante a ofensiva do Talibã.

Depois da tomada do poder pelo grupo, as pessoas passaram a guardar o pouco dinheiro que tinham, e a loja de Abdul ficou vazia. Ele passou a tomar empréstimos para alimentar a família, endividando-se cada vez mais. Finalmente, decidiu que partir era a sua única opção.

"Não quero deixar meu país, mas não tenho outra escolha", disse, pedindo para ser identificado apenas pelo primeiro nome, temendo represálias. "Não haverá futuro aqui."

Com a situação econômica se agravando, líderes talibãs têm procurado lucrar com o êxodo, regulamentando o negócio lucrativo do tráfico de pessoas. Um funcionário sentado num carro recolhe um "imposto" de cada veículo que se dirige ao Paquistão: mil afeganis (R$ 56).

O grupo também estava taxando quem passava pela principal rota de migração utilizada pelos coiotes. Contudo, depois de denúncias em setembro de que um deles teria estuprado uma menina, o Talibã mudou de tática e passou a bloquear o caminho que passa pelo deserto.

Transportar pessoas todas as noites requer malabarismos delicados. Primeiro o coiote faz um trato com um guarda de fronteira iraniano de baixo escalão para permitir a travessia de um número determinado de migrantes. Em seguida, um comparsa leva os migrantes dos hotéis para um esconderijo no deserto.

Quando o sol se põe, ele e os sócios dirigem por horas, vasculhando a área para detectar patrulhas do Talibã e, uma vez que o caminho esteja livre, levam os migrantes do esconderijo para a fronteira.

Atravessar a divisa é apenas o primeiro obstáculo que os afegãos precisam transpor. Desde a chegada do Talibã ao poder, Paquistão e Irã aumentaram as deportações, avisando que suas economias frágeis não conseguirão dar conta dos refugiados.

Apenas nos últimos cinco meses de 2021, mais de 500 mil migrantes foram deportados destes dois países, segundo dados compilados pela Organização Internacional para as Migrações.

Tradução Clara Allain

# Facebook acumula desafios no caminho para virar Meta

Estão na lista funcionários em fuga e um tombo recorde de 26% nas ações

**TEC**

Sheera Frenkel, Mike Isaac e Ryan Mac

SAN FRANCISCO E LOS ANGELES | THE NEW YORK TIMES O engenheiro do Instagram já tinha feito as malas para as férias em dezembro quando seu chefe o chamou para uma reunião virtual para discutir as metas de trabalho para 2022.

A conversa logo tomou um rumo inesperado quando ele lhe disse que, para ter sucesso na Meta, empresa controladora do Facebook e do Instagram, ele deveria se candidatar a um novo cargo nas equipes de realidade aumentada e realidade virtual.

O engenheiro, que trabalhava no Instagram havia mais de três anos e que não quis ser identificado por temer retaliação, ficou surpreso por ter de se candidatar a um emprego. Ele disse que ainda não decidiu o que vai fazer.

Mark Zuckerberg, fundador e executivo-chefe da empresa antes chamada Facebook, revolucionou a companhia desde que anunciou, em outubro, que apostaria no chamado metaverso [um mundo digital totalmente realizado que existiria além daquele em que vivemos].

Sob essa ideia, sua empresa —recentemente renomeada Meta— apresentaria às pessoas "mundos virtuais" compartilhados e experiências em diferentes plataformas de software e hardware.

Desde então, a Meta buscou uma transformação abrangente, disseram funcionários atuais e antigos. Criou milhares de novos empregos nos laboratórios que fabricam hardware e software para o metaverso.

A empresa contratou engenheiros de metaverso de rivais como Microsoft e Apple. E rebatizou oficialmente alguns produtos, como os "headsets" de realidade virtual Oculus, com o nome Meta.

As medidas representam algumas das mudanças mais drásticas na empresa do Vale do Silício desde 2012, quando Zuckerberg anunciou que o Facebook tinha de levar a rede social dos computadores de mesa para os dispositivos móveis.

A empresa se reestruturou, concentrando recursos na criação de versões de seus produtos compatíveis com celulares e tablets. A reforma foi um enorme sucesso, levando a anos de crescimento.

Mas alterar o rumo da empresa hoje é muito mais desafiador. A Meta tem mais de 68 mil funcionários, mais de 14 vezes seu tamanho em 2012.

Seu valor de mercado aumentou mais de oito vezes nesse período, para US$ 840 bilhões (R$ 4,47 trilhões). Isso até antes do maior tombo da história do mercado de ações (26%), ocorrido nesta quinta-feira (3), após a divulgação dos resultados de 2021. A companhia perdeu em um dia US$ 251,3 bilhões (R$ 1,3 trilhão) em valor de mercado.

Seu negócio está enraizado em publicidade online e redes sociais. E embora a mudança possa dar à Meta uma vantagem na próxima fase da internet, o metaverso continua sendo um conceito amplamente teórico —diferentemente da mudança para o celular em 2012, quando os smartphones já eram usados.

O resultado foi uma disrupção interna, de acordo com nove funcionários atuais e ex-funcionários da Meta que não estavam autorizados a falar publicamente.

Enquanto alguns estavam empolgados com o giro da Meta, outros questionavam se a empresa estava correndo para um novo produto sem corrigir problemas como desinformação e radicalismo em suas plataformas sociais.

No Facebook e no Instagram, algumas equipes encolheram nos últimos quatro meses, disseram, acrescentando que esperavam que seus orçamentos para o segundo semestre de 2022 fossem menores do que nos anos anteriores.

Um porta-voz da Meta disse que construir para o metaverso não é a única prioridade da empresa. Ele acrescentou que não houve cortes de empregos significativos nas equipes existentes por causa da nova orientação.

O giro do Facebook para o metaverso começou pelos altos cargos. Em setembro, Mike Schroepfer, diretor de tecnologia, disse que deixará o cargo até o fim de 2022.

Em seu lugar, Zuckerberg nomeou Andrew Bosworth, conhecido como "Boz", que nos últimos anos liderou o desenvolvimento de produtos como os fones de ouvido Oculus e os óculos inteligentes Ray Ban Stories.

A ascensão de Bosworth foi um sinal de que Zuckerberg estava levando a sério a realidade virtual e o metaverso.

Os dois se conheceram em Harvard em uma aula de inteligência artificial, quando Zuckerberg era aluno e Bosworth, assistente de professor. Desde então, Zuckerberg recorreu a Bosworth para grandes iniciativas. Em 2012, por exemplo, ele foi encarregado de desenvolver os produtos de publicidade para celular do Facebook.

Em outubro, a empresa disse que criaria 10 mil empregos relacionados ao metaverso na União Europeia nos próximos cinco anos. No mesmo mês, Zuckerberg anunciou que estava mudando o nome do Facebook para Meta e prometeu bilhões de dólares para o esforço.

O Reality Labs está agora na vanguarda da migração da empresa para o metaverso, disseram os funcionários. Dos mais de 3.000 cargos vagos listados no site da Meta, mais de 24% são agora para funções em realidade aumentada ou virtual.

Os empregos ficam em cidades como Seattle, Xangai e Zurique. Uma oferta para vaga de "gerente de engenharia de jogos" para o Horizon, game de realidade virtual gratuito da empresa, dizia que as responsabilidades do candidato incluiriam imaginar novas maneiras de vivenciar shows e convenções.

O recrutamento interno para o metaverso aumentou no fim do ano passado, disseram três engenheiros da Meta, que ouviram de seus gerentes que havia vagas para as equipes do setor em dezembro e janeiro.

Um ex-funcionário disse que pediu demissão depois de sentir que seu trabalho no Instagram não seria mais valioso. Outro disse que não achava que a Meta fosse a melhor posicionada para criar o metaverso e que iria procurar emprego na concorrência.

A Meta contratou profissionais que trabalhavam em produtos de realidade aumentada, como o HoloLens da Microsoft e o projeto secreto de óculos de realidade aumentada da Apple. Representantes das duas companhias não quiseram comentar.

Os funcionários da Meta foram instados a contribuir para a mudança em curso de outras maneiras.

Em novembro, eles foram convidados a se inscrever no Projeto Aria, iniciativa para testar novos óculos de realidade aumentada, segundo um memorando interno obtido pelo New York Times.

Os funcionários podem "ganhar pontos e prêmios" usando os óculos e coletando dados por meio das câmeras e sensores do dispositivo, dizia o memorando.

Para reduzir as preocupações das pessoas com a privacidade de serem filmadas com os óculos, os funcionários foram solicitados a usar camisetas identificando-os como "participante de pesquisa", e instruídos a não visualizar ou ouvir os dados captados pelos óculos.

Em uma reunião geral da empresa dias depois de Zuckerberg anunciar que o Facebook apostaria tudo no metaverso, a diretora de operações Sheryl Sandberg respondeu a perguntas dos funcionários sobre a mudança.

Ela disse que estava "animada" com as possibilidades do metaverso e que os participantes deveriam imaginar as infinitas oportunidades que estariam ao alcance das pessoas em todo o mundo, segundo dois funcionários que escutaram a reunião virtual.

Muitos deles demonstraram seu entusiasmo usando emojis de coração. Mas, em um bate-papo privado para engenheiros, um funcionário escreveu: "Quem é o elefante na sala que vai perguntar como tudo isso funciona?"

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

### Seis motivos para as turbulências na Meta

**Usuários em queda**
Nesta quarta (2), o Facebook anunciou que perdeu cerca de 500 mil usuários no quarto trimestre em relação ao trimestre anterior. É o primeiro declínio desse tipo em 18 anos da empresa e levou a um tombo recorde em seu valor de mercado no dia seguinte, de US$ 251,3 bilhões

**Privacidade online**
Mudança no sistema operacional da Apple permitiu aos donos de iPhones vetar que aplicativos monitorem suas atividades online. Assim, a Meta precisa de autorização explícita para rastrear o comportamento de seus usuários, fundamental para a segmentação de publicidade

**Publicidade disputada**
O Google registra vendas recordes em anúncios de comércio eletrônico nas buscas do site, a mesma categoria na qual a Meta teve desempenho fraco nos últimos três meses de 2021

**Fórmula do TikTok**
Para enfrentar o TikTok, a Meta criou a função de vídeo Reels, no Instagram. Mas embora os Reels possam atrair usuários, anúncios nele são menos rentáveis do que em outras ferramentas, como os stories, já que as pessoas tendem a ignorá-los

**Incertezas do metaverso**
O metaverso é ainda um conceito nebuloso e teórico. Há descrença entre os funcionários da Meta e nenhuma evidência de que a aposta será recompensada

**Ameaça de regulação**
A Meta enfrenta várias investigações nos EUA sobre ações anticompetitivas. Legisladores do país se uniram em torno dos esforços do Congresso para aprovar leis antitruste para o setor

Trabalhadora verifica produtos em uma linha de montagem de robôs em província no leste da China Liu Zhenqing - 17.dez.21/Xinhua

# Empresas compraram número recorde de robôs durante 2021

**MERCADO**

Timothy Aeppel

REUTERS Robôs se juntaram à força de trabalho dos Estados Unidos no ano passado em um ritmo jamais visto, fazendo trabalhos como retirar garrafas e latas de esteiras em usinas de reciclagem e colocar produtos em caixas nas empresas de comércio eletrônico. E parece que a tendência vai continuar em 2022.

Empresas em toda a América do Norte investiram mais de US$ 2 bilhões (R$ 10,5 bilhões) em quase 40 mil robôs em 2021 para lidar com a demanda recorde e a escassez de mão de obra impactada pela pandemia.

Os robôs passaram a trabalhar em mais indústrias, indo muito além da sua presença histórica no setor automotivo.

"Com o trabalho humano, o que eles produzem depende se estão com fome ou cansados ou tomaram café", disse Brian Tu, diretor de receita da DCL Logistics em Fremont, na Califórnia.

Fábricas encomendaram 39.708 robôs em 2021, 28% a mais do que em 2020, segundo dados da Association for Advancing Automation (Associação para Automação Avançada). O recorde anual anterior de pedidos de robôs era de 2017, com encomenda de 34.904 robôs, avaliados em R$ 1,9 bilhão (R$ 10 bilhões).

Em 2016, os robôs vendidos para montadoras representavam mais do que o dobro em comparação às entregas a todos os outros setores da indústria. Em 2020 outras empresas superaram o setor automotivo, como as de metais e alimentos e bens de consumo.

O comércio eletrônico é outro de rápida expansão. Na DCL, que tem cinco centros para ecommerce, as linhas que receberam robôs podem operar com menos pessoas e produzir 200% mais.

Uma parcela crescente de robôs é uma nova geração de "cobots", projetados para trabalhar ao lado de humanos nas linhas de montagem.

"O principal fator para automação é a escassez de mão de obra na indústria", disse Joe Campbell, gerente na Universal Robots, unidade da Teradyne, especializada em cobots.

Campbell disse que os cobots estão entrando em indústrias que há muito resistiam à automação. Na construção, vendeu braços robóticos para uma empresa instalar drywall em grandes projetos.

A Stellantis está usando cobots em sua fábrica na Itália para ajudar a produzir o novo veículo elétrico Fiat 500. Embora as fábricas de automóveis usem robôs há décadas para fazer trabalhos como soldar metal, é uma novidade cobots realizarem trabalhos de montagem final.

Na semana passada, o presidente-executivo da Tesla, Elon Musk, disse que vai lançar um robô humanoide em 2023. No curto prazo, esses robôs podem transportar itens em uma fábrica.

Esportistas suíças se apresentam durante mundial de ciclismo indoor em 2018, na categoria artística Divulgação/UCI

# Campeonato mundial de ciclismo será inaugurado em 2023 na Escócia

União Ciclística Internacional anunciou que o megaevento reunirá 13 modalidades do esporte

**CICLOCOSMO**

**Caio Guatelli**

SÃO PAULO A UCI (União Ciclística Internacional) anunciou na quarta (2) a combinação dos campeonatos mundiais das 13 mais populares modalidades de ciclismo em um só lugar, ao mesmo tempo, com a promessa do "maior evento de ciclismo da história".

O evento, oficialmente anunciado como Campeonato Mundial UCI de Ciclismo, reunirá em Glasgow (Escócia), de 3 a 13 de agosto de 2023, provas que historicamente são disputadas em épocas e regiões diferentes.

A intenção da entidade é realizar o megaevento a cada quatro anos, sempre no ano que antecede os tradicionais Jogos Olímpicos.

A lista de modalidades vai do tradicional ciclismo de estrada a tipos pouco conhecidos para o público brasileiro, como o ciclobol —competição entre duas duplas de ciclistas que disputam a bola para marcar o gol, numa quadra semelhante à de futebol.

A modalidade Granfondo —prova de estrada em terreno acidentado, com aproximadamente 160 Km de distância—, será aberta a ciclistas amadores classificados em disputas regionais prévias.

Trudy Lindblade, CEO do evento, espera atrair público suficiente para colocar o primeiro Campeonato Mundial UCI de Ciclismo no nível dos maiores eventos esportivos da atualidade. "Queremos torná-lo um dos 10 acontecimentos esportivos mais assistidos do mundo. Se contarmos os atletas amadores do Granfondo, teremos um total de 8 mil atletas competindo", diz a chefe do campeonato.

Maior cidade da Escócia e terceira mais populosa do Reino Unido, Glasgow tem experiência em grandes eventos.

Além de ter sediado a COP26 —a última conferência da ONU sobre o clima (2021)—, a cidade já sediou os Jogos da Commonwealth (Comunidade de Britânica) em 2014.

"Glasgow será o centro de todas as modalidades, mas podemos competir em toda a Escócia", comenta Lindblade.

Em seu anúncio, além de ressaltar que esse será o maior evento de ciclismo da história, a UCI adiantou o clima de emoção que espera para o evento: "sangue, suor e altos níveis de roupa de lycra extremamente agarrada". Conheça as 13 modalidades.

*

**BMX Racing**
A sigla BMX remete a Ciclismo Moto Cross (Bicycle Moto Cross, em inglês). Apesar do nome, as bicicletas não podem ter motor.

A prova de BMX Racing reúne 8 ciclistas em uma prova de velocidade. A pista tem aproximadamente 370 m para homens e 350 m para mulheres, com rampas e curvas acentuadas. Vence o mais veloz.

**BMX Freestyle Park**
Nas competições de BMX Freestyle Park, com esse nome por causa do parque desenhado para os corredores de BMX, os atletas executam uma sequência de movimentos em obstáculos diferentes, como postes, paredes e bancadas.

**BMX Freestyle Flat**
No Flat, os competidores apresentam uma série de movimentos no chão, ocasionalmente balançando ou girando apoiando em uma só roda.

**Granfondo**
Prova de ciclismo de estrada de longa distância, geralmente com distâncias entre 140 e 180 km, aberta para participação de amadores pré-classificados em granfondos regionais.

**Indoor**
A modalidade reúne em um ginásio de quadra lisa as disciplinas de ciclismo artístico, que é semelhante a ginástica artística, e a disciplina de ciclobol, semelhante a um futebol de quadra, onde a marcação do gol é o objetivo. Cada time de ciclobol possui dois ciclistas-jogadores.

**Mountain-Bike Cross Country**
Também conhecido como MTB XC, é uma modalidade de ciclismo de montanha, fora de estrada, realizado em um circuito de até 5 km com obstáculos naturais (lama, pedras, raízes, buracos) e artificiais (rampas e curvas radicais). Dezenas de atletas largam para disputar um lugar na frente do pelotão. As provas duram cerca de uma hora, vence o mais rápido.

**Mountain-Bike Maratona**
Diferente do MTB XC, o MTB Maratona (ou MTB XCM) é disputado num circuito longo, de até 100 km, normalmente sem repetição de um mesmo caminho. Os obstáculos são em sua maioria naturais de trilhas e estradas de terra.

**Mountain-Bike Downhill**
As bicicletas do MTB Downhill (descida, em inglês) se parecem com motocicletas. Com pneus super largos, suspensões e freios potentes, as bicicletas são projetadas para superarem um trecho de descida de montanha em trilhas e estradas de terra, com obstáculos extremos, incluindo rampas artificiais e declives de penhascos.

Os atletas competem individualmente num trajeto que não leva mais que 3 minutos para ser completado. Vence o ciclista que obtiver o menor tempo.

**Paraciclismo de Estrada**
Prova de ciclismo de estrada para atletas com deficiência, onde os equipamentos podem ser adaptados às condições de cada atleta. A categoria é subdividida entre diferentes níveis de deficiência.

**Paraciclismo de Pista**
Prova de ciclismo de pista (realizada em velódromo) para atletas com deficiência, onde os equipamentos podem ser adaptados as condições de cada atleta. A categoria é subdividida entre diferentes níveis de deficiência.

**Estrada**
Prova de ciclismo de estrada, tradicionalmente realizada em circuito que mistura trechos planos e longas subidas.

A distância total percorrida chega aos 250 km, e as provas alcançam 7 horas de intensas disputas de força e tática.

**Pista**
Diversos tipos de provas de ciclismo realizadas em grupo na pista de um velódromo oval.

**Trial**
Prova onde o ciclista é avaliado individualmente pelo equilíbrio e habilidade.

O ciclista deve superar obstáculos naturais e artificiais sem tocar o corpo no chão ou nos obstáculos.

# Marca de bicicletas ergométricas é alvo de chacota em séries

**F5**

**Julia Jacobs**

THE NEW YORK TIMES Atenção, leitor. Este artigo inclui spoiler da estreia da 6ª temporada de "Billions".

Mr. Big, de "Sex and the City" não foi o único. Em uma das primeiras cenas na estreia da sexta temporada de "Billions", drama da rede Showtime sobre criminosos de colarinho branco, um dos principais personagens da série, Mike Wagner (interpretado por David Costabile), teve um ataque cardíaco enquanto pedalava uma Peloton, bicicleta ergométrica de alto padrão.

Os telespectadores podem ter passado por uma sensação de déjà vu ao ver o personagem descer da Peloton e reagir a uma onda de dor no peito, em meio ao luxo do cômodo em que ele estava fazendo seu treino aeróbico.

No primeiro episódio de "And Just Like That", a continuação de "Sex and the City" que estreou em dezembro passado no serviço de streaming HBO Max, o marido de Carrie, conhecido como Mr Big (Chris Noth), morre de um ataque cardíaco ao concluir sua milésima sessão de exercício em uma Peloton.

Uma diferença nas tramas bizarramente parecidas é que o personagem de Costabile, executivo do fundo de hedge que é peça central da história em "Billions", sobrevive.

A série ainda optou pelo risco de mencionar diretamente o paralelo. Quando volta ao escritório depois de sofrer o ataque cardíaco, Wagner, mais conhecido como Wags, diz aos seus empregados, em tom de triunfo: "Não vou cair morto como Mr. Big".

A Peloton afirmou em comunicado que não havia concordado com o uso de sua marca ou propriedade intelectual na série e não havia fornecido equipamento para o episódio.

"Como a série mesma menciona", afirma o comunicado da empresa, "exercícios cardiovasculares têm grandes benefícios e ajudam as pessoas a viver vidas longas e felizes".

A estreia online da temporada seis de "Billions" aconteceu de surpresa na manhã do último dia 21, antes do horário marcado para sua exibição oficial em rede, domingo à noite.

Mike Wagner, interpretado por David Costabile, na sexta temporada da série 'Billions' Divulgação

O episódio estará disponível gratuitamente em diversas plataformas de streaming, entre as quais o Showtime.com, e no YouTube, até o dia 10 de abril [no Brasil, a série está disponível na Netflix, mas por ora somente até a quinta temporada].

Os produtores executivos da série divulgaram uma declaração na qual afirmam que a cena foi escrita e gravada no segundo trimestre de 2021, meses antes da morte de Mr. Big em "And Just Like That". O diálogo fazendo referência a Big foi acrescentado recentemente, na pós-produção.

"Decidimos acrescentar a fala porque é algo que Wags diria", afirmaram os produtores na declaração.

A Showtime não respondeu de imediato a uma pergunta sobre se a Peloton estava ciente da cena antes da estreia do episódio.

O destaque que a bicicleta recebeu em "And Just Like That" se tornou um problema para a Peloton: depois que o episódio entrou no ar, as ações da companhia caíram.

A companhia tentou inverter o impacto negativo da menção à sua marca produzindo um comercial veiculado online e estrelado por Noth, que aparece sentado diante de uma lareira com sua instrutora da Peloton.

Mas a ideia saiu pela culatra quando, alguns dias depois que o comercial começou a ser veiculado, a revista The Hollywood Reporter publicou um artigo no qual duas mulheres acusavam Noth de agredi-las sexualmente.

A Peloton excluiu o comercial de suas contas de mídia social. (Noth definiu as acusações como "categoricamente falsas", mas posteriormente foi acusado por múltiplas outras mulheres de delitos de conduta sexual, acusações que ele também nega.)

A empresa já vinha enfrentando problemas nas últimas semanas. Depois que o canal de notícias CNBC noticiou que a Peloton planejava suspender a produção de suas bicicletas, o presidente-executivo da empresa negou a informação, mas afirmou que a companhia está estudando demitir alguns empregados. As ações da Peloton caíram em 24% no dia 20 de janeiro.

As cenas dos dois seriados foram desenvolvidas em um período no qual restrições forçavam as pessoas a se exercitar em casa durante a pandemia, mas a demanda por equipamentos da Peloton vem minguando agora que os Estados Unidos estão retornando à sua velha rotina.

Tradução Paulo Migliacci

Hospital de campanha para pacientes com influenza, em 1918, em Camp Funston, no estado americano do Kansas National Museum of Health and Medicine/Wikipedia

# Pandemia de 1918 mostrou que indiferença pode piorar a crise

## Retirar restrições na hora errada fez com que EUA enfrentassem novos surtos

**MUNDO**
**ANÁLISE**

**John M. Barry**
Historiador americano, autor de 'A Grande Gripe - a História da Gripe Espanhola, a Pandemia Mais Mortal de Todos os Tempos' (Intrínseca)

**NOVA ORLEANS | THE NEW YORK TIMES** De acordo com a maioria das histórias sobre a epidemia de influenza de 1918, que matou pelo menos 50 milhões de pessoas em todo o mundo, ela terminou no verão de 1919, quando a terceira onda da doença respiratória contagiosa finalmente perdeu força.

Mas o vírus continuou a matar. Uma variante que emergiu em 1920 foi suficientemente letal para justificar ter sido vista como uma quarta onda. Em algumas cidades americanas, entre as quais Detroit, Milwaukee, Minneapolis e Kansas City, o número de óbitos foi ainda maior que o da segunda onda, responsável pela maioria das mortes pela pandemia nos EUA.

Isso ocorreu apesar de a população americana já contar com alto grau de imunidade natural contra o vírus, depois de dois anos com vários picos de infecção, e de a letalidade viral já ter diminuído.

Durante a virulenta segunda onda, que chegou ao auge no outono (do hemisfério Norte) de 1918, quase todas as cidades dos EUA adotaram restrições. No inverno daquele ano, com a chegada de uma nova onda, menos grave, algumas cidades voltaram a impor medidas de contenção. Mas em 1920, nenhum município reagiu: as pessoas estavam fartas da influenza, e as autoridades públicas também.

Os jornais estavam cheios de notícias assustadoras sobre o vírus, mas ninguém dava ouvidos. As pessoas da época fizeram pouco caso dessa quarta onda, e os historiadores também a ignoraram.

Em 1921 o vírus passou por novas mutações, tornando-se a influenza sazonal comum. Mas o mundo já deixara de se preocupar com a pandemia muito antes disso. Não podemos repetir esse erro.

É verdade que nesse momento temos todos os motivos para estarmos otimistas. Para começo de conversa, os casos de ômicron estão em queda em muitas partes. Em segundo lugar, daqui a pouco quase a população inteira dos EUA terá sido infectada ou vacinada, o que vai fortalecer o sistema imunológico das pessoas contra o vírus como o conhecemos hoje. E, embora a ômicron seja extraordinariamente hábil em infectar as vias aéreas superiores, fato que a torna tão transmissível, ela parece menos capaz que as variantes anteriores de atingir os pulmões, de modo que é menos virulenta.

É inteiramente possível —e talvez até mesmo provável— que, diante de uma resposta imune melhor, o vírus continue a perder letalidade.

De fato, existe uma teoria de que a pandemia de influenza de 1889-1892 tenha sido causada por um coronavírus chamado OC43, que hoje provoca o resfriado comum.

Por todas essas razões, nesse momento o excesso de confiança, a indiferença ou o cansaço (depois de dois anos combatendo o vírus e uns aos outros) representam um perigo para o mundo.

Os sinais de que estamos fartos —ou com esperanças injustificadas— são visíveis em toda parte. Embora mais de 70% da população adulta dos EUA já esteja vacinada com as duas doses, os avanços estagnaram, e até 27 de janeiro apenas 44% dos americanos haviam recebido a dose de reforço, que oferece proteção vital contra o risco de infectados adoecerem gravemente.

Embora a maioria de nós (especialmente pais com filhos) queira que as escolas permaneçam abertas, apenas 20% das crianças americanas na faixa dos 5 aos 11 anos estão plenamente vacinadas.

Como foi o caso em 1920, as pessoas estão fartas de precauções. Essa indiferença está entregando o controle ao vírus. O resultado é que, embora a ômicron pareça ser menos virulenta, a média de mortes diárias por Covid nos últimos sete dias nos EUA já ultrapassou o pico visto com a variante delta, no final de setembro.

E há mais: é possível que o vírus ainda não tenha se cansado de nós. Não obstante a probabilidade razoável de que as variantes futuras sejam menos virulentas, mutações são aleatórias. A única certeza é a de que cepas futuras que sejam bem-sucedidas vão se esquivar da proteção dada pela imunidade que temos hoje. Elas podem se tornar mais perigosas.

Foi o que ocorreu não só em 1920, com o último estertor do vírus de 1918, mas também nas pandemias de influenza de 1957, 1968 e 2009.

Em 1960, nos EUA, depois de boa parte da população ter conseguido proteção, por ter sido infectada ou vacinada, uma variante levou o pico de mortalidade a superar os níveis pandêmicos de 1957 e 1958. No surto de 1968, uma cepa na Europa provocou mais mortes no segundo ano, apesar de, mais uma vez, uma vacina estar disponível e muitos já terem contraído a doença.

Na epidemia de 2009 também emergiram variantes que provocaram um aumento nas infecções. Um estudo feito no Reino Unido constatou "uma carga maior de doença grave no ano após a pandemia", mas "muito menos interesse público pela influenza".

Cientistas atribuíram essa indiferença ao enfoque do governo. No primeiro ano, a resposta de saúde pública foi "altamente assertiva", principalmente com a oferta de informação. Não houve lockdowns.

No segundo ano, descobriram os cientistas, "a abordagem foi o laissez-faire" (deixar acontecer). Em consequência disso, houve "grande número de mortes e internações hospitalares, muitas vezes envolvendo pessoas em idade economicamente ativa e de outro modo saudáveis".

Em vista desses precedentes, deveríamos ter cuidado. As vacinas, a nova droga retroviral paxlovid e outras podem pôr fim à pandemia a partir do momento em que bilhões de doses forem disponibilizadas globalmente —e se o vírus não desenvolver resistência a elas. Mas o fim não chegará a curto prazo.

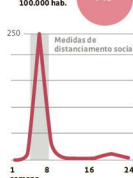
O futuro imediato ainda depende do vírus e de como usarmos nosso arsenal atual: vacinas, máscaras, ventilação, a droga antiviral remdesivir, esteroides e distanciamento social. Como sociedade, abandonamos em grande medida as restrições de saúde pública que constam dessa lista. Como indivíduos, ainda podemos agir.

Tradução Clara Allain

### As curvas da gripe espanhola nos EUA

Rigidez do distanciamento social influenciou pico e número de casos em 1918

**Nº de mortes por gripe espanhola a cada 100.000 hab.**

**Filadélfia 4**
Além de demorar oito dias para iniciar medidas de distanciamento social, a cidade permitiu que acontecesse um desfile que reuniu 200 mil pessoas depois que já havia casos confirmados da doença

**1 Nova York**
A cidade iniciou sua quarentena 11 dias antes que houvesse o pico na taxa de mortes. Entre as medidas estava a redução do horário comercial. A taxa de mortes foi a mais baixa entre as grandes cidades da Costa Leste dos EUA

**2 St. Louis**
Metrópole do Missouri implantou medidas de distanciamento (como impedir reuniões públicas e isolamento dos doentes em casa) dois dias depois do primeiro caso de gripe espanhola na cidade

358 mortes por 100.000 hab.
Medidas de distanciamento social
100
1 8 16 24
semana

Fonte: National Geographic "How some cities 'flattened the curve' during the 1918 flu pandemic"